

**Até quando uma mulher pode suportar a
dor de não ter ninguém ao seu lado nos
piores momentos da sua vida?**

Perdas e Danos Vol. 1



Sozinha...

DANIELLE R. G. PEDRO



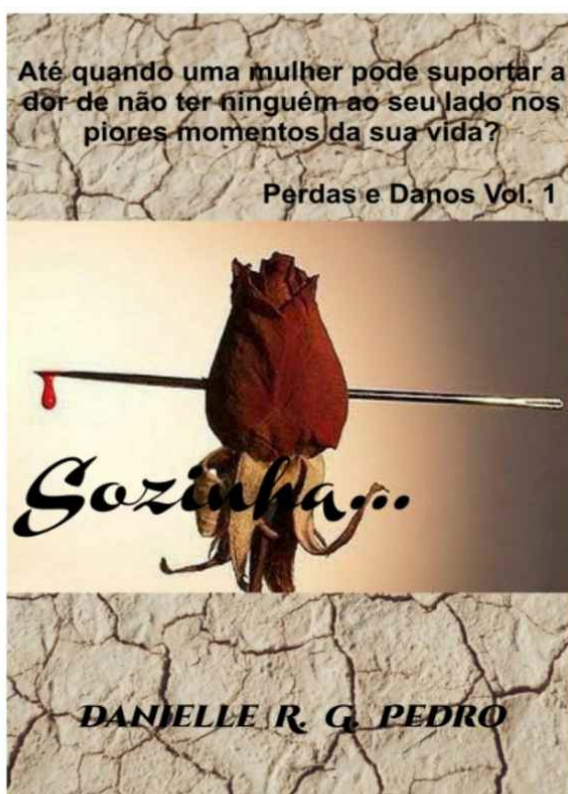
**Até quando uma mulher pode suportar a
dor de não ter ninguém ao seu lado nos
piores momentos da sua vida?**

Perdas e Danos Vol. 1



Sozinha...

DANIELLE R. G. PEDRO



Informações Legais:

Copyright © Romances DRGP

Todos os direitos reservados. Proibida a violação dos direitos autorais estabelecidos pela lei 9.610/98 – artigo 184 de 19/02/1998 em vigor pelo Código Penal Brasileiro.

Dito isto, Plágio é crime, portanto é legalmente proibida a reprodução, distribuição e download gratuitos ou não, sem o consentimento da responsável pela obra.

Este livro é uma obra de ficção cujo os personagens e as cenas são frutos da imaginação da autora. Contudo os locais em algumas passagens existem, mas sem ligação direta com os fatos.

Contém assuntos polêmicos que podem entrar em confronto com dogmas e convicções, bem como linguagem e descrição explícita de cunho sexual, destinadas exclusivamente ao público adulto.

1º Edição – Título: Sozinha

Brasil/RJ/Agosto/2019/Perdas & Danos Vol.1

Capa, Diagramação Digital, Revisão: DRGP & RGP

Fontes de Pesquisa:

www.hospitalsiriolibanes.org.br

Gait Analysis

Super Interessante

Índice:

Dedicatória

Sinopse

Primeiro Capítulo

Segundo Capítulo

Terceiro Capítulo

Quarto Capítulo

Quinto Capítulo

Sexto Capítulo

Sétimo Capítulo

Oitavo Capítulo

Nono Capítulo

Décimo Capítulo

Décimo Primeiro Capítulo

Décimo Segundo Capítulo

Décimo Terceiro Capítulo

Décimo Quarto Capítulo

Décimo Quinto Capítulo

Décimo Sexto Capítulo

Décimo Sétimo Capítulo

Décimo Oitavo Capítulo

Décimo Nono Capítulo

Vigésimo Capítulo

Vigésimo Primeiro Capítulo

Vigésimo Segundo Capítulo

Vigésimo Terceiro Capítulo

Vigésimo Quarto Capítulo

Vigésimo Quinto Capítulo

Vigésimo Sexto Capítulo

Vigésimo Sétimo Capítulo

Vigésimo Oitavo Capítulo

Vigésimo Nono Capítulo

Trigésimo Capítulo

Trigésimo Primeiro Capítulo

Trigésimo Segundo Capítulo

Trigésimo Terceiro Capítulo

Trigésimo Quarto Capítulo

Trigésimo Quinto Capítulo

Trigésimo Sexto Capítulo

Trigésimo Sétimo Capítulo

Outras Obras

Agradecimentos

Sobre a Autora

Divulgação

Contato

Para o Meu Filho,

Nada na vida é mais natural do que o meu instinto de te amar, ser sua mãe me faz querer ir sempre além, me faz acreditar que posso sempre mais.

Sinopse:

O quão sozinha uma mulher pode se sentir a ponto de desistir dos seus sonhos?

Até quando uma mulher pode suportar a dor de não ter ninguém ao seu lado nos piores momentos da sua vida?

Dyla Marques sofre com o preconceito por sua deficiência física, a vida nunca foi fácil para essa moça esforçada que trabalha na limpeza do shopping e que vive para cuidar da mãe doente e da irmã rebelde.

Todavia de um dia pra outro a sua vida torna-se ainda mais difícil, e é exatamente neste momento que conhece o jovem médico Nyel Pessanha, aquele que pode ser a sua salvação ou perdição de uma vez por todas.



A gente ama até sangrar
Até não dá pra aguentar
A gente ama até achar
O próximo pra amar
E a gente ama outra vez
E é tão certo desta vez
Eu te amo até o tempo apagar
Tudo que você fez
E o silêncio nos mostra
Mas ninguém parece ouvir
O silêncio nos mostra
O caminho a seguir
Sozinha
Com minha mente
Que não para de mudar
Eu nunca achei que fosse
Gostar de estar só
Sozinha
Com meus sonhos
Que não param de crescer
Eu nunca achei que fosse
Entender o que é estar só
Só sem você
A gente ama até esgotar
Até não ter o que salvar
A gente ama até prometer
Que nunca mais vai amar
E a gente ama outra vez

E é tão certo desta vez
Eu te amo até a vida mostrar
Que eu estava errada talvez
Finalmente agora eu posso ver
Que sozinha eu sei que posso ser
O que eu sempre quis
E era tão difícil com você

Manu Gavassi

PRIMEIRO CAPÍTULO

Sozinha...

Sentimento no qual uma pessoa perde-se numa profunda sensação de vazio e isolamento.

Refere-se a uma busca, onde se precisa de algo novo, algo que a transforme, algo que sofre interferências do mundo externo, mas que seja qual for a mudança necessária, só acontecerá no interior de cada um.

A maior lição dada é aquela que lhe é esfregada na cara quando você leva uma rasteira bem dada da vida.

Diga quem você realmente é que o outro te mostrará a sua real face, não tem meio termo, ou você se apresenta para o mundo ou viva com quem este acha que você é.

Simples assim, máscaras um dia caem, muitas vezes para a pessoa errada, paciência, a vida é uma cadela vingativa acostume-se com isso e siga em frente.

Contudo saiba que recuar não é para os fracos, mas para os inteligentes, saber frear no oportuno é sinal de habilidade no campo de batalha, viver no recuo no entanto, é morrer sem nunca ter o corpo enterrado, sem uma finalização.

Retorne ao ponto de partida quando preciso, mas volte a caminhar no instante em que conseguir se manter de pé com as suas

próprias pernas e vá adiante.

Olhe sim pra trás, busque aprendizagem, erre novamente, siga o seu caminho, porque é tudo que lhe resta, é o que faz de você quem verdadeiramente é, sem máscaras, pelo menos pra si mesmo.

Você alguma vez já parou pra pensar porque as pessoas são como se apresentam ao mundo? Se em algum momento o que você tem delas é realmente o que são?

É tão esperado criar uma casca dura como armadura e esconder do mundo quem está por trás daquele aço impenetrável.

É tão possível nas primeiras horas, talvez dias? Contudo quando o tempo corre tudo se complica porque ninguém consegue ser o que não é pra si mesmo, ao menos que o ponto de sanidade tenha sido rompido.

A dor é solitária assim como a falta de fé em si mesmo, a rachadura da alma traz ao mesmo tempo luz ao breu como fantasmas à vida.

Certifique-se de como o mundo te enxerga, mas principalmente de como apresenta-se pra si mesmo, porque no momento em que você deparar-se com quem realmente é a coisa pode não ficar muito bonita pro seu lado.

Pessoas são seres de antecipada complicação, um amontoado de sentimentos, muitas vezes com o peso de um passado tórrido.

O sofrimento é uma bagagem pesada que traz em seu bojo a dor de não ser capaz de superar atribulações intrincadas na alma.

Dentre esse turbilhão de questionamentos que podem nos levar a insanidade está o amor.

O maldito sentimento de duas caras, uma a qual ansiamos, outra na qual tentamos inutilmente desviar o caminho.

A vã tentativa já é uma causa perdida, mas cedo ou mais tarde todos somos de alguma forma aplacados por esse ancião que usa de sua sabedoria para arriscar em nossas vidas.

Todavia, mesmo sendo um velho membro dos campos de batalha, o amor tem as suas fraquezas, atos tão sem defesa que não condizem com o tempo de aprendizado por estar no mundo ainda antes de nós.

Entretanto até mesmo um mestre das artes dos sentimentos, o soberano desses, tem o seu lado frágil e carente.

Brecha para a dor infiltrar-se como um câncer maligno levando ao chão toda e qualquer barreira planejada e executada, erguida pra evitar o caos.

Aprisione os seus medos, tolos ou não, eles vão te levar ao mais fundo do poço. Não permita que o desconhecido provoque uma rachadura na sua armadura, ao menos que não tenha escolha, bem, geralmente é o que acontece, somos pegos desprevenidos e levados numa correnteza de decisões mal traçadas e por fim estamos abatidos no nosso próprio jogo.

Sofrer tem vertentes, onde estas podem derrubar um soldado, mas também podem proporcionar os meios necessários para transformá-lo numa arma de guerra imbatível.

Tudo depende de como você utiliza as perdas e danos que a vida lhe impõe, que valia essa experiência te traz em tempo real.

É uma questão de tática, armazenamento de dados, desenvoltura de habilidades, firmar os pés no chão e a cabeça focada no alvo.

Nada passa por você sem deixar marcas, você não se envolve no mundo de alguém sem deixar rastros da sua existência.

Se isso vier a acontecer em qualquer um dos casos, freie agora mesmo, porque algo está errado, pois provavelmente você não fez a coisa da forma tal como deveria ser.

Então conclui-se que esqueceu algo precioso no trajeto até aqui, deixou pra trás alguém essencial, você.

Dessa forma não tem outro jeito, volte e se busque em meio a entulhos da sua própria história, resgate-se e mostre do que é capaz, simplesmente por ser quem é, dado esse passo, nunca mais se deixe, mas se

isso por ventura acontecer, retorne enquanto existir vida em você, contudo se ache, sempre, nunca desista.

É só uma sugestão...

Como sei disso?

Bem... digamos que sou uma sobrevivente do momento em que me vi de verdade pela primeira vez.



Eu achava coisas que não acho mais
Cabia em roupas, sentimentos
Que já não me servem mais
O tempo corria
E eu me sentia
Sempre um passo atrás
Na pressa em busca do que me traria
Preencher vazios
Tornar sonhos reais
Mais o medo é sim meu inimigo
De outros carnavais
Tudo muda
Até as estações
Serve de esperança
Aos corações
O ontem passou
E o amanhã ainda não é meu
Tudo que mudou
Me transformou
No que hoje sou eu
Eu achei que nunca
Fosse superar
A dor que é perder alguém
E ter que continuar
Mas sou bem mais forte
Do que eu poderia imaginar
Pensei em mais de um milhão de vezes
Em parar

Em desistir de mim
Por não acreditar
E hoje eu sou
O meu melhor motivo
Para comemorar
E o presente
É o presente que a vida me deu

Kell Smith

SEGUNDO CAPÍTULO

- Ei garota manca, foda não poder correr, hein?
- Tadinha Milena deixa a alejadinha em paz!
- Ah fique quieto Lean, corre docinho, você consegue... o próximo!!!

Meus olhos estão no chão de concreto, lágrimas escorrem por minhas bochechas, as mesmas piadinhas de merda, bullying em tom de brincadeiras.

As risadas vindas de não muito longe perdem-se no ar quando devagarinho me afasto do grupo de jovens, puxo o meu casaco de moletom para mais junto do peito e conserto o capuz que estava escapando da minha cabeça.

O moletom já viu dias melhores com a sua antiga dona, alguma alma samaritana que fez a doação a igreja evangélica perto da minha casa e mamãe conseguiu trazer pra mim.

A calça jeans também está com pequenos rasgos do tipo não proposital, mas são os tênis dois números menores do que os meus que estão me matando, calçados apertados detonam os pés de um jeito muito fodido.

A minha perna boa tenta em vão acelerar o passo, mas a minha outra perna que tenho que mover arrastando no chão me impede de

chegar a tempo para alcançar o ônibus.

Olho para o relógio, o próximo só passa daqui a aproximadamente quarenta minutos, sento no banco do ponto e encosto a minha cabeça na pilastra, não tenho muita escolha senão esperar.

Graças à Deus que muitos clientes deixaram restos de seus pedidos pra trás e estou bem alimentada.

Hoje o movimento do shopping foi pesado, muitas mesas para limpar, o chão ao redor estava constantemente sujo precisando ser varrido, não parei um minuto.

Meu trabalho no shopping é por conta de uma empresa terceirizada que paga um mês pra dever dois, mas foi tudo o que consegui, e não foi por falta de tentativas, tem currículo meu pra tudo quanto é lado da cidade onde moro.

Sorocaba no interior de São Paulo é uma cidade com fama de ser um polo de empregos e atrai gente de tudo quanto é parte do país, mas aparentemente estou batendo nas portas erradas.

Não ajuda muito na minha causa não ter uma formação profissional e ser portadora de deficiência física.

As pessoas esperam por uma falha minha o tempo todo, uma confirmação de que não vou conseguir, sei que só me deram o emprego por conta das exigências legais em contratar uma cota de portadores de deficiência, caso contrário dificilmente conseguiria esse trabalho.

Não importa, preciso do salário para pagar aluguel, luz, água, compras do supermercado e os remédios da minha mãe.

O meu pai faleceu a quase dois anos, desde então tive que ralar muito para assumir o seu lugar.

A minha mãe sempre foi muito doente, cardiopatia, diabetes, osteoporose, e a minha irmã ainda estuda, apesar dos nossos apenas três anos de diferença de idade, sou eu com vinte e três que fui impulsionada a ser a responsável pelos cuidados e sustento da família.

Bruna é a caçula de nós duas, deixei de estudar para que ela se formasse em jornalismo, uma de nós têm que ter uma vida

próspera, recuei para que ela avance.

Com a doença da minha mãe e a ausência do meu pai que trabalhava como motorista de ônibus para uma empresa, praticamente fui eu que criei a minha irmãzinha.

Bruna é uma peste revoltada com a vida, sempre querendo mais do que posso dar, a sua ambição chega a ser descabida, mas eu a amo muito.

O tempo passa e começa a chover, os pingos engrossam e um temporal surge quase que de imediato, as laterais do ponto de ônibus são descobertas e logo estou encharcada.

O frio congela as minhas mãos, os meus lábios tremem, estou menstruada e uma cólica me faz levar as mãos a massagear a área dolorida.

As coisas foram bem apertadas no final desse mês, novamente a farmácia da prefeitura nos deixou na mão, faltaram vários remédios que a mamãe não pode ficar sem, então o jeito foi economizar ainda mais.

Além do mais com a formatura da Bruna chegando todo dinheiro que entra não pode fazer desvios, mesmo uma faculdade não paga tem os seus custos.

Assim os meus próprios medicamentos que não têm disponíveis no setor público ficaram inacessíveis de serem comprados.

Estou zero por cento protegida, incluindo o da cólica menstrual que é um inferno na minha vida, bom, este tem na rede, mas estava em falta pra variar.

A doze anos atrás sofri um acidente quando dei um salto mal calculado na piscina da casa de uma amiga da escola, o meu pé bateu de mau jeito na beirada cimentada tendo como consequência o meu quadro de anormalidade na marcha, que causa dificuldade na locomoção.

No meu caso houve lesões nos músculos, trazendo a perda da coordenação motora e com ela do equilíbrio natural do pé quando posto no chão, porque ocorreu o rompimento do trabalho habitual da

musculatura naquela região afetada.

No começo não pareceu que seria nada demais, permaneci esperançosa por um bom tempo, mas quando uma cirurgia após outra não pareceu bastar soube que más notícias viriam, e com elas a confirmação de que me tornei portadora de deficiência física.

O ônibus finalmente chega após uma hora e quinze minutos de espera, pago a passagem e procuro pelo assento prioritário e é evidente que dois deles estão ocupados por quem não tem esse direito.

O casal de estudantes está no maior amasso sem se importar com os olhares pro lado deles, suspiro em aceitação e tento me equilibrar o melhor que posso contra o balanço e freadas bruscas, como a maioria das coisas na minha vida o jeito é deixar pra lá.



Eu quero ficar perto de tudo que acho certo
Até o dia em que eu mudar de opinião
A minha experiência meu pacto com a ciência
Meu conhecimento é minha distração
Coisas que eu sei
Eu adivinho sem ninguém ter me contado
Coisas que eu sei
O meu rádio relógio mostra o tempo errado
Aperte o play
Eu gosto do meu quarto do meu desarrumado
Ninguém sabe mexer na minha confusão
É o meu ponto de vista, não aceito turistas
Meu mundo tá fechado pra visitação
Coisas que eu sei
O medo mora perto das ideias loucas
Coisas que eu sei
Se eu for eu vou assim não vou trocar de roupa
  minha lei
Eu corto os meus dobrados
Acerto os meus pecados
Ninguém pergunta mais depois que eu já paguei
Eu vejo o filme em pausas, eu imagino casas
Depois eu já nem lembro do que eu desenhei
Coisas que eu sei
Não guardo mais agendas no meu celular
Coisas que eu sei
Eu compro aparelhos que eu não sei usar
Eu já comprei

As vezes dá preguiça na areia movediça
Quanto mais eu mexo mais afundo em mim
Eu moro num cenário do lado imaginário
Eu entro e saio sempre quando tô afim
Coisas que eu sei
As noites ficam claras no raiar do dia
Coisas que eu sei
São coisas que eu antes somente não sabia
Agora eu sei

Danni Carlos

TERCEIRO CAPÍTULO

A fisioterapia está maltratando comigo da forma certa, se não fosse por esses momentos com Diego, meu fisioterapeuta carrasco, provavelmente eu não teria recuperado parte da minha condição de marcha.

Essa condição reflete-se a habilidade para executar movimentos precisos. A marcha é uma sequência repetitiva de movimentos dos membros inferiores que move o corpo para frente enquanto simultaneamente mantém a estabilidade no apoio.

Na marcha um membro atua como um suporte móvel, em contato com o solo enquanto o membro contralateral avança no ar, o conjunto de movimentos corporais se repetem de forma cíclica e os membros invertem os seus papéis a cada passo.

A sequência simples do apoio e avanço de um único membro é denominada ciclo de marcha.

O ciclo é o período compreendido entre o primeiro contato do pé com o solo até o próximo contato deste mesmo pé com o solo.

O ciclo de marcha é dividido em duas fases: apoio onde o pé encontra-se em contato com o solo e balanço onde o pé é elevado do solo para o avanço do membro.

Conheci Diego anos atrás logo que fui encaminhada

ao tratamento de fisioterapia de reabilitação.

O coroa rígido me assustou no começo, mas logo percebi que ser sisudo é apenas parte do seu charme natural.

Na verdade compreendi que no meu caso ele coloca mais do que o seu lado profissional em prática, sei disso porque por diversas vezes me disse que o meu acidente o faz lembrar do que quase levou a morte da sua filha que afogou-se quando tinha doze anos, levando um bom tempo em recuperação.

Foi nessa época que surgi como sua paciente, nesses anos já abandonei e retornei o tratamento diversas vezes, pois por mais que seja patrocinado pelo governo, em muitas situações tive que cuidar da mamãe pela sua situação clínica frágil, ir atrás das consequentes irresponsabilidades da minha irmã, fazer bicos pra colocar o que comermos na mesa, em outras não tive dinheiro para a passagem de dois ônibus para chegar ao hospital, estava fraca demais pela falta de alimentação adequada ou com falta de resistência pela ausência dos meus medicamentos.

Analiso o espaço que cheira a esperança e reluz fé, tantas pessoas com foco no que a vida pode ainda render se forem obstinadas à alcançar os seus objetivos, isso me fez querer mais, exigir mais de mim mesma.

As vezes ao julgar os olhares em minha direção me acho diferente, não pertencente a qualquer lugar, como se estivesse desconexa da normalidade a minha volta.

A deficiência física não traz mais exclusão do que a forma como as pessoas veem o que não compreendem, como julgam de antemão a sua incapacidade.

O desconhecido leva a negação, ser desigual chama a repelir, mas nada mais doloroso do que um olhar de pena direcionado a sua possível incapacidade de ser completa, porque no avaliar de muitos não há unidade suficiente numa pessoa que não seja inteira.

Não se tem em consideração para mais do que pesar ou repulsa aqueles cujo as partes que o formam não estejam uniformemente aceitáveis ao status social de normal, talvez só um outro deficiente, um negro,

um obeso, um homossexual, possam entender as minhas palavras.

Respiro fundo e sigo com os meus exercícios, os olhos de águia do meu fisioterapeuta exigindo que eu retorne de onde quer que a minha mente tenha me levado, porque o meu momento é agora, o ontem e o amanhã não estão em pauta se não superarmos as dificuldades do agora.



Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber
Que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar
E poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós
É saber se sentir infinito
Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar
Então fazer valer a pena
Cada verso daquele poema sobre acreditar
Não é sobre chegar no topo do mundo
E saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo
E também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo em todas as situações
A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso, eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim
Não é sobre tudo
Que o dinheiro é capaz de comprar
E sim sobre cada momento
Sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr contra o tempo
Pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera
A vida já ficou pra trás

Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

Ana Vilela

QUARTO CAPÍTULO

Hoje é um dia daqueles que a pessoa prefere ter ficado por debaixo das cobertas.

Se não fosse a música ao vivo me absorver de tantos olhares de pena e reprovação, juro que teria pirado com esse povo aqui.

A música é boa, mas o cara do vocal é um babaca, ficamos na paquera até que eu me mexesse e o traste virasse o rosto quando me viu arrastar o pé para limpar a mesa perto do palco.

Infelizmente isso é mais comum do que pode uma consciência sã acreditar. Muitos sujeitos se encantam por mim até perceberem a minha deficiência, daí perdem o interesse.

Alguns vão em frente no flerte, foi assim que me aventurei com alguns deles, mas geralmente só têm uma coisa em mente, sexo, depois que conseguem fingem não me conhecerem, assim aprendi a ver cada um como o meu parque de diversão temporário.

Limpo uma mesa pela terceira vez só hoje e me afasto, quanto mais eu rezo mais tipos como essa mulher sentada com um grupo de amigas na praça de alimentação do shopping surgem.

Arrasto-me para uma mesa que acaba de desocupar e retiro o resto de comida deixado pra trás, perto da pia como um pouco do churrasco frio e da Coca-Cola já sem gás.

Volto para limpar a mesa, olho para os meus pés e percebo como estão presos sem espaço para respirar dentro do maldito tênis apertado.

Tudo o que eu não posso fazer é ficar de pé por muito tempo ou fazer muito esforço físico, os tênis apertados então nem falo nada, só somam as coisas erradas nos meus dias.

As mulheres gritam quando o cantor dedica uma música a aniversariante que se derrete por ele, não a culpo, por fora ele é realmente lindo, mas saiba ela que aquilo deve ser apenas uma casca vazia.

O grupo está comemorando o aniversário da bonita, então ela trouxe bolo, salgadinhos e refrigerantes, dessa forma acho que pensa que de alguma forma alugou o espaço que está usando gratuitamente.

Fecho os olhos quando a noto a minha procura, ops, a danada da mulher me encontrou escondidinha na pilastra, droga, ela reclama que sou lerda e não chama nenhuma das outras três meninas da limpeza, me marcou como escrava branca do dia.

E lá vamos nós de novo, dedinhos erguidos cheios de anéis acena mais uma vez pra mim indicando que caiu refrigerante no chão.

Faço um sinal de "só um minuto" e caminho para pegar o mop esfregão, ela impacientemente faz um gesto tipo "corre garota" e é a minha vez de virar os olhos pro lado dela, se eu pudesse iria correr mesmo, pra bem longe dela.



Procuro a solidão
Como o ar procura o chão
Como a chuva só desmancha
Pensamento sem razão
Procuro esconderijo
Encontro um novo abrigo
Como a arte do seu jeito
E tudo faz sentido
Calma pra contar nos dedos
Beijo pra ficar aqui
Teto para desabar
Você para construir

Ana Cañas

QUINTO CAPÍTULO

As minhas mãos estão trêmulas quando Beto chega muito perto e sorrir pra mim, ele é o gerente do meu setor e um gatinho, tenho uma queda pelo cara desde que o vi pela primeira vez, loirinho e com um bocão carnudo, do jeitinho que eu gosto, fora os olhos verdes e a barba que, uau, convidam uma garota a ficar de quatro para ser arranhada nas suas partes íntimas.

— Docinho você pode limpar o chão da área da Carol pra mim, por favor?

Ele me dá uma piscadinha sacana que me faz ver estrelinhas coloridas.

— Claro, mas... por quê?

Junto os meus longos cílios negros em questionamento.

— Hum, a pobre não está se sentindo muito bem.

Ele chega perto do meu cabelo e o cheira, causando um arrepio imediato na minha pele.

— Já disse que amo esse seu cabelo cor de carvão? O quê acontece se eu riscar um fósforo nele? Você é do tipo de garota quente, hein? Diz pra mim Dyla Marques.

Sorrio como uma tola, sei disso, como também tenho noção das lentes dos meus óculos estarem embaçadas.

Ele me dá um tapinha no bumbum e sai carregando Carol. Inclino a cabeça e faço uma careta.

— Vou levar a pobre coitada para deitar um pouco no sofazinho da minha sala.

Balanço a cabeça e vou limpar a área da Carol já que a minha já está nos conformes.

Após alguns minutos ouço um celular tocar na jaqueta jeans da Carol, sigo para entregar o aparelho a ela porque vejo o nome e a foto do seu filho de oito anos piscando na tela.

Nem chego na sala da gerência onde Carol supostamente estaria descansando do mal estar quando ouço gemidos baixinhos e palavras sussurradas sujas como "mete mais fundo esse pauzão em mim" e "não pare, estou quase gozando".

Encosto o ouvido na porta e passo a escutá-los.

— Você acha... que sou... um cara que não... vai pro céu por enganar uma... aleijada?

Ele rosna de prazer, sua respiração falha algumas

vezes.

- Kkkk... vamos juntos pro inferno Beto, a coitada faz tudo que pode pra ter o seu pau enfiado nela. Você deveria quebrar o galho da garota, cadê a sua solidariedade?
- Tá louca? Não achei o meu pau no lixo não, além do pé manco a garota nem deve tomar banho direito, usa a mesma roupa quase que sempre quando chega ou vai embora, ai de nós se não fosse o bendito uniforme, se ela troca de calcinha como de blusa e jeans a boceta dela deve ser mais fedida do que lata de lixo.
- Kkk... mas ela serve muito bem pra me cobrir enquanto eu satisfaço o meu chefinho, né?
- E aquela aberração serve mais pra quê?
- Você a cheirou hoje, deve ter ficado com a calcinha arruinada. Será que vai ter grana pra comprar outra ou virá trabalhar sem?
- Ela cheira a sabonete do mais barato.
- Jura?
- E a desodorante spray, quem mais usa isso hoje em dia?
- Ela come os restos dos clientes, você quer mais o quê?
- Nojenta!!! Nem fodendo me aventuro naquela boceta fedida.

Em algum momento o celular volta a tocar na minha mão, nem havia notado que ficou mudo, o rosto da criança reaparece no visor.

- Esse é o toque do meu celular, o que programei com a música predileta do meu filho.

Ela diz.

- Quem está aí?

Não penso, giro a fechadura, o que encontro me faz

ofegar, Carol está sentada no colo do Beto completamente nua, ele com a calça jeans arreada junto aos tornozelos.

Os digitalizo com lágrimas escorrendo por meu rosto e acumulando nos meus lábios.

— Acho que é pra você.

Jogo o celular no colo dela que tem os olhos arregalados.

— Dyla... me escuta...

Ouçó o Beto gritando o meu nome, mas já estou me arrastando pra bem longe deles.



Hoje enfim eu dei o fora
Bem na hora
Arranquei a amarra
Vou cair na farra
Tchau
Hoje não tem fria
Não tem freio, não tem fila
Não tem fardo
É feriado pessoal
Hoje eu dei no pé
Te dei um pé
Só peço um doce vento
E pra você, um pouco mais de sal
Hoje o sol declara o fim da guerra
E não vou dar o troco
Tu foi muito pouco
Pra eu ficar fazendo carnaval
Hoje o mundo gira
Eu viro a mesa
O tempo passa
Ficar contigo deu despesas
Te deixar vai ser de graça
Hoje o mundo gira
Que beleza: a gente passa!
Ficar contigo deu despesa
Te deixar vai ser de graça
E além de chato já perdeu a graça
E se quiser saber se eu fico bem assim
Confie em mim

É impossível ser melhor
Muito ajuda quem não atrapalha
Em qualquer canto tem outro canalha
Eu não fico só

Bruna Caram

SEXTO CAPÍTULO

Domingo é um dia de cão pra trabalhar no shopping que parece ser a praia de veraneio do pessoal das redondezas, estou esgotada, suor escorre pelo meu cabelo.

Uma olhadinha no espelho e bufo para o contorno borrado do meu lápis de olho preto, vou deixar de usar essa merda pra trabalhar, desisto, fico parecendo o Po do Kung Fu Panda, com olhos muito pretos com círculos escuros envolta deles.

A droga que hoje é a minha folga, mas faltei semana passada para levar mamãe ao médico então estou cumprindo as horas que devo.

Deixei alguns currículos por aí, depois da última a três semanas atrás gostaria de estar bem longe do Beto e da Carol, mas não tive qualquer notícia sobre uma nova oportunidade de emprego fora os meus dois fracassos recentes.

Digo, fui selecionada para duas entrevistas na semana passada, uma para caixa de supermercado e outra para vendedora numa loja de roupas de bebês, as gerentes fizeram cara de tédio pro meu lado quando mal entrei nos ambientes.

Tudo bem que a minha roupa não era das melhores que qualquer uma delas deve ter visto antes, mas até que dessa vez dava pra passar, coloquei o meu melhor vestido e sandália, um tubinho azul e preto que uma amiga da minha irmã deu pra ela, mas que ficou largo no corpo dela, então o recebi de terceira mão.

Bruna e eu temos a mesma altura, somos bem altas, mas tenho mais curvas, quadril mais largo e o meu bumbum é bem mais chamativo do que o dela.

Aliás a única coisa que temos em comum é a altura, somos de muitas formas muito diferentes, enquanto sou morena de olhos castanhos, a minha irmã é loira de olhos verdes, puxei o lado da família do meu pai e ela da mamãe.

Sempre ouvi todos a minha volta firmarem as nossas diferenças, Bruna sempre foi bem mais bonita do que eu, seu perfil é exótico, não me acho feia, só comum.

Acontece que depois do acidente os olhares estavam voltados com admiração pro lado dela e de pena pro meu lado.

Voltando, durante as entrevistas ficou evidente que a minha deficiência era o meu ponto fraco, propositalmente não coloquei esse detalhe no meu currículo acreditando que se me conhecessem poderiam não negar logo de cara.

A falta de uma profissão com uma formação específica no meu histórico também não me foi de serventia.

Dito isto o que restou foi por agora fazer o meu melhor por aqui, mesmo que eu tenha consciência absoluta que o meu melhor para os outros não passa nem perto do que realmente sou capaz.



Além do arco-íris
Pode ser
Que alguém
Veja em meus olhos
O que eu não posso ver
Além do arco-íris
Só eu sei que o amor
Poderá me dar tudo o que eu sonhei
Um dia a estrela vai brilhar
E o sonho vai virar realidade
E leve o tempo que levar
Eu sei que encontrarei a felicidade
Além do arco-íris
Um lugar
Que eu guardo em segredo
E só eu sei chegar
Um dia a estrela vai brilhar
E o sonho vai virar realidade
E leve o tempo que levar
Eu sei que encontrarei a felicidade
A luz do arco-íris
Me fez ver que o amor
Dos meus sonhos tinha que ser você

Luiza Possi

SÉTIMO CAPÍTULO

Sorrio porque o meu corpo involuntariamente começou a mexer com a música, amo Luiza Possi e não consigo ficar quieta quando a voz dessa mulher surge no alto falante. Muitas famílias estão reunidas na praça de alimentação, fazer o almoço de domingo pelo visto é coisa do passado.

Devoro o meu lanche do Burger King e engulo às pressas o refri, uma das meninas faltou e Carol está dodói com o nosso gerente cuidando dela.

Por dodói eu quero dizer fodendo com o chefe na maior cara de pau enquanto ficamos uma novata recém contratada e eu nos trombando a todo momento pra dar conta do trabalho.

Alexandra é uma garota boa de jogo, não fez corpo mole e não me olhou de cima à baixo pela minha deficiência, demorou mas percebi o motivo, ela também tem uma deficiência no braço direito que a leva a fazer tudo como se fosse canhota, ou talvez seja de fato.

A garota é uma loira de olhos cinzas linda, parece uma modelo de passarela, lembra muito a minha irmã, mas com uma personalidade super na dela, simpática e educada, mas calada ao extremo, parece uma pessoa muito triste.

Não me leve a mal, muitos deficientes são pessoas felizes e realizadas, a nossa condição apesar de ser pré requisito para uma suposta depressão, por muitas questões envolvidas, desde a dificuldade de realizar atividades cotidianas a preconceitos embutidos, não afeta a todos, contudo a muitos de nós sim, cada um tem a sua forma de lidar com os problemas.

Limpo algumas mesas, passo o mop esfregão no chão e retiro pratos e talheres pra lavar onde os juntamos em um canto.

— Pare e coma algo Alexandra, o serviço aqui não acaba nunca.

Falo me aproximando dela e tomando uns pratos apoiados no seu braço bom, ela faz uma careta que entendo melhor do que ela

possa supor.

— Eu te ajudo com o seu braço e você me ajuda com a minha perna, melhor do que dupla sertaneja.

Um esboço de sorriso surge nos seus lábios, apenas isso.

— Vá cobrir o estômago teimosa.

Ela observa ao redor e conheço esse olhar.

— Não sei quanto a você, mas eu vivo numa merda financeira do caramba, sendo assim como os restos dos clientes, mais cedo não dei sorte, todavia uma família grande está deixando a mesa perto do balcão de suporte, comida boa e cara deixada pra trás.

Dou de ombros.

— Não estou querendo te ofender com isso...

— Não está, eu agradeço.

Sem dizer mais a vejo ir até a mesa sendo desocupada e retirar o que foi dispensado, pelo o que parece tenho uma nova sócia das sobras dos clientes.



Eu desço dessa solidão
Espalho coisas sobre
Um chão de giz
Há meros devaneios tolos
A me torturar
Fotografias recortadas

Em jornais de folhas
Amiúde
Eu vou te jogar
Num pano de guardar confete
Disparo balas de canhão
É inútil pois existe
Um grão-vizir
Há tantas violetas velhas
Sem um colibri
Queria usar quem sabe
Uma camisa de força
Ou de Vênus
Mas não vou gozar de nós
Apenas um cigarro
Nem vou te beijar
Gastando assim o meu batom
Agora pego um caminhão
Na lona vou a nocaute outra vez
Pra sempre fui acorrentada no seu calcanhar
Meus vinte anos de boy
That's over, baby
Freud explica
Não vou me sujar
Fumando apenas um cigarro
Nem vou te beijar
Gastando assim o meu batom
Quanto ao pano dos confetes
Já passou meu Carnaval
E isso explica porque o sexo
É assunto popular
No mais estou indo embora

Elba Ramalho

OITAVO CAPÍTULO

— Então qual é a sua história?

Aponto para o braço deficiente de Alexandra. Ela me analisa com os olhos cerrados por um tempo e depois desvia a sua atenção para uma sujeirinha na ponta da sua unha pintada de rosa clarinho.

— Longa história, no mínimo.

— Diga-me a versão resumida.

Ela comprime os lábios.

— Acidente.

— Carro?

— Moto.

— E como foi?

— Como a maioria dos acidentes de moto, um erro e tchau.

— Você estava pilotando?

Seu tique nervoso mordendo o lábio inferior se intensifica.

— Não.

— Quem estava?

Ela ofega baixinho.

— Alguém sem importância agora pra mim.

— Um ex?

— Sim.

— Namorado?

Suas unhas cravam na madeira da mesa.

— Ex noivo.

— Por que ex? Tem haver com o acidente?

— Sim.

— Então...

Ela tem as narinas dilatadas.

— Então eu era noiva, cinco dias para o meu casamento.

— Que merda!

— Nós tínhamos quatro anos de namoro, dois de noivado.

— Um relacionamento longo.

— Estávamos indo resolver algumas pendências, um carro atravessou a nossa frente.

— Meu Deus! Ele morreu?

— Morreu pra mim, mas está bem vivo e casado com outra.

— O quê?

— Fiquei no CTI por quase um ano.

— Isso tudo?

— Quando acordei estava abandonada num leito, descobri que o meu noivo não ia me visitar a meses, na verdade ninguém ia me visitar.

— Nem a sua família?

— Eu não tenho família.

— E os seus pais?

— A minha mãe morreu quando eu tinha seis anos de câncer, o meu pai nunca conheci, quem me criou foi o meu padastro que morreu de ataque fulminante no coração a três anos.

— Sem irmãos?

— Se é que posso chamar de meu irmão o filho do meu padastro, tem o Juliano, está preso, assalto à mão armada a um banco, nem fomos criados juntos, ele cresceu sendo cuidado pela mãe dele.

— Você não tem ninguém?

— Não.

— Vive sozinha?

— Vivo.

Não tenho palavras, tudo o que consigo é pesar na situação dessa garota, me acho muito sozinha, mas pelo menos tenho a minha mãe e a minha irmã, ainda que a última mal vejo, porque nunca está por perto.



Alma
Deixa eu ver sua alma
A epiderme da alma
Superfície
Alma
Deixa eu tocar sua alma
Com a superfície da palma
Da minha mão
Superfície
Easy, fique bem easy,
Fique sem, nem razão
Da superfície
Livre
Fique sim, livre
Fique bem com razão ou não
Aterrize
Alma
Isso do medo se acalma
Isso de sede se aplaca
Todo pesar não existe
Alma
Como um reflexo na água
Sobre a última camada
Que fica na superfície
Crise
Já acabou, livre
Já passou o meu temor
Do seu medo sem motivo

Riso, de manhã, riso
De neném a água já molhou
A superfície
Alma
Daqui do lado de fora
Nenhuma forma de trauma
Sobrevive
Abra a sua válvula agora
A sua capsula alma
Flutua na superfície
Lisa, que me alisa
Seu suor, o sal que sai do sol
Da superfície
Simples, devagar, simples
Bem de leve
A alma já pousou
Na superfície

Zélia Duncan

NONO CAPÍTULO

Troquei o meu período de trabalho com a Alexandra, ela nunca pede nada, pra ter feito isso acredito que deva ter tido uma boa razão. Hoje eu cumpriria o turno pela manhã e sairia às 14:00, só que agora vou cobrir o atendimento até às 22:00.

Quando entrei o sol estava quente lá fora, mas agora até por conta do ar-condicionado está super frio aqui dentro.

As quintas são mais tranquilas, o público a ser atendido diminui em um número relativamente pequeno se comparado ao de sexta à domingo.

Então dá pra sentar e mexer um pouco no celular, só não tem muito o que comer, as sobras de comidas são praticamente nulas.

Levanto pra ir ao banheiro quando pela minha visão periférica vejo uma figura familiar, estreito os olhos na sua direção porque ela teria que estar dentro da sala de aula e não de paquera com um rapaz, admito, muito bonito.

Bruna não me vê de primeira, a sua atenção está toda no rapaz moreno de olhos escuros.

Os amassos são um pouco exagerados pra quem está em público e bem chamativos, aliás a roupa que a minha irmã está usando não é nada discreta.

O vestido preto é tão apertado e curto que quase dá pra ver a calcinha, fora o decote, seus seios estão em exposição deixando o cara louco.

Ele morde o pescoço dela, passa as mãos nas coxas nuas, agarra a bunda, mete a cara entre os seus seios, resumindo é uma cena em tanto.

Bruna vive pegando roupas emprestadas das amigas de turma em troca de fazer os trabalhos pedidos pela faculdade.

Gargalho porque ela realmente não me nota de jeito nenhum, estou quase salivando pela pizza que os dois estão comendo.

Hum, quem sabe eles me deixam beliscar um pouquinho da pizza deles, quentinha e sem ser resto de ninguém pra variar.

Adoro pizza, é o meu alimento preferido no mundo todo, mas infelizmente quase sempre os clientes devoram o tabuleiro todo, poucas vezes consegui beliscar um pouquinho deixado pra trás.

Nós funcionários temos direito a lanches, almoço e janta dependendo do horário, mas eu os guardo para mamãe e Bruna quando a última está em casa.

Sorrio quando finalmente ela percebe a minha presença, pelo menos assim parece, aceno para dizer que vou ao banheiro e já volto pra falar com eles.

Mordo o lábio porque odeio chamar o interesse dos outros junto a mim, infelizmente não consigo pela minha deficiência, mas

bem que tento.

A princípio acho que a minha irmã não me viu, que entendi errado, assim continuo a fazer gestos pra chamá-la a me olhar.

Nada, a criatura desvia o rosto pro outro lado e o enterra na lateral do pescoço do rapaz.

Desconfiada arrasto-me até ela, estou com muitas dores que me fazem ir mais devagar do que o habitual.

As pessoas ali me analisam como se eu fosse uma aberração ou algo do tipo, cada olhar um sentimento, a maioria pena.

Quanto mais perto chego mais ela se esconde no agasalho do seu acompanhante.

Enxergo o momento em que fica vermelha pimenta malagueta, rosto, pescoço e braços quando vou me aproximando.

Como é muito branquinha, nota-se logo, não que eu seja muito menos clara, mas com certeza a minha irmã ganha no quesito pele quase transparente.

Pisco os olhos quando entendo que a minha irmã está me ignorando, porque não é possível, estou chamando os olhos de muitos na praça de alimentação pra mim.

De repente ela faz um sinal para que eu olhe o celular, entendo quando o aparelho vibra na minha mão que chegou uma mensagem.

A mensagem chega pelo WhatsApp, estou num pico a ponto de desmoronar quando leio o que ela me mandou.

"Por favor Dyla, não me envergonhe, esse cara é importante demais pra mim, a família dele tem grana, se ele souber que a minha irmã limpa mesa e chão no shopping o seu interesse por mim vai pro brejo e ainda por cima tem essa sua coisa feia e estranha de arrastar o pé no chão, quebra esse galho mana, finge que não me conhece".

Meus olhos vão atônitos junto aos dela, ela está com vergonha de mim? Do meu trabalho? O mesmo que garante o teto, alimento, roupa e estudo dela?

E pior, está com vergonha do carinha saber que sou deficiente? Sim, eu arrasto o pé, mas continuo sendo a irmã dela.

Agora entendo não levar nunca ninguém lá em casa, sequer uma amiga de faculdade ou um namorado, ela tem vergonha de nós, muito provavelmente da nossa casa caindo aos pedaços também.

Digitalizo quando culpa bate nos seus ombros, seu olhar é de desculpas, tenho vontade de jogar a merda no ventilador de uma vez, mas a única coisa que faço é seguir para o banheiro, afinal a minha bexiga está explodindo, de lá vou embora, para a minha realidade de merda.



Tempo, tempo manu velho
Falta um tanto ainda eu sei
Pra você correr macio
Tempo, tempo, tempo manu velho
Tempo amigo seja legal
Conto contigo pela madrugada
Só me derrube no final

Pato Fu

DÉCIMO CAPÍTULO

Observo o tempo fechando pela janela do meu quarto, fungo o nariz com o cheiro de morfo, as paredes da nossa casa estão todas com bolor, o telhado de madeira está precisando de reformas urgentes e há vazamentos pelos tetos, quando chove temos que colocar baldes pra todo canto.

Espreguiço e noto que estou um pouco quente, só faltava essa pra mim, cair de cama em pleno início de semana.

Meus pés estão congelando mesmo que esteja usando meias de lã quentinhas, puxo o pijama para me acolher melhor e levanto.

Quando faço isso preciso me arrastar o mais rápido possível até o banheiro que fica no corredor para não vomitar no chão.

Abraço o vaso sanitário e uma gosma verde é jogada

na louça velha e encardida pelo excesso de uso.

— Maldito caldo verde!

Xingo pra mim mesma.

Nesse imóvel já moraram muitas pessoas, inclusive um grupo de estudantes que dava festas com direito a merdas afins.

Quando viemos morar aqui a casa estava abarrotada de lixo, muito suja mesmo, levamos um tempão limpando os cômodos, mas o efeito do tempo de mau uso estão por toda parte, paredes, chão, mobília.

Por mais que eu tente melhorar a aparência do lugar não tem jeito, a casa está se desfazendo aos poucos.

Esse foi um dos motivos que o velho que é o dono do lugar nos alugar, não temos fiador e nem renda suficiente de garantia, só eu trabalho, mamãe não ficou com pensão alguma, apesar de lutamos até hoje na justiça por isso.

Ela tem os seus direitos por ser viúva do meu pai, acontece que descobrimos que ele tinha outra família em outro município e que a esposa é pensionista porque era casada legitimamente, ao contrário da minha mãe.

Ele criou dois filhos dessa mulher que não são seus herdeiros consanguíneos, enquanto nós passávamos por apertos porque o seu salário tinha que manter duas famílias ao mesmo tempo.

Levanto ainda tonta e vou até a pia para escovar os dentes, firmo no balcão que range contra o meu corpo, mas de um jeito atrapalhado consigo pentear o cabelo.

Estou caminhando para cozinha quando estranho o silêncio e a falta do cheirinho de café matinal.

Bruna passou o final de semana fora na casa de uma amiga, não estamos nos falando desde aquele dia no shopping, ela mostrou-se uma ingrata com vergonha da própria irmã que faz tudo pro bem dela.

Mamãe não está na cozinha, o que é muito atípico dela, sempre acorda muito cedo e faz o café.

— Mãe? Mãe? Mãe?

Chamo.

— Mamãe? Mamãe?

Grito.

Sigo até a sala, não a encontro, vou arrastando até o quarto dela me segurando nas paredes, tudo gira ao meu redor.

Mamãe está deitada na cama de qualquer jeito, nem puxou a coberta pra se cobrir, está numa posição horrível.

— Mãe? O quê há?

Ela geme baixinho quando passo as mãos no seu cabelo e braços, a sua pele está gelada.

— Está se sentindo mal?

Ela abre os olhos sonolenta.

— Oi filha, não estou muito bem.

— O quê a senhora tem?

— O meu coração está muito acelerado, estou com dor e mal estar.

— A senhora tomou os seus remédios antes de dormir?

— Claro que sim filha.

— Vou ligar para o meu gerente e dizer que não posso trabalhar hoje e vou levá-la ao pronto socorro.

— Filha, não é pra tanto.

— Como não?

— Vou melhorar, só me deixe dormir mais um pouco, ok?

— Mas mãe...

— Sem mas, só me deixe quietinha filha.

— Mãe...

— Agora vá trabalhar com Deus.

— Vou ligar para a Bruna vir pra casa ficar com a senhora.

Minha mãe bufa e resmunga "aquela garota ingrata não liga pra mim, não perca o seu tempo".

Depois disso pede que eu a cubra e volta a dormir. Preocupada com a minha mãe ficar em casa desse jeito sozinha ligo para a minha irmã, o celular dá o aviso de caixa postal.



Eu sei que cada um
Só tem a vista da montanha que escala
Por isso todo dia eu me preocupo
Em fazer a coisa certa
E mesmo assim
Infelizmente, às vezes não parece adiantar
Porque o mundo tá tão louco
E as pessoas andam tão estranhas
Me diz se ainda passa o medo
De não ser o melhor de mim
E se a gente se cobra menos
Em algum momento disso aqui
Me diz
Quando já não sei qual é a direção
E tudo que faço é seguir meu coração
Então me viro
E giro para onde gira o sol
Quando já não sei qual é a direção
E tudo que faço é seguir meu coração
É por instinto
Que eu encontro a luz, sou girassol
Eu quero aquela vida
Que a gente inventa antes de dormir
Mas pra dar certo
Sei que tenho que acordar tomando atitude
O tempo não me espera
Só porque quero jogar tudo pro ar
E quase sempre é em desistência

Que o fracasso se resume

Kell Smith

DÉCIMO PRIMEIRO CAPÍTULO

Estou tremendo quando ligo para o Beto, ter um gerente como ele só dificulta a vida de uma pessoa como eu, um cara que não tem a mínima compaixão pelos problemas alheios.

— Dyla?

A sua voz é áspera quando atende.

— Beto, mamãe não acordou se sentindo bem...

— E você está me ligando pra dizer que vai faltar de novo.

— Desculpa mas é que...

— Escuta Dyla, você tem os seus direitos assegurados por lei, mas nós temos os nossos também. A empresa precisa de funcionários ativos, não alguns enfeites na folha de pagamento.

— Beto...

— A situação está azeda pra todo mundo, mas você destaca a sua com marca texto, posso comprovar isso pelo o número de atestados que tira por conta da doença da sua mãe, desse modo fica mais aos cuidados dela do que aqui trabalhando.

— Você está exagerando.

— Se é o que pensa perdeu a noção dos atestados que tirou só esse mês, está se tornando cada vez mais difícil te segurar na equipe.

— A minha mãe precisa de mim.

— Nós também.

— Não posso deixá-la assim sozinha.

— Cadê a sua irmã?

— Não atende o celular, já tentei, só cai na caixa postal, fiz várias tentativas de falar com ela.

— Problemas familiares não é da minha alçada querida, resolva as suas merdas e venha trabalhar, conto contigo daqui a algumas horas.

Com essas palavras ele desligou. Desgraçado! Começo a andar de um lado pra outro sem achar uma solução.

— Bruna, cadê você?

Volto a discar o número do celular da minha irmã, cai novamente na caixa postal.

— O quê eu faço meu Deus!

Levo as mãos ao cabelo e arranho os meus braços. É quando lembro dos vizinhos. Vou até o quarto e coloco o meu jeans, moletom e tênis.

Quando abro a porta dou de cara com um vento gélido, estremeço, sigo pela rua deserta, são 6:10 da manhã, muitos dos nossos vizinhos ainda estão dormindo.

A casa à direita da nossa é de uma idosa muito doente que mora sozinha, mamãe costuma ser o seu porto seguro. A outra da esquerda está abandonada com os herdeiros lutando por ela na justiça.

Bato palmas em outras seis casas, mas ninguém me atende, duas estão com as luzes das varandas acesas o que indica que o senhor que mora sozinho em uma pegou estrada porque é caminhoneiro e da outra a família foi para o Nordeste visitar os parentes.

Inicio um ataque de pânico quando resolvo tentar ligar para a minha irmã mais uma vez, no oitavo toque ela atende.

— Caralho!!! Estou dormindo, porra!!!

A sua voz estranha me faz dá um passo pra trás

nervosa.

- Onde você está? Andou bebendo?
- Não é da sua conta, estou com sono, vou desligar.
- Espera...
- Sei que ligou pra ver se estou bem, aí vai a sua resposta, estava melhor dormindo antes de ser acordada por você.
- Bruna, mamãe não acordou bem.
- Diga-me uma novidade.
- Não fale assim da mamãe, ela está doente.
- Eu não sou médica nem remédio.
- É da nossa mãe que estou falando.
- Você não é a filha perfeita? Cuide dela você.
- Ela está passando mal.
- Leve ao pronto socorro.
- Ela não quer ir, eu tentei.
- Então ela não está tão mal assim, vai por mim, mamãe adora um teatro de pobre coitada abandonada pelas filhas.
- Por favor, venha ficar com ela, estou muito preocupada.
- Estou longe de casa.
- Onde você está?
- Já disse que não é da sua conta.
- Pelo amor de Deus Bruna, me ajude.
- Chame por um vizinho.
- Já tentei, acho que a maioria não atendeu...
- Porque estão dormindo.
- Provavelmente.
- É o que pessoas normais fazem a essa hora.

- Não, pessoas normais acordam essa hora para irem trabalhar.
- Resolvido.
- Como?
- Daqui a pouco um acorda, não é essa a sua teoria de gente normal?
- Bruna...
- Daí você pede ajuda.
- Vou perder o ônibus para ir trabalhar, se eu chegar atrasada Beto vai comer o meu fígado.
- Ótimo, você precisa mesmo ser comida por um cara, quem sabe deixa de ser chata.
- Não estou brincando Bruna.
- Nem eu.
- Venha pra casa agora, sua desmiolada, preciso de você, nossa mãe precisa de você.
- Não, me deixar em paz.
- Beto ameaçou me despedir.
- Faz um boquete nele que acalma a fera.
- Não sou esse tipo de garota.
- Do tipo que mete a boca em um pau gostoso? O Beto é uma gracinha, não será nenhum sacrifício, todos ganharão enfim.
- Pare de falar besteiras.
- Falou a encalhada.
- Vou deixar de te dar as coisas se você não estiver aqui pela mamãe hoje.
- Foda-se você e as suas ameaças.

— Estou falando sério, vai meter esse focinho ingrato e procurar emprego para sustentar as suas merdas, vai ralar para pagar as suas contas, pra mim chega.

Silêncio, então eu desligo a chamada. Estou ligando pro Beto para dizer que pode falar o que for, mas tenho que cuidar da minha mãe quando o celular vibra na minha mão com uma chamada da Bruna.

— Chego em duas horas.



Se o mundo inteiro me pudesse ouvir
Tenho muito pra contar
Dizer que aprendi
Na vida a gente tem que entender
Que um nasce pra sofrer
Enquanto o outro ri
Mas quem sofre sempre tem que procurar
Pelo menos vir achar
Razão para viver

Ivete Sangalo

DÉCIMO SEGUNDO CAPÍTULO

Trabalho por uma hora com o coração pesado, liguei para mamãe algumas vezes, que voltou a dizer que só quer dormir. Esfrego o meu peito pelas fisgadas brucas que recebo a cada vez que penso na minha mãe sentindo-se mal em casa sozinha.

Quando liguei pra Bruna fiquei sabendo que conseguiu uma carona e estava indo pra casa.

Limpo aqui, varro lá, não consigo me acalmar, também estou com febre, Alexandra me deu um medicamento que leva consigo na bolsa.

Beto me olha com cara feia e a minha não deve estar das melhores pro lado dele, entendi porque precisava tanto de mim aqui, ele

deu o dia de folga a Carol justificando que o filho dela está doente.

Respiro fundo, não desejo nenhum mal pro garoto da Carol, mas direitos de igualdade passam longe da forma desse cara gerenciar uma equipe.

Para piorar as coisas hoje é dia de um evento de artesanato no shopping, a administração faz isso para chamar o público para os dias de início de semana cujo o movimento é fraco.

Grupos de senhoras da terceira idade sentam nas mesas e consomem de tudo um pouco, pedem pra arrastar mesas e cadeiras e tudo mais.

Elas são fofas demais e muito carinhosas, mas também muitas delas são muito carentes e querem alguém pra conversar.

Em dias normais não ligo, até gosto, aprendo muito com elas, mas hoje não estou pra conversa, não que pareçam entender isso.

Uma delas foi minha professora na educação infantil, tenho tantas coisas boas nas minhas lembranças sobre ela.

Dona Rosa me deu atenção e carinho quando precisei dela lá por mim, não precisei pedir, seu instinto apurado a fez perceber que eu precisava dela entorno de mim.

Um professor deveria ganhar rios de dinheiro ou pelo menos ser idolatrado em nossa sociedade, como aquele cidadão sábio e extremamente necessário para o bem comum.

Tudo começa na educação infantil, onde estamos sendo moldados, caráter, respeito ao próximo, valorização da vida.

Faço o máximo para ser gentil com as senhoras, afinal não as culpo de estarem vivendo as suas próprias vidas.

As horas passam comigo alternando entre as chamadas para a minha mãe e para Bruna.

— É uma sacanagem o que Beto está fazendo com você.

Fecho os olhos e encosto a minha testa no azulejo frio do banheiro. A febre está voltando, já vomitei mais duas vezes desde que vim

trabalhar.

— Estou pirando aqui Alexandra.

— Se houvesse um jeito de te cobrir eu faria, assim você poderia ir embora dá assistência a sua mãe.

— Eu sei, obrigada pelo remédio.

— De nada, quer tomar outra dose?

— Se não for abusar demais, por favor, preciso mesmo de outro comprimido.

Ela põe a mão na minha testa.

— Deus! Você está queimando de febre, me espera aqui.

A observo sair, encosto o meu corpo no azulejo e vou arrastando-o até o chão. Levo o meu rosto ao encontro dos meus joelhos e começo a orar pra Deus proteger a minha mãe e a minha irmã que pelo que entendi está na estrada.



Despertar
Sob a luz de um novo dia
E renovar
Encontrando nova força para amar
Em tempos difíceis
Descobrir
Sem querer o quanto é frágil
Decidir
Escolhendo cada passo onde ir
Num futuro incerto
Nada é fácil
Prosseguir apagando da memória
Tudo aquilo que fez a nossa história
Nossa vida de novo começar
Eu canto ao vento
Que beija os meus cabelos no alento
Eu canto ao mar
Que apaga os meus sentidos
E me faz recomeçar
Decidi avançar o meu caminho
Sem deixar
Que o passado, o destino, possam destruir
Uma vida honesta
Revirar
Alegrias e lamentos
Entender
Que só mesmo o próprio tempo
Nos dará, todas as respostas

DÉCIMO TERCEIRO CAPÍTULO

Estou ligando para minha mãe insistentemente a quase duas horas, entre o momento em que ela não atendeu mais as minhas chamadas ao que saí sem olhar pra trás do serviço. O ônibus atrasou pra variar e quase furei o chão de cimento do ponto, as pessoas me olhavam arrastar o pé pra lá e pra cá entre rostos irônicos e preocupados.

Bruna também não atende mais as minhas chamadas, estou puta da vida com ela, contudo entendo que possa ser porque está na estrada vindo de sei lá Deus onde.

As pessoas, prédios, carros, ônibus, motos passam num flash pelos os meus olhos através da janela nublada pelos pingos grossos do temporal que cai lá fora.

Está muito frio ou o meu corpo está muito pouco aquecido pelo o meu moletom gasto, ou talvez a razão seja o meu nervosismo.

Tem um cara corpulento se esfregando na minha bunda com cara de paisagem. Puta merda, vou dá uma joelhada na cabeça de baixo dele, já que a de cima não deve funcionar tal como deveria.

O ônibus está lotado, tem gente até nas escadas de acesso da frente e de trás, a mulher ao meu lado é bem baixinha, o seu corpo sacode a cada parada brusca jogando respingos de água da sua sombrinha no meu rosto.

O cheiro da mistura de suor, perfumes e outras coisas a mais junto ao balanço do ônibus estão trazendo a minha ânsia de vômito adormecida de volta.

Meu estômago ronca alto me constrangendo, olho pro chão envergonhada, hoje não comi nem bebi nada além de água, não desce, estou muito estressada com a situação da minha mãe.

Tentei o celular dos únicos dois vizinhos que tenho registrado os números no meu aparelho, um está viajando com a família, o outro no trabalho.

O celular da Bruna permanece caindo na caixa postal, estou começando a ficar preocupada com ela também e me sentindo culpada por obrigá-la a pegar a estrada às pressas de carona com alguém que pode ter feito alguma barbeiragem no caminho.

Quando aproxima do meu ponto de desembarque, vou me esgueirando das pessoas e indo pra frente do ônibus.

Descer foi realmente uma tarefa difícil, as pessoas mal podiam se mexer, mas o toró que me aguardava quando sai do veículo me deixou mil vezes numa situação pior.

Ando o mais rápido que posso, meus pés arrastando no chão molhado, doloridos no tênis apertado, sinto o material interno ferindo a minha pele, mas não paro.

De repente estou no chão, a minha bolsa foi parar na poça d'água, levei um escorregão numa calçada mais lisa me ralando toda.

Ofego quando vejo que me machuquei feio, está doendo muito, todavia me ergo, pego a bolsa e sigo para casa.

Alívio me enche o peito quando chego na rua de casa, o sangue nos meus braços escorre juntando-se as gotas de chuva.

Pisco parada olhando o trinque enferrujado do portão, fecho os olhos e tento conter os primeiros soluços provenientes de um choro arrebatador que estou segurando.

Com os meus dedos trêmulos finalmente abro o portão e a porta da frente, meu coração parece que vai abandonar o meu peito a qualquer momento.

— Mamãe?

Chamo.

— Mamãe?

Chamo um pouco mais alto.

— Bruna? Bruna? Bruna?

Grito.

Percorro os cômodos e não as vejo em lugar algum da casa.

Será que Bruna levou a mamãe no pronto socorro? Por que não me ligou avisando?

Meu rosto arde e vejo no espelho que ralei a pele da bochecha esquerda e a ponta do nariz na queda.

Talvez tenha aproveitado a tal carona para socorrer a mamãe.

Estou prestes a avançar para o pronto socorro mais próximo quando lembro do nosso pequeno quintal, balanço a cabeça me achando ridícula, nessa chuva e se sentindo mal mamãe não iria ser louca de ir lá fora.

Nem que fosse pra tirar os seus vasos de flores delicadas da chuva forte?

Em um picar de olhos estou me arrastando para o nosso quintal, porque essa sim é o tipo da coisa que a minha mãe faria.

Seco o meu rosto na manga do moletom e desvencilho dos fios de cabelo jogados pelo vento nos meus olhos.

Dou alguns passos a mais e é quando vejo... o corpo da minha mãe caído no chão junto a chuva forte.

Tem um corte enorme na sua testa e sangue misturado com água da chuva no chão vindo da sua cabeça.

As mechas estão sujas de sangue lavado pela chuva e ela está muito branca, fria e desacordada.

— Nããããããoooooooo!!!!!!

— Socorrooooooooo!!!!!!

— Socorrooooooooo!!!!

— Socorrooooooooo!!!!

— Socorrooooooooo!!!!

— Nãããããoooooooo!!!!



Quando o sol
Se derramar em toda sua essência
Desafiando o poder da ciência
Pra combater o mal
E o mar
Com suas águas bravias
Levar consigo o pó dos nossos dias
Vai ser um bom sinal
Os palácios vão desabar
Sob a força de um temporal
E os ventos vão sufocar o barulho infernal
Os homens vão se rebelar
Dessa farsa descomunal
Vai voltar tudo ao seu lugar
Afinal
Vai resplandecer uma chuva de prata
Do céu vai descer
O esplendor da mata vai renascer
E o ar de novo vai ser natural
Vai florir
Cada grande cidade o mato vai cobrir
Das ruínas o novo povo vai surgir
E vai cantar a final
As pragas e as ervas daninhas
As armas e os homens do mal
Vão desaparecer nas cinzas de um carnaval

Clara Nunes

DÉCIMO QUARTO CAPÍTULO

Fiquei estática segurando o corpo da minha mãe contra o meu, não mais chorei, não mais gritei, acho que sequer respirei, não tive reação ao menos automática, me fechei dentro de mim com o rosto virado pro céu observando a chuva lavar parte da minha dor, a água escorria por meu rosto de uma forma até apaziguadora, mas de uma hora pra outra o temporal se intensificou ainda mais selvagem do que quando desci do ônibus.

Nunca pensei que seria assim que perderia uma parte minha, alguém que eu amasse tanto a ponto de ser mais importante do que a minha própria vida.

Apenas poder observá-la partir, sabendo que cheguei tarde demais, sem ao menos me despedir, mas cá estou sem um único adeus assistindo o fim da minha mãe.

Amor, ódio, lembranças, saudade, medo, revolta, culpa, dor, tudo misturando-se dentro de uma caixa preta, o lugar do luto dentro de mim.

Perguntas circulam por minha mente, questionamentos afins, mas não me mexo, não consigo, só não posso seguir pra lugar algum nesse instante.

Imagens da minha infância são cortadas por passagens de hoje pela manhã, outras como a morte do meu pai se misturam, numa roleta russa de emoções.

Estou desmoronando sob o meu próprio pesar desejando misericórdia para os dias que seguirão quando dou um sobressalto, o corpo inerte da minha mãe se mexe junto ao meu.

— Mãã... Mããã???

— Oh meu Deus!!!

— Mãe???

— Socorroooo....

— Alguém me ajude, por favor!!!

Alguns minutos passam e ninguém aparece, começo a arrastar o corpo desacordado, mas graças ao Senhor vivo da minha mãe, despenco no chão de cimento muitas vezes, o meu pé e perna com deficiência doem no processo, os machucados da minha queda mais cedo também.

Mamãe é pesada, estou com muita dificuldade de locomovê-la, mas aos pouquinhos consigo nos carregar pra dentro.

Ligo para o 192 e começo a explicar a atendente o que aconteceu, recebo orientações e a informação de que uma ambulância está à caminho.

Um tempo não contabilizado passa, ainda estou sem muita reação, não como normalmente reagiria, mãos trêmulas e coração dolorosamente acelerado, assim permaneço com uma nuvem negra sobre a minha mente e um peso esmagador sobre o meu coração.

Ainda não consigo chorar, o meu corpo todo treme, nunca me senti mais sozinha, ouço alguém forçando a fechadura e homens entram na nossa pequena sala.

Os observo fazerem o trabalho de ressuscitamento na minha mãe depois que removem os meus braços do seu corpo, nos separando, deixando pra trás um vazio, uma sensação de não ser suficiente pra ela quando mais precisou de mim.

Assisti essa mesma cena com a minha avó materna anos atrás, sei como é complicado o trabalho de ressuscitar uma pessoa.

Um homem jovem comanda as ações, dá coordenadas à serem cumpridas com uma seriedade impressionante.

Concentro nos seus traços como alguém que busca algo a que se segurar, uma bússola para se guiar, uma válvula de escape, qualquer coisa do tipo.

Avalio cada parte dele que consigo, pele clara, cabelo castanho escuro liso, olhos verdes, boca carnuda, alto, músculos definidos por debaixo de uma blusa polo branca.

Olhar pra ele me faz esquecer do momento mais triste

da minha vida, entendendo que há beleza onde a dor se estabelece, que há luz na sombra da morte.

Não estou cobiçando o cara com a minha mãe morrendo, estou buscando uma saída para não enlouquecer nesse anjo trazido para salvá-la.

Digitalizo cada movimento do médico e dos enfermeiros, passa por meus olhos uma corrida contra o tempo.

Os enxergo anestesiada fazendo uma sequência de massagens no peito dela, mas não parece fazer qualquer efeito, mamãe ainda está inerte.

— Checagem dos sinais vitais da vítima.

— Não está respirando.

— Iniciando a respiração de resgate.

— Compressões no peito em 5, 4, 3, 2, 1.

— Afastem-se vou partir para os choques.

— Preparar a ambulância, depressa, temos que correr contra o tempo.

Coloco as mãos nos ouvidos e começo a tremer tanto que o meu corpo bate contra a parede.

Um toque suave no meu rosto me traz de volta do submundo de dor e perda, o meu queixo é inclinado pra cima e posso sentir uma carícia no meu cabelo.

Seus olhos são de um verde incrível, posso me perder neles e não sair mais de lá, não quero voltar pra um mundo onde a minha mãe não exista mais.

— O nosso intuito é fazer o coração bombear sangue e oxigênio pelo organismo, mas não tivemos o êxito necessário, vamos seguir com ela para o hospital, você pode vir junto conosco.

O médico me diz com uma expressão de pesar quando

me vê ofegante no chão do canto da sala.

Posso notar sua expressão, seus olhos escurecerem para as feridas que ganhei mais cedo com a minha queda, mas também o quando se conscientiza de que tem alguém muito pior do que eu e meus arranhões sob os seus cuidados.

— Qual?

É tudo que consigo dizer.

— O Hospital Regional de Sorocaba.



Ainda é cedo, amor
Mal começaste a conhecer a vida
Já anuncias a hora da partida
Sem saber mesmo o rumo que irás tomar
Preste atenção, querida
Embora eu saiba que estas resolvida
Em cada esquina cai um pouco a tua vida
Em pouco tempo não serás mais o que és
Ouça-me bem, amor
Preste atenção, o mundo é um moinho
Vai triturar teus sonhos, tão mesquinho
Vai reduzir as ilusões a pó
Preste atenção, querida
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares estarás à beira do abismo
Abismo que cavastes com os teus pés

Beth Carvalho

DÉCIMO QUINTO CAPÍTULO

Quando chegamos no Hospital Regional de Sorocaba uma equipe estava nos esperando, o médico passou toda a situação da minha mãe para outros dois homens e uma mulher, todos de jalecos brancos. A minha mãe foi levada para o que chamaram de sala de ressuscitamento, lá reiniciaram a massagem cardíaca, de um canto observo uma mulher tapar o nariz da minha mãe e soprar duas vezes na sua boca.

O meu corpo está mais uma vez contra a parede,

preciso de um apoio caso contrário vou desmoronar no chão do hospital.

De repente não vejo mais o médico que socorreu a minha mãe lá em casa, só pessoas indo e vindo nesse cômodo passando em imagens distorcidas pela minha frente.

Ouçõ as vozes, mas não assimilo na totalidade o que estão falando, nada parece fazer sentido algum desde que acordei hoje pela manhã.

— Enviando oxigênio para o organismo.

— Iniciando uma de quinze compressões cardíacas.

— Monitorando os batimentos cardíacos doutora.

— Conectando a vítima ao eletrocardiograma.

— Verificando se o coração parou de bombear sangue doutor.

— Desfibrilador.

— Posicionando as pás do aparelho.

— Pra trás, iniciando os choques.

— Vamos ter que entubar.

Sinto uma mão tocar o meu braço, uma mulher alta e bonita me guia para fora do cômodo, verifico o que está escrito no seu jaleco, assistente social.

— Venha comigo, por favor.

Ela me faz entrar numa sala.

— O meu nome é Clarisse, sou a assistente social, esse rapaz...

Ela aponta para um homem negro.

— É Geraldo, ele precisa fazer a inclusão dos dados da sua...

— Mãe.

— Certo da sua mãe, no sistema para dá início ao processo de internação.

— Do quê precisam?

— Você está com os documentos da sua mãe com você?

Abro a bolsa da minha mãe que está pendurada no meu ombro, a que peguei às pressas antes de sair de casa junto à minha própria. Tiro os documentos pessoais dela e entrego ao homem.

— Por favor me informe o endereço da paciente e o seu nome e telefone de contato. Colocarei a senhora como referência familiar de contato.

Pela porta entreaberta vejo levarem a minha mãe entubada numa maca.

Levanto de supetão, mas sou contida de forma educada e levada a permanecer sentada.

— Para onde a estão levando?

— Para o CTI.

— Meu Deus!!!

— Você pode informar os problemas de saúde dela para essa moça?

Novamente a assistente social aponta para outra pessoa na sala, uma mulher loira e baixinha.

— O nome dela é Ana Amélia e ela é enfermeira.

Passo o histórico médico da minha mãe para a enfermeira.

— Sabe os medicamentos que ela faz uso?

Digo quais são os remédios que a minha mãe faz uso.

— Quer que eu ligue para alguém? Você precisa de uma pessoa aqui te dando apoio.

Dou o número do celular da minha irmã, a assistente social faz várias tentativas de falar com ela sem êxito.

— A sua mãe vai permanecer no CTI, lá não pode ficar

acompanhante.

— Onde posso ficar?

— O que sugerimos é que converse com o médico e depois aguarde em casa por nosso contato e venha nos horários de visita.

— Não vou pra casa e deixar a minha mãe aqui.

— Pode ficar aqui na sala querida, entendo que queira ficar o mais próximo possível de sua mãe, mas em algum momento terá que ir pra casa.

Um homem entra e no seu jaleco leio Cassio Linhares, médico, ele me explica que a minha mãe sofreu uma parada cardíaca e como vai ser o processo de internação.

Permaneço na sala da assistente social onde tentamos insistentemente contato com a minha irmã, horas depois acabo em outra sala, a da psicóloga.

Durante todo esse tempo me nego a ser cuidada por conta das minhas feridas, elas não sangram ou doem mais do que o meu coração nesse momento.

Pela manhã, no despontar de um novo dia, ainda me encontro perdida no corredor do hospital.



Eu perco o chão
Eu não acho as palavras
Eu ando tão triste
Eu ando pela sala
Eu perco a hora
Eu chego no fim
Eu deixo a porta aberta
Eu não moro mais em mim
Eu perco as chaves de casa
Eu perco o freio
Estou em milhares de cacos
Eu estou ao meio
Onde será que você está agora?

Adriana Calcanhoto

DÉCIMO SEXTO CAPÍTULO

Perdi a noção do tempo em que fiquei rondando, estreitando, esgueirando, os corredores do hospital, minutos, horas, dias se passaram num piscar de olhos.

Eu só havia ido em casa tomar banho e mudar de roupas, as vezes comia, mas não fazia parte do meu padrão diário.

Apresentei atestados no trabalho e segui como uma guardiã da minha mãe, ainda que só pudesse vê-la nas visitas.

Os atestados de início foram do clínico porque passei mal e ocupei os leitos por algumas horas de dias alternados.

Posteriormente os atestados foram emitidos por um psiquiatra que foi chamado quando tive uma crise emocional que me levou de parente de paciente a paciente.

Todos os dias alguém da equipe me pergunta se não tenho ninguém por mim, a resposta logicamente é sempre a mesma, não, estou sozinha nessa.

Sozinha pelo coma da minha mãe e sozinha pelo desaparecimento da minha irmã.

Estou entrando num colapso de culpa, duplamente falando, um porque fui trabalhar deixando a minha mãe muito mal em cada, outro porque praticamente forcei a minha irmã a voltar pra casa para cuidar dela quando ela teve que pegar uma estrada pra isso.

Não foi de tudo um atendimento de imediato, as leis nesse país nem sempre estão à favor de quem necessita delas no momento em que isso acontece, mas desde o segundo dia de desaparecimento da minha irmã procurei a delegacia para fazer o registro, o celular agora dá desligado e já procuraram por hospitais e necrotérios.

O delegado passou a apurar, segundo me informou ontem, se Bruna não deu entrada como indigente em alguma unidade de urgência.

Nunca mais vi o jovem médico que nos atendeu no socorro da minha mãe na nossa casa.

De alguma forma quando lembro dos seus olhos verdes me fitando com compaixão acabo me acalmando.

A sua imagem passeia por minha mente sem freios, solta nos meus pensamentos desconexos.

Sento no jardim do lado de fora do hospital e respiro fundo soltando o meu ar carregado de cansaço.

Acredito que nunca mais verei o Dr. olhos verdes, ele deve trabalhar no socorro dentro de ambulâncias, não em hospitais.

Digitalizo a foto da minha irmãzinha nas minhas mãos, diaba linda, levo-a ao peito com saudades do seu mau humor e do seu sarcasmo ácido.

Somos tão poucos anos distantes em idade, mas a maturidade veio à mim incorporando-se nas minhas entranhas, emergindo sob a minha pele.

Tive que amadurecer na marra, no processo acabei esquecendo que ao proteger tanto a Bruna para que não sofresse como eu, estava fazendo com que ela não fosse preparada para os fortes abalos da vida.

Suspiro e limpo uma lágrima que escorre do meu rosto, de fora observo tantas famílias chorando as suas perdas que paro pra pensar em como fica o emocional dos funcionários do hospital que veem isso todos os dias de trabalho.

Exercer o seu ofício num lugar onde circula a vida das pessoas a caminho do óbito deve ser um constante ataque nos nervos.

Ter a vida de alguém entregue em suas mãos, a responsabilidade em que isso implica, deve ser trabalhar num campo minado.

Fecho os olhos quando uma família se agrupa num canto pra orar enquanto outra abraça uma mulher gritando pela morte da prima.

Tremo ao pensar que notícias ruins sobre a minha mãe ou irmã poderão vir a qualquer momento ao meu encontro.

Outras famílias estão aqui e ali, pessoas se apoiando nessa situação de dor, abraço o meu corpo me confortando pelo vazio que é sentir-se sozinha em meio a tantas pessoas.



Quando a vida bater forte
E a sua alma sangrar
Quando esse mundo pesado
Lhe ferir, lhe esmagar
É hora do recomeço
Recomece a lutar
Quando o mal for evidente
E o amor se ocultar
Quando o peito for vazio
E o abraço faltar
É hora do recomeço
Recomece a amar
Quando tudo for escuro
E nada iluminar
Quando tudo for incerto
E você só duvidar
É hora do recomeço
Recomece a acreditar
Quando você cair
E ninguém lhe amparar
Quando a força do que é ruim
Conseguir lhe derrubar
É hora do recomeço
Recomece a levantar
É preciso um final
Pra poder recomeçar
Como é preciso cair
Pra poder se levantar

Nem sempre engatar a ré
Significa voltar
Remarque aquele encontro
Reconquiste um amor
Reúna quem lhe quer bem
Reconforte um sofredor
Reanime quem tá triste
E reaprenda na dor
Recomece
Se refaça
Relembre o que foi bom
Reconstrua cada sonho
Redescubra algum dom
Reaprenda quando errar
Rebole quando dançar
E se um dia lá na frente
A vida der uma ré
Recupere a sua fé
E recomece novamente

Thathi

DÉCIMO SÉTIMO CAPÍTULO

Alguns dias passaram, muito de mim ficou parado no tempo, sozinha é uma palavra triste, mas que tem um significado maior do que as pessoas estão habituadas a enxergarem.

A tradução exata dessa palavra é perdida, sem achar-se dentro de si própria, sem paradeiro de quem quer que você seja num mundo de rostos aleatórios e de vozes desconhecidas.

Vagando por esse hospital entendi a dor em todas as suas camadas, em todos os seus territórios minados.

Vi alegria no sofrimento quando se tem alguém do seu lado, alguém lá pra você, porque ainda que a perda distorce a alma, há

sempre a esperança de que exista um amanhã quando se tem pelo menos a si mesmo, no viés mais intacto possível, mas muito mais forte é essa certeza ao passo que um outro alguém segura a sua mão.

No entanto eu não tenho esse alguém e não me vejo dentro da minha própria carcaça, estou perdida, desamparada, sem em quem me apoiar, ao menos uma única vez.

Pessoas circulam ao meu redor, mas parecem não me verem, sinto-me invisível de muitas formas, tudo o que consigo das pessoas são olhares de pena e curiosidade, respeito e solidariedade tive aos poucos, como se as pessoas não soubessem a reciprocidade de se entregarem a dor do outro.

Talvez porque simplesmente não saibam o que é sentir o outro como parte de si mesmo, quem sabe porque estejam tão solitários quanto eu, mas com as suas máscaras erguidas, fraquezas camufladas e dores aprofundadas em suas peles.

Aqui assisti a morte de perto, a vida voltar aos pulmões, a morte chegar tranquila, a vida permanecer em vão.

Os que fazem da vida uma validade real em seus dias são tão poucos que em muitos casos doe saber que as vezes esta é levada da pessoa errada.

Ainda que ao meu ver exista aqui um tempo para cada qual trilhar o seu caminho e partir quando dá a hora, deve ter algum julgamento de nossas ações em algum ponto lá no céu.

Então me pergunto, por que levar o fértil e deixar a raiz morta pra trás? Por que não deixar os amantes da vida com seus sonhos a serem realizados no lugar de almas infelizes?

Aliás acho que eu seja uma boa explicação para o que não vale a pena permanecer por aqui.

Nada faz muito sentido quando se perde o plumo, o meu se foi a muito tempo, mas resta algo, mesmo que se despeça de mim a cada passo em falso que dou rumo a lugar nenhum.

Sento no banco do jardim ao lado do hospital quando

finalmente enxergo luz fora do prédio.

A luz da natureza refletida através da face da lua me abraça calorosamente, me mostrando a magnitude do poder da criação de Deus.

Lá dentro há Deus, muito do seu amor e benção, mas também a distorção da sua palavra junto as suas criaturas.

Entendo isso partindo da premissa de que o lado bom dos seres humanos se adapta ao seu pior perfil.

As vezes posso ficar perto de onde mamãe está, outras não me é possível, tudo depende dos profissionais que estão de plantão e do quanto um coração quente ainda bate em seus peitos mesmo em um ambiente de perdas e danos emocionais.

Hoje é um daqueles dias em que os membros da equipe seguem um padrão inflexível que não lhes permite ir além dos seus crachás profissionais.

O lado humano absorvido quase que por completo pelo profissional, mecanicamente treinado a dizer as palavras sem que estas passem por seu coração antes.

Acredito que me perco no tempo, o terço na minha mão como uma bússola em busca da fé desviada para algum abismo na minha mente.

Tomo um susto quando um homem bonito senta-se ao meu lado, isso acontece com uma certa frequência, pessoas desoladas procurando por abrigo onde muitas vezes está o reflexo das suas dores.

Todavia não parece ser realmente o caso dessa vez, digo isso porque o sujeito está uniformizado, mas até aí ninguém está imune as tragédias, nem mesmo os policiais, pensando bem, acho que fora as doenças eles são uns dos grupos mais passíveis disso acontecer, com suas vidas em constante risco, isso faz deles fontes que constantemente as alimentam.

— Boa noite Dyla, sou eu, Montenegro.

Ergo uma sobrancelha enquanto digitalizo o seu rosto

em busca de respostas para a sua aproximação e ainda mais por saber o meu nome.

— Kleber Montenegro, você não se lembra de mim?

Pisco forçando a minha mente ao reconhecimento.

— O delegado.

Finalmente lembro, aceno o fazendo entender caso a minha voz tenha saído fraca demais para sua compreensão.

— Fadiga... esgotamento mental e emocional, eu entendo.

Ele diz como se entendesse o meu constrangimento.

— Peço desculpas.

— Sem problemas, mas você sabe... quis vir pessoalmente te dá a notícia de que encontramos a sua irmã.

Meus olhos faíscas quentes.

— Onde?

Ele circula o dedo no ar.

— Bem debaixo do meu nariz e só me dei conta do porque hoje.

— O quê você quer dizer?

Estou tremendo.

— Acalme-se, por favor.

— Aqui? A minha irmã está internada aqui?

Ele balança a cabeça.

— No CTI.

Ofego, lágrimas de desespero juntam-se no canto dos meus olhos.

— A minha mãe está no CTI, como não vi a minha irmã lá antes?

— Ela estava num setor intermediário, aguardando vaga para

ser acomodada no CTI.

— Mas...

— Identificação desconhecida, foi assim que a jovem deu entrada aqui no hospital no mesmo dia em que a sua mãe foi internada.

Levo as mãos a boca com uma pressão forte nas têmporas, uma aflição antecipa a dor que corre por todo o meu corpo, logo me vejo gemendo baixinho.

— Eu não entendo.

— Sem documentos, o casal não levava nenhuma forma de identificação consigo.

Fecho os olhos, a minha irmã e a sua maldita mania de andar sem documentos.

— Como ela está?

Digo me levantando com as pernas trêmulas.

— O estado dela é muito grave.

Oh meu Deus!!! Os meus lábios tremem incontroláveis.

— O quê aconteceu?

— Acidente de carro.

Uma agonia profunda parece revirar o meu coração, sinto o meu corpo mole.

— A culpa é minha?

— Como?

— Eu...

Soluço forte balançando a cabeça em revolta, em reprovação.

— Eu a forcei a vim de seu lugar para ficar com a mamãe que não estava se sentindo bem e eu precisava trabalhar.

— Dyla...

— Eu sou a culpada pelas duas estarem morrendo.

Então a última coisa que vejo é o delegado segurando o meu corpo antes que fosse ao chão.



Eu ainda estou aqui
Perdida em mil versões irreais de mim
Estou aqui por trás de todo o caos
Em que a vida se fez
Tenta me reconhecer no temporal
Me espera
Tenta não se acostumar eu volto já
Me espera
Eu que tanto me perdi
em sãs decepções ideais de mim
Não me esqueci de quem eu sou
E o quanto devo a você
Mesmo quando eu descuido
Me desloco
Me desmando
Perco o foco
Perco o chão
E perco o ar
Me reconheço em teu olhar
Que é o fio pra me guiar
De volta, de volta
Eu ainda estou aqui

Sandy

DÉCIMO OITAVO CAPÍTULO

Quando acordei estava deitada em um leito com soro me alimentando, tudo veio como em uma cascata quando os meus sentidos foram de oito à oitenta num piscar de olhos.

Tentei sentar mas o meu corpo parecia tão pesado quanto leve, músculos como chumbo, mente leve como uma pena.

— Estou tonta.

— A medicação que te deram tem esse efeito.

Olho em direção a porta buscando pela voz que fala comigo, uma voz rouca e grossa em proporções iguais.

— Kleber?

— Que bom que não sou mais um anônimo para você.

— Desculpe.

— Só estou brincando Dyla.

— Você não é muito novo pra ser um delegado?

Seu sorriso de lado é a coisa mais sensual que já vi na minha vida.

— Ouço isso o tempo todo.

— Você também é lindo demais.

Seus olhos se arregalam.

— Uau direta.

— O quê? Oh Deus, eu disse isso em voz alta?

— Você fez.

— Eu... eu...

— Sem problemas linda, prometo não te prender por isso.

Ele aponta para o par de algemas presas no seu jeans black. Passo os olhos por seu corpo sem conseguir evitar, ele é lindo demais, músculos tonificados marcando a camisa de manga comprida branca, pele

bronzeada, cabelo escuro, olhos negros puxadinhos apesar dos demais traços serem ocidentais.

— Se continuar me olhando assim, volto com a minha palavra querida.

Desvio os olhos do seu corpo.

— Dr. Kleber?

— Sim?

— Por favor, me dê boas notícias sobre a minha irmã.

Seu sorriso some e ele fica muito sério.

— Não é esse o meu papel...

— Por favor...

Ele olha pro teto pensativo por alguns minutos ainda encostado no batente da porta de braços cruzados. Então olha pra mim mordendo os lábios inferiores.

— Não sei se ela sobrevive baby, sinto muito.

— Nããããoooo....

— Nããããoooo....

— Nããããoooo....

— Não sei os termos técnicos...

— Então não deveria começar o que não pode terminar.

Olho entre os braços do delegado, que num piscar de olhos estava me acolhendo, para o médico que nos socorreu em nossa casa.

O seu olhar é pesado para junto do delegado que retribui do mesmo jeito, se não estou louca o Dr. de jaleco branco e barba por fazer chegou a rosnar.

— Cuidado como fala com uma autoridade doutor.

— Cada um é autoridade na sua área doutor. Aqui sou eu, não se dá uma notícia tão grave dessa forma.

— Posso lidar com isso doutor.

Kleber me firma pra mais junto dele, só posso estar vendo coisas porque vejo faíscas nos olhos do médico.

— Não, você não pode, por favor retire-se, preciso cuidar da minha paciente... Dr. Kleber Montinegro.

— Ela tem direito a um acompanhante.

Dr. Nyel tem um olhar duro para o Dr. Kleber.

— Sim tem, mas por acaso esse não é você, afaste-se dela.

— Senão o quê Dr. Nyel? Vai chamar os seguranças?

— Dou conta de você Dr. Kleber.

— Quer ser preso por desacato à autoridade Dr. Nyel?

— Vai ter valido a pena se isso te fizer tirar as patas sujas dela.

— Quê merda é essa? Enlouqueceu?

Dr. Kleber me olha cerrando os olhos.

— Ele é algo seu? Vocês têm algum rolo?

— Não!

Eu digo.

— Sim!

Dr. Nyel contradiz.

— Quê?!

Pergunto de boca aberta para o médico.

— Isso é verdade?

O delegado me imprensava mais contra o seu corpo até que o médico o tira do meu lado.

— Relação médico-paciente.

Dr. Nyel esclarece, empurrando mais e mais Dr. Kleber para longe de mim. Os dois homens se enfrentam face a face.

— O quê está acontecendo aqui?

Um homem de meia idade entra na enfermaria acompanhado de policiais, só então percebo outros pacientes em seus leitos.

— Nada tio, desculpe por isso.

— Doutor?

Um dos policiais pergunta para o delegado.

— Está tudo bem, só um contratempo.

— Nyel preciso de você no CTI.

Isso chama a minha atenção.

— A minha irmã? Quero saber sobre ela.

Dr. Nyel olha de relance com uma carranca para o delegado e passa as mãos pelo cabelo escuro, os seus lindos olhos verdes estudam os meus, os mesmos que me prenderam num lugar paralelo quando socorreu a minha mãe.

— Ela sofreu um acidente de carro na Rodovia Castelo Branco. No caminho o carro colidiu com um caminhão...

— Meu Deus... meu Senhor...

— O rapaz que estava com ela faleceu no local... bem, também foram vítimas fatais um casal que estava em outro carro e acabou se envolvendo no acidente, uma mulher grávida indo ter o bebê inclusive.

O meu corpo não conseguiu segurar os tremores, eram muito fortes, a intensidade da notícia trouxe vômito ao meu sistema.

— Chame o pessoal da limpeza.

— A minha irmã morreu não foi?

Meus olhos estão embaçados e a minha respiração é falha, do tipo que pode não mais vir à superfície.

— Eu sinto muito, a situação...

— Nãooooooooooooo...

mim.

Minha mente é silenciada e nada mais tem sentido pra



A sua voz é o silêncio
O seu olhar é um abismo
Com medo de me encarar
De onde vem esse jeito
Se eu não fiz nada contigo
Não sei porque me julgar
Posso dizer com certeza
Se esquivar
É a contramão
O mundo não vai parar
Olhe dentro de si
Lave as mágoas do seu coração
Na dor
Não cabe a gente culpar ninguém
Sem ter motivos, do nada
Fazendo disso piada
Se for pra gente se entender, vai ver
Que a vida passa e acaba
E ficam marcas pisadas
Do mau que ainda me faz
Sem perceber

Maria Rita

DÉCIMO NONO CAPÍTULO

Meus olhos focaram no rosto lindo do médico antes de piscarem em entendimento.

— Eu...

— Shiiii...

— A sua irmã é forte, ela vai sobreviver.

— Quero saber tudo sobre ela.

— Vou lhe dizer.

— Estou falando sério.

— Também estou.

Analiso o espaço.

— Essa não é a mesma enfermaria do pronto socorro.

— Não, eu te trouxe para uma enfermaria de uma das clínicas.

— Desculpe... eu agradeço, mas não posso pagar por isso.

— Este é um hospital público, apenas fiz a troca dos leitos, não posso garantir se daqui a minutos outro médico não vai encaminhar uma outra paciente pra cá.

Observo melhor e noto que o cômodo possui mais dois leitos.

— Duas altas essa manhã, logo terá companhia.

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— Cadê o Dr. Kleber?

A mandíbula dele fica rígida.

— No lugar onde pertence.

— Ele poderá me visitar aqui?

Ele faz um som estranho, parece um grunhido.

— Espero que não.

— Você não gosta dele, hein?

- Aposte todas as suas cartas nisso.
- Ele é um bom cara.
- Bons caras não perseguem garotas frágeis.
- Ele não estava me perseguindo.
- Questão de ponto de vista. Nunca o vi cercando uma paciente no leito antes.
- Dr. Kleber me socorreu.
- Sim, então te trouxe a mim.
- Não sou frágil.
- Mas está.
- Sobre a minha irmã... por favor fale sobre a minha irmã.
- Vou tentar ser o mais direto possível, ok?
- Ok.
- A questão toda do quadro clínico dela envolve o seu cérebro. Nosso crânio é responsável por proteger o órgão mais importante que temos, o cérebro. É por essa razão que as pancadas na cabeça, onde o crânio está inserido causam tanta preocupação.
- O quê ela tem no cérebro?
- Traumatismo craniano.
- O quê isso quer dizer, digo, trauma eu entendo, mas...?
- Traumatismo craniano trata-se do abalo violento sobre a caixa óssea que recobre o cérebro.
- Foi isso que aconteceu com ela?
- Alguns sinais nos levam a esse diagnóstico, tais como alteração no nível de consciência, falas desconexas, esquecimentos, perda da orientação temporal, náusea, vômito, ferimentos externos, sangue saindo pelo nariz ou pelas orelhas, dificuldade de permanecer acordado.

Fecho os meus olhos e puxo o ar dos pulmões buscando por alívio da pressão que sinto no coração.

- A minha irmã sofreu um traumatismo craniano e vai morrer em cima daquele leito?
- Sim, com 90% desses sinais. E não, não tenho como ter qualquer certeza sobre a vida dela ainda.
- Você têm certeza disso? Quer dizer... Oh meu Deus!
- Embora nem sempre esses sinais sejam a comprovação de um traumatismo craniano mais grave, a junção deles é.
- Você está indo aos poucos pra me dizer que o caso dela é muito sério, não é?
- Quando o traumatismo craniano causa ferimentos no cérebro, ele é chamado de Traumatismo cranioencefálico.

Ele toca a sua mão na minha e a massageia, após um tempo franze a testa e se afasta.

- Nós fizemos vários exames na Bruna, entre eles a tomografia computadorizada que foi por onde se confirmou o trauma.

Levo a minha mão a boca em soluços.

- A sua irmã está sendo acompanhada por uma equipe da unidade de terapia intensiva neurológica.
- Essa equipe faz milagres doutor?
- Essa equipe é especializada em tratamentos neurocríticos e o local onde ela está conta com equipamentos que ajudam na respiração e no monitoramento da pressão do crânio.
- Como isso termina?
- Precisamos esperar por mais horas pós cirurgia para qualquer outro passo.
- Cirurgia?
- A quarenta e oito horas atrás.

- Por quê?
- Houve sinais de aumento da pressão intracraniana, cuja causa mais frequente é um sangramento, sua irmã passou por uma drenagem cirúrgica para retirada de hematomas e para a reparação dos vasos sanguíneos.
- E agora?
- Tudo que podemos fazer é esperar e orar.
- Médicos oram?
- Estou em oração por sua irmã e sua mãe.



Cheguei a tempo de te ver acordar
Eu vim correndo a frente do sol
Abri a porta
E antes de entrar
Revi a vida inteira
Pensei em tudo que é possível falar
Que sirva apenas para nós dois
Sinais de bem
Desejos de cais
Pequenos fragmentos de luz
Falar de cor dos temporais
Do céu azul
Das flores de abril
Pensar além do bem, do mal
Lembrar de coisas que ninguém viu
Um mundo lá
Sempre a rodar
Em cima dele
Tudo vale
Quem sabe isso quer dizer amor
Estrada de fazer um sonho acontecer
Pensei no tempo
E era tempo demais
Você olhou sorrindo pra mim
Me acenando um beijo de paz
Virou minha cabeça
Eu simplesmente não consigo parar
Lá fora, o dia já clareou

Mas se você quiser transformar
O ribeirão em braço de mar
Você vai ter que encontrar
Aonde nasce a fonte do ser
E perceber meu coração
Bater mais forte só por você
E o mundo lá
Sempre a rodar
Em cima dele
Tudo vale
Quem sabe isso quer dizer amor
Estrada de fazer o sonho acontecer

Bruna Caram

VIGÉSIMO CAPÍTULO

Estou deitada no meu leito quando uma figura familiar entra no ambiente. O meu gerente tem uma expressão tranquila no rosto e um olhar solidário, de algum modo esse perfil poderia combinar com os seus traços bonitos se não fosse pela sua personalidade ácida.

Ele me digitaliza antes de se aproximar da cama onde estou deitada, logo atrás dele me dando a entender que não estão juntos pelo desagrado na sua face está a Alexandra.

Ela franze a testa e enruga o espaço entre as suas sobrancelhas em desaprovação quando Beto ergue a minha mão e a leva aos seus lábios.

— Eu sinto tanto baby... por sua irmã... por sua mãe.

Semicerro os olhos para medi-lo de cima à baixo e asco me toma, se ele tivesse me deixado ficar com a minha mãe eu teria cuidado dela adequadamente e tudo poderia ter sido diferente, incluindo a minha irmã não ter pego uma estrada às pressas ao meu chamado.

Retiro a mão do seu enlaço e o olho de lado, a minha

cabeça inclinada dando-me uma visão de todos os ângulos possíveis desse homem que um dia cheguei a desejar pra mim.

— Imagino, verdadeiramente tenho uma noção do quanto sente... a culpa não é uma boa companheira, não é mesmo?

Ele contrai os lábios, mas sorri pra mim como se eu não tivesse dito algo que se deva relevar.

— Bobagem, as coisas acontecem e pronto, culpa não faz parte desse pacote.

— Meus atestados chegaram até você, certo?

Ele vira o rosto na direção da Alexandra e balança a cabeça afirmando, o jeito que a olha parece ser recriminatório.

— Alexandra o fez com todos os atestados.

Alexandra vem me visitando ou mantendo contato constantemente desde que ficou sabendo por uma ligação minha da tragédia que a minha vida se tornou de uma hora pra outra.

— Então linda, eu trouxe aqui uns papéis para você assinar.

— Papéis?

— Mas é evidente, você está em um momento complicado da sua vida pessoal e dessa forma a profissional tem ficado pra escanteio...

— Sim, por isso os atestados.

Um movimento brusco atrás dele o faz ficar atento a Alexandra que parecia pronta a socá-lo a qualquer momento com o seu punho sadio.

— Tsc Tsc Tsc... eu sei, mas acho que esse é o momento de você se afastar, voltaremos a recebê-la de braços abertos quando essa nuvem negra se despedir da sua vida.

— O quê você está trazendo consigo Beto? A minha demissão?

— Oh não bobinha, lógico que não.

Ele toca o meu nariz com o dedo.

— Achei que seria mais profissional da sua parte se você pedisse demissão entendendo que não está no seu momento de contribuir com a empresa.

— E por que ela faria isso se têm os seus direitos garantidos por lei pelo momento em que está passando?

Alexandra rosna.

— Gracinha, acho que você não foi chamada na conversa.

— Nem mesmo eu meu chapa?

Uma voz grossa toma todo o espaço junto com o seu perfume másculo.

— Quem diabos é você?

Beto ataca.

— Ops, meus modos, mamãe ficaria muito decepcionada comigo agora, prazer Dr. Kleber Montenegro.

— Você é uma espécie de médico bad boy?

— Não, sou o delegado, mas bad boy não me representa, estou a milhas de distância disso.

Enxergo o exato instante em que Beto treme em seus pés, que segue até o fio flutuante no ar do seu cabelo.

— Sou bem grandinho pra ser um garoto mau, estou mais pra demon man.

— Como?

— Sou o próprio demônio em forma de homem quando algo me irrita, e oras se não estou a um passo disso.

Beto tem os olhos saltados e gestos aleatórios de puro temor.

— Realmente quer continuar com essa merda ilegal que está

tentando jogar no colo de uma garota em um momento de fragilidade?

— Olha...

Ele leva a mão ao rosto.

— Sou só o mensageiro.

— Então diga ao remetente que estou aqui por Dyla e que os seus planos falharam.

A expressão do Beto é cômica.

— Agora vá...

Com o rabo entre as pernas o miserável covarde sai do cômodo.

— Obrigada.

Digo ao meu protetor, que vem até onde estou e me dá um beijo na testa.

— De nada princesa.

Então vejo o olhar que Alexandra destina ao delegado e a tristeza contida nele.

— Dr. Kleber essa é a minha amiga Alexandra, ela trabalha comigo no shopping.

Ele a observa por alguns segundos e acena.

— Como vai Alexandra Porto? E o seu irmão... ainda trazendo muitas merdas para a nossa sociedade?

— Juliano não é meu irmão, e como sabe ele continua preso.

— Justo querida.



Eu conheço a imensidão do céu
Pássaro que sou
Mergulhei de vez
Uma vez ou três
Duzentos por hora, ou algo mais
Na velocidade de encontrar você
Te merecer
Voar, sem ter onde chegar
E de lá do céu
Formaremos dois em um só
Fugirei da chuva
Beijarei o sol
Amanheceu
É hora de voar
Sigo meu instinto animal
Cruzo mil fronteiras
Garimpando amor
Semeador
De tanto voar achei você
Multicolorido exatamente igual
Ao meu astral
Melhor é voar a dois
E de lá do céu formaremos dois em um só
Fugirei da chuva
Beijarei o sol
Amanheceu
É hora de voar

Claudia Leite

VIGÉSIMO PRIMEIRO CAPÍTULO

Consigo no decorrer da semana informações sobre a minha mãe e minha irmã, que não me parecem 100% honestas, talvez por conta do meu estado de saúde.

Somente hoje recebi alta porque tive o que eles chamaram de ataque de pânico com queda do sistema de proteção do organismo, com isso tive um quadro de febre alta e descontrole da minha pressão.

Todavia agora pareço minimamente bem o suficiente para poder agir por elas, mesmo que pelo o que parece não tenha muito o que eu possa fazer.

Estou perdida no corredor desse hospital mais uma vez sem saber como proceder diante essa minha nova realidade.

Respiro fundo e entro no ônibus, pra variar não consigo um lugar pra sentar, a minha mente trabalha sem parar em torno do que será voltar para uma casa vazia, sem os sons cotidianos que a minha mãe produzia na cozinha ou que a minha irmã fazia indo e vindo de lugares afins.

Desço no ponto perto da minha casa e arrasto até a minha rua, o sol está bastante quente, torrando mesmo a minha pele.

Quando entro sou recebida pelo odor de morfo da casa fechada a dias, abro as janelas para receber uma brisa quente no rosto.

Sigo para o banheiro onde tomo um banho gelado para acordar o meu cérebro e corpo ainda de certo modo adormecidos.

Vou até o quarto e visto uma roupa leve, um short de algodão e uma camiseta de gatinhos tristes e sorridentes.

Deito no sofá e olho ao redor, ligo a TV mas não ouço nada tão pouco assisto, somente não quero me sentir tão abalada pela solidão.

Levanto e caminho até a cozinha, os armários praticamente vazios de mantimentos, a geladeira com alimentos estragados,

os jogo fora e faço um arroz com ovo para não ficar com o estômago desforrado.

Com o canto dos olhos através da vista da janela aberta enxergo no porta cartas instalado no muro baixo, o mesmo que Bruna conseguiu de um amigo, bem assim ela o descreveu, algumas correspondências.

Fecho os olhos já imaginando do que sejam, quando chego no portão aceno para alguns vizinhos e os informo sobre a situação da minha mãe e irmã, só então retiro os envelopes da caixa, inúmeras cobranças, prazos vencidos, problemas à caminho.

Retorno pra dentro de casa e vejo quando a luz pisca algumas vezes para então não funcionar mais, a TV se desliga num som estranho assim como a geladeira.

Observo a casa dos meus vizinhos para ouvir sons de TV e rádio, um cortador de grama, liquidificador e secador de cabelo e até o barulho irritante de uma furadeira elétrica.

— Cortaram a luz!

Digo no meio da sala perdida sem saber mais o que fazer com os meus dias.



As palavras saem quase sem querer
Rezam por nós dois
Tome conta do que vai dizer
Elas estão dentro dos meus olhos
Da minha boca, dos meus ombros
Se quiser ouvir
É fácil perceber
Não me acerte
Não me cerque
Me dê absolvição
Faça luz onde há involução
Escolho os versos
Para ser meu bem
E não ser meu mal
Reabilite o meu coração
Tentei
Rasguei sua alma e pus no fogo
Não assoprei
Não relutei
Os buracos que eu cavei
Não quis rever
Mas o amargo delas resvalou em mim
Não me deu direito de viver em paz
Estou aqui para te pedir perdão
As palavras fogem
Se você deixar
O impacto é grande de mais
Cidades inteiras nascem à partir daí

Violentam, enlouquecem ou me fazem dormir
Adoecem, curam ou me dão limites
Vá com carinho no que vai dizer

Vanessa Da Mata

VIGÉSIMO SEGUNDO CAPÍTULO

O delegado tem sido um suporte, alguém que mesmo parecendo uma pessoa distante na maioria do tempo está sempre me rondando, ajudando a chegar até a minha mãe e irmã, com o seu conhecimento abrindo portas fundamentais para mim neste momento.

Não sei como colocar em palavras como me sinto sobre isso, o que realmente a sua presença representa, qual o seu objetivo com isso, porque perder o seu precioso tempo com alguém como eu.

Todavia Dr. Kleber se tornou uma pessoa entre muitas, aquele a quem posso recorrer quando o desolamento me abraça forte.

Dr. Nyel, bem, se tenho dificuldades de descrever o delegado nos meus dias, o médico não vou nem tentar.

O mesmo tem sido prestativo quanto a sua função aqui no hospital, trazendo notícias da minha mãe e por último removendo o leito da minha irmã para ficar ao lado do dela, facilitando de certa forma o meu acesso a ambas.

Hoje em dia retorno para casa, não consegui seguir acampando no jardim do hospital, venho em horários de visitas, voltei a trabalhar no shopping, tento fazer das minhas horas momentos mais próximos da normalidade.

Voltando, o médico cat de olhos verdes tem me dado a atenção profissional precisa, não muito além disso, não como o delegado que posso ligar quando não me deixam chegar a elas, para trocar em miúdos tenho o número do seu celular, o particular para ser mais exata.

Dr. Nyel restringiu-se a ser extremamente

profissional, em nenhum momento ultrapassou qualquer fronteira depois daquele encontro estranho com o delegado, ao que posso chamar de confronto inesperado.

Segundo eu soube ele trabalha em outros lugares, como no resgate, via pela qual nos conhecemos no socorro a minha mãe.

Aqui ele tem sido atencioso no caso de ambas e bastante eficiente no retorno do quadro clínico de cada qual, sempre prestativo com as informações e orientações.

Não estou falando que deveria ser diferente, por que seria? Por que esse médico desconhecido até então seria mais do que um vínculo paciente-familiar?

Acontece que aquela batida de frente com o delegado martela muito no meu subconsciente, não vou negar que trouxe consigo expectativas que não encontraram o seu lugar à luz da realidade.

O que se viu naquele dia provavelmente deve ter sido um duelo de titãs por controle de espaço, um invadindo o do outro, no caso o delegado ao do médico.

Nada mais do que isso, e a tola aqui deveria saber disso melhor do que ninguém, mas quando se pisa nesse telhado de vidro que é o sentimento de querer ter alguém pra si e pertencer a alguém, não se pode contar com qualquer intervenção sábia, infelizmente essa é a conclusão entre todas sobre o motivo para tantos corações partidos a todo canto.



Sorrir, pra mim
Não deixa o sol se pôr
Aqui estou querendo parar o tempo
E não desistir
É só sorrir pra mim
E a vida que eu vivi sem você
Eu quero desviver
Vou recriar o mundo
Pra gente caber junto
Desalinhar o tempo
O espaço por nós dois
Eu te encontrei dentro de mim
Não posso mais ser só
Não quero desatar o nosso nó(s)
Sorrir, pra mim
Sonha e eu vou buscar
Eu só preciso do teu sim
E tenho onde erguer meu lar
Acalmo meu coração, doído
Te traz pra mim

Sandy

VIGÉSIMO TERCEIRO CAPÍTULO

Toco o cabelo da minha mãe, meus dedos descem

para acariciarem a sua face suavemente, tem sido dias muito amargos sozinha naquela casa, com a outra mão afago o braço da minha irmã.

A essa altura não encontro mais lágrimas, nem mesmo quando entro em casa e a encontro no escuro porque a luz foi cortada, ou quando abro os armários e não encontro o que comer.

O meu salário é pouco para as despesas e o gasto com passagens pra cá e pra lá pesam no orçamento no final do mês.

Dívidas da minha irmã caem no meu colo todos os dias, empréstimos que ela fez com colegas da faculdade por custos necessários e desnecessários como xerox do material pra estudar, alimentação na cantina do campus, compras de roupas com uma universitária que as revende.

Tento cobrir todas as suas dívidas, mas muitas ainda estão em aberto porque é muita coisa de uma só vez para uma única pessoa.

De canto de olho avalio como Dr. Nyel a observa, muitas foram as vezes que o vi digitalizando a minha irmã com uma expressão indecifrável, mas daquele jeito que demonstra que há algo no fundo do baú muito bem guardado.

Ele a olha de uma forma diferenciada dos outros pacientes, assim como lhe dá uma atenção discretamente especial, buscando quase que passar despercebido, ao redor pode passar como imperceptível para os outros, mas não pra mim que estou envolvida no pacote.

Esse olhar não é profissional, é de constatação, de quê ainda me questiono a respeito, não estou incerta quanto a isso, acredito que o jovem médico caiu nos encantos da minha irmã.

Bruna é mesmo linda, ainda que num leito de hospital seria muito capaz de atrair um homem a ficar apaixonado por ela.

Como tudo tem se dado de uma forma platônica e inofensiva, com o respeito ao estado dela preservado, posso aceitar isso ainda que lá no fundo me incomode que o seu interesse foi direcionado a minha irmã e não a mim.

Porque tenho que confessar que Dr. Cat mexe comigo

como nenhum outro fez, as vezes acredito que possa ser por considerar o cara o salvador da minha mãe.

Sinto no entanto que quando penso desse modo em parte estou tentando me enganar, de outra guardando a sete chaves o meu coração de uma decepção devastadora, do tipo que se pode considerar irrecuperável.

Pelo o que parece Bruna conseguiu conquistar o amor desse cara mesmo no seu estado, quando eu não fui capaz ainda que esteja lúcida e a um passo dele.

Não estou apaixonada pelo Dr. Nyel, nem nada disso, sei o meu lugar e quem sou na percepção dos homens.

Todavia é muito complicado ser aquela que não merece uma segunda olhada, absolutamente nunca.

A minha mente se inclina a formular possibilidades com o delegado, mas quando analiso as chances fecho os olhos e deixo a ideia idiota evaporar do meu sistema.

O perfume do médico também não ajuda na minha causa, eita homem cheiroso, tá, muito menos a sua beleza, o sujeito é digno de uma passarela, do tipo clube das mulheres, também encaixa-se perfeitamente numa passarela internacional de moda, mas vamos lá, estou excitada com a primeira opção, muito mais sexy, convenhamos, Deus do céu, onde a minha mente foi parar.

Noto como ele fica secretamente intrigado com a minha deficiência, mas nunca falou nada a respeito, nem um único comentário sem maior pretensão.

Só fica lá na dele assistindo o meu arrastar de pé, e convenhamos que não constata qualquer sensualidade nesses momentos.

A deficiência não é uma coisa bonita de se ver, contudo a sua superação sim, presenciar o quão longe podemos ir mesmo com as nossas limitações, o quanto podemos ultrapassar barreiras impostas, tombar os muros do preconceito, seguir adiante quando esperam o nosso constante recuar.

Admiração é uma coisa, tesão é outra, não são sinônimos, ainda que possa existir uma faísca derivada de como um as vezes influencia o outro.

Uma enfermeira da qual descobri ser apaixonada por Dr. Nyel se aproxima dele, na verdade cola ao seu lado quando este está monitorando os aparelhos da minha irmã enquanto analisa o relatório do médico do plantão anterior sobre o seu quadro clínico.

Ele está de cabeça baixa lendo as anotações no prontuário, nisso vejo que faz o mesmo com os atendimentos de outros profissionais, isso mostra o quão bom no que faz o sujeito é, o quanto realmente exerce o que nasceu pra fazer, sua expressão séria se perde vez ou outra quando digitaliza a minha irmã.

A tal enfermeira, Cássia, me disse algumas vezes que nos encontramos na cantina ou no pátio do hospital sobre os comentários da equipe girando ao encontro da paixonite dele pela Bruna.

Aparentemente ele não consegue mais disfarçar o seu interesse diferenciado, sua atenção ainda que profissional voltada a ela com certa reverência.

Seu olhar diz muito quando voltado a ela, seu pensamento parece perdido, seus traços de preocupação evidenciados.

Esse é o efeito Bruna para com os homens que percorrem por seu caminho, sempre foi, sempre será, porque nunca deixei de acreditar no amanhã quando ela finalmente voltará a ser o que era antes, e Deus que nos ajude, pois a minha irmã é uma nitroglicerina pura.



Se é fogo de palha
Ou vai virar paixão
Não me deixe só agora
Segure a minha mão
Que a sanfona tá chorando
E a lua clareando a nossa união
Se a paixão não pega
É o amor que pega sim
Mesmo que cê vá embora
O xodó nunca tem fim
Sempre há de chegar a hora
De ver você de novo
No meu jardim
É assim com todo mundo
Com nós dois também será
Quando o amor é verdadeiro
Quando o afeto é bem sincero
Não há como se livrar
Mesmo se é fogo de palha
O bicho quando se espalha
Tudo em volta vai queimar

Roberta Sá

VIGÉSIMO QUARTO CAPÍTULO

Recebemos um novo funcionário esse mês e me foi dada a missão de treinar o sujeito que mais parece o sonho de consumo feminino com o devido equipamento entre as pernas.

Seu tom de cabelo é de um loiro mesclado com castanho e os olhos de um azul claríssimo, tem tatuagens nos braços e nas costas da mão direita a palavra Love.

Nunca numa segunda feira estivemos com tantas clientes na praça de alimentação, não preciso nem de longe dissertar o motivo.

O gostosão atrai mulheres como a onda faz com um surfista, de tudo quanto é tipo, o seu fã clube só cresce com os dias, e olha que ele é recém chegado.

Acontece que os olhos dele têm um foco, um entre muitas ofertas descartadas, vou te dizer uma coisa, o cara foi laçado de bom grato.

— Vai mesmo continuar ignorando o fato de que tem um homão da porra babando por você e vigiando cada mínimo movimento seu?

Um dá de ombros é a resposta que recebo.

— Sério isso Alexandra?

— Pra você ver como estou interessada mal sei o nome dele.

— Não seja por isso, se for esse o problema eu te informo, ele se chama Elson Teixeira.

— Tanto faz.

— Ah vai!

— Dyla, você acredita mesmo que um cara como esse vai se interessar por uma garota como eu...

Ela me analisa.

— Como você.

Engulo em seco e desfaço o sorriso bobo no meu

rosto, ela fecha os olhos.

— Deus, desculpa, fui uma cretina.

A digitalizo de cima à baixo e ergo o queixo.

— Foi.

— Olha... eu só prefiro fugir das expectativas, certo?

Passo a língua nos dentes de cima.

— Sei como é.

— Mas... quem é o cara afinal?

Cerro os cílios.

— Curiosidade apenas.

Sorrio vitoriosa, ganho um revirar de olhos.

— O currículo diz que é cabo-friense.

— Região dos Lagos?

— Isso.

— Faz sentido pelo bronzeado.

— Você notou, hein?

Ela me ignora.

— Talvez seja surfista.

— Ele é musicoterapeuta.

Ela franze a pele entre as sobrancelhas.

— Hum, parece interessante.

— É porque é.

— Pensando bem ele tem mesmo pinta de roqueiro, será que acertei? Porque tenho uma tara por roqueiros.

Ela diz com um sorriso de lado, meio que desdenhando do cara.

— Não é que você tem razão?

Num instante estamos olhando pro sujeito e o secando com os olhos, para no próximo ele está bem atrás da Alexandra sussurrando no seu ouvido. Ela visivelmente estremece, eu só não tenho reação.

— Na verdade curto muito rock... adoraria ser a sua tara linda, é só estalar os dedos que serei qualquer desejo seu.

Minha amiga arregala os olhos e eu apenas saio de fininho, bom saber que no final das contas ela não estava totalmente certa sobre como podemos atrair os caras.



Já passamos muitas aflições
Também jogamos tudo ou nada
E não foi bom
Já nos despedimos mas depois
Só sentimos pena de nós dois
Que somos assim sabemos já de cor
Lamentamos muito por não ter
Realizado algo maior
Ou bem melhor
Um volta pro outro quase todo mês
Quê fez a gente fazer o que fez
Ambos atordoados com a estupidez
Eu você na vida juntos outra vez
Mas
Não dói não
Só vim
Para dar parabéns
Sim
Parabéns para nós
E aos demais
Que também como nós
Se vão, voltam atrás
Que assim com nós
Não têm paz
Parabéns para nós
Irracionais
Parabéns para nós
Sem rivais

Parabéns para nós
Parceiros infernais

Mariana Aydar

VIGÉSIMO QUINTO CAPÍTULO

A semana foi sugada à vácuo no calendário, sábado chegou como quem estivesse por trás da porta pronto para dá o bote.

O shopping está lotado hoje e Elson nem está aqui para ser o culpado pelas apelativas presenças femininas.

Arrumo algumas mesas e limpo o chão sujo de vômito de uma mulher grávida que supostamente passou mal após comer mais do que deveria.

O meu rosto é puro suor, estou mesmo é fedida, ralei o dia todo sem parar, o meu uniforme nada confortável está grudado no meu corpo nada sexy, uma mistura do tipo "afasta aí pessoal".

Atendo a duas mesas quase que de uma vez, retiro o excesso de comida de uma e libero outra para o próximo cliente.

É então que ouço a voz do novo músico contratado, Beto havia nos dado a informação mais cedo antes de sumir daqui com a Carol, só não nos disse quem seria o cara no palco.

Olho para o palco para me surpreender com a figura que inicia a sua apresentação, só que ao invés de tocar rock Elson nos brinda com um sertanejo universitário.

Maldita seja a minha distração, perverso seja o meu cansaço, isso explica o movimento ao nosso redor, o filho da puta trouxe o seu fã clube no seu rasto, ótimo.

A voz dele é rouca e sedutora, o homem é quase insuportavelmente perfeito, mas descobri uns defeitinhos básicos trabalhando ao seu lado durante a semana.

Elson é ciumento, odeia que os caras cheguem muito perto da Alexandra, e olha que a minha amiga finge não notar a sua presença na maioria do tempo.

Também é boca suja e come como se fosse um mendigo, como se lhe foi dado o primeiro prato de comida em dias.

O lance entre Elson e Alexandra é bem estranho pra falar a verdade, parece uma caça-fuga, ele avança pra cima dela, que recua a toda nova investida, só pra dá mais gana e o cara vir cada vez com mais munição.

Faço uma dancinha desengonçada e bato o meu quadril no dela, que me olha com o rosto contorcido por segurar o riso.

— Finge que resiste que eu finjo não perceber as suas pernas esfregarem de tesão.

Ela me olha por cima dos ombros.

— Não começa.

Bato os cílios fazendo cara de inocente.

— O quê?

— Por que deu o número do meu celular para o Elson?

Levo uma mão dramaticamente ao coração.

— Não sei do que você está falando.

Ela tenta cruzar os braços, mas a sua deficiência a impede, então faz uma careta.

— Tá, fui eu.

Digo porque sei que fui pega.

— Claro que foi, mas por quê?

— Ele disse que iria com calma.

Ela passa as costas da mão na testa.

— Por calma ele quis dizer me mandar mensagem pelo WhatsApp que nem um louco virtual?

- Mentira?
- Rá, quem dera!
- Mentira que você está dando chique porque um gostoso daqueles está te perseguindo virtualmente.
- Ele olha do mesmo jeito para a garota do McDonalds.
- Olha nada.
- Veja você mesma.

Estreito a minha observação à cena.

- Ele está olhando para Tamara assim porque nenhum fim de relacionamento zera a história de tudo.
- Eles tiveram algo?
- Soube que sim.
- Como?

Mordo o meu lábio.

- Dyla?
- Eu estava ouvindo de entrona quando ela contou para a Carol.

Escuto um bufar.

- Amiga da mocreia? Porque se for diz muito sobre quem ela é, no mínimo uma bruaca puta.
- Não sei ao certo, pareceu mais um desabafo com uma pessoa aleatória.
- E?

Ajeito o meu cabelo o tirando dos olhos.

- Dyla...
- Que foi?
- Cuspa a merda entalada.
- Achei que não estivesse interessada.

— Não estou.

Fico em silêncio.

— Filha da puta, é o que você é.

Permaneço em silêncio, ela joga as mãos pra cima.

— Tudo bem, estou curiosa.

Mexo nas minhas unhas.

Ouçó um argh.

— Querida Dyla, poderia deixar de ser uma sem noção e me dizer o que a garota do McDonalds disse sobre o meu assediador online?

Balanço a cabeça como quem estivesse pensando, mas agora é sério porque parei para analisar a situação do passado do Elson com o da Alexandra e me dei conta do quão fodido tudo isso vai parecer. Ouço um foda, mesmo que relutante abandono a tortura.

— Que ele a abandonou no altar.

Os olhos da minha amiga estão vidrados, de um jeito muito doloroso de assistir, sei que imagens da sua própria história divagam em sua mente.

— Quero agora oferecer essa música a uma linda garota que estou a um tempo lutando pra sair comigo.

Elson diz ao microfone, nossos olhos vão em sincronia para a Tamara que tem os seus no Elson.

— Alexandra essa vai pra você baby.

A dor expressa nos olhos da Tamara quase me faz partir pra cima daquele maldito palco e arrancar a cabeça do desgraçado do Elson.

— E a coisa só melhora.

Digo quando observo a carranca da minha amiga.



Eu não esperava te encontrar
Assim tão de repente
Você passou
Ficou marcado aqui na minha mente
Foi pra onde sei que quero estar
Ao lado de quem eu já sei amar
E foi só você chegar
Que fez tudo mudar
Não lembro como era não te ter
Não penso em ser alguém
Alguém sem ter você
Preciso te amar pra viver
Qualquer acaso vai se perder
Quando ele virar gente
E tudo vai se esclarecer
Sempre daqui pra frente
Confesso que você foi feito assim
Do jeito que eu sonhei o amor em mim
E na verdade eu quero te dizer
Em exagero só pra te convencer
Se é minha realidade
Só o tempo vai saber

Paula Fernandes

VIGÉSIMO SEXTO CAPÍTULO

Meus dias têm sido uma roleta interligada a fios de choque, toda vez que respiro algo ruim acontece.

Não vou dizer que a dor de ter duas pessoas que amo no CTI aplacou com o andar dos dias, mas é só que preciso seguir com a minha rotina pelo menos o mínimo que consigo, porque depois que mamãe e a Bruna saírem dessa situação precisarão de mim inteira o suficiente para ser o pilar de ambas.

Assim passo as horas pedindo por mais uma chance para elas ao passo que mantenho o que vai nos rodear o mais no lugar que a minha mente e corpo conseguem.

Porque por Deus, se eu não interagir com as pessoas o humanamente permissível para a minha situação vou acabar enlouquecendo.

No trabalho brinco e converso, mesmo que o meu coração esteja apertado o tempo todo, mas depois de seis meses vivendo nesse caos você não consegue agir fora do piloto automático.

A alguns dias perdi o chão quando fui chamada na sala da psicóloga e esta me informou do declínio do quadro clínica da minha mãe e da possibilidade dela não resistir mais que aquele dia, tudo que pude fazer foi orar, e a fé sempre é o melhor caminho, tanto que vinte e quatro horas depois a nuvem negra se afastou de nós.

Ontem foi novamente solicitada a minha presença, só que dessa vez na sala da assistente social, lá me esperava uma médica com traços orientais que me orientou sobre o caso da minha irmã e o seu trágico fim junto a um leito, ligada a aparelhos pelo tempo que a medicina ainda não pode prever.

Pelo o que a doutora disse a Bruna pode acordar a qualquer momento ou isso nunca voltar a acontecer.

Então hoje recebo outro contato quando me dirigia ao hospital onde a assistente social, a enfermeira chefe e um médico me passaram que a minha mãe teve outra piora significativa.

Fecho os olhos em meio as vozes abafadas por minha

mente quando no ônibus retorno pra casa, com um peso no coração me dizendo que preciso me acostumar com a sensação de quem vive solitário.

O vento forte bate contra a janela enquanto tenho o meu rosto encostado no vidro trêmulo, as lágrimas procuram por seu caminho sem encontrá-lo, as minhas emoções estão desconexas, não sei o que esperar de um novo dia, tenho medo do que podem trazer as próximas horas, Senhor meu Deus, talvez minutos, respiro a minha dor, quem sabe segundos.

Desço um ponto antes e entro no culto de uma igreja evangélica da vizinhança, o grupo está orando, mentes voltadas à fé, me junto a essas pessoas estranhas, mas que cremos no mesmo Deus e a isso me apego, clamando para que seja feita à vontade do Senhor, contudo que este me dê forças para suportar as perdas e com elas os danos com os quais precisarei conviver se o que os médicos dizem for o que nos acometerá.

Perder a minha mãe para a morte e a minha irmã para um sono profundo até que o seu corpo dê adeus à vida será além do que acredito ser capaz de suportar.

Todos os dias dormir e acordar sabendo que a minha mãe não está mais ao alcance do meu toque e que o corpo da minha irmã residirá num leito de hospital por um tempo não cronometrado pode representar o findar da minha sanidade.

Recomeçar em meio a uma areia movediça, sendo soterrada aos poucos parece ser o que me aguarda, embora eu não saiba quando isso vá me atingir, consigo sentir que não está longe.

Fecho os olhos e imagens da minha vida passam em meio a espasmos do meu corpo. Sinto braços quentes me cercarem e um beijo na minha testa surgir, um gesto leve que tira tudo de mim, finalmente choro molhando a camisa de quem quer que seja, mas sem forças para abrir os olhos e descobrir.

O abraço em torno do meu corpo se intensifica e sinto os meus ombros tremerem sem descanso.

Não sei quanto tempo se passa, mas de algum jeito a dor é apaziguada em termos, não quero sair desse inesperado suporte protetor, desses braços acolhedores, mas não tendo outra forma o faço.

Afasto o meu corpo desvencilhando do enlace quente, forte, protetor e abro os olhos cerrados pelo choro. Então eu vejo quem está comigo, quem me teve em seu abraço.

— Dr. Nyel?

— Vem comigo.



Eu não quero me enganar de novo
Não quero me machucar de novo
Não quero não
Eu preciso proteger meu coração
Eu não quero te entregar meu corpo
Pra depois me arrebentar de novo na solidão
Tenho medo de embarcar noutra ilusão
Tira os olhos dos meus olhos
Que eu não sou de aço
Antes que eu me enlouqueça
E caia nos teus braços
Não me tente desse jeito
Para com esse jogo
Se não vou me queimar no teu fogo
Se não for por amor
É melhor não tentar me seduzir
Eu não sei se vai dar pra resistir
A carne é fraca e você é demais
Se não for por amor
Para de provocar meu coração
Já sofri, já chorei desilusão
Brilhante falso eu não quero mais
Me diga que não vai brincar
Se me disser que é por amor
Eu vou te amar

Liandra Polinski

VIGÉSIMO SÉTIMO CAPÍTULO

O caminho curto é feito em silêncio, o que é ótimo porque preciso disso para me estabilizar, embora seja difícil quando se está de mãos dadas com o médico das pessoas que mais ama no mundo.

Tudo isso é tão assustador quanto atípico e mais ainda estranho, mas não tenho como recuar nesse exato momento, então deixo que me leve seja lá pra onde for.

— Então você é evangélico?

Pergunto quando ele me arrasta para uma lanchonete de esquina, sentamos numa das mesinhas de ferro, o lugar é tão bonitinho, sempre quis vir aqui, mas embora não deva ser tão absurdamente caro o lanche, ponderei que a grana faria falta no final do mês quando cada centavo é contado.

— Sou.

— E frequenta uma igreja pertinho da minha casa?

Arregalo os olhos para a coincidência.

— Na verdade não.

Ele passa a mão na nuca.

— Visitante então?

— Hum... hoje não.

Inclino a cabeça e o observo.

— Eu te segui.

Levo uns minutos para entender.

— O quê?

— Você saiu do hospital tão fragilizada que não resisti.

— Não te vi no hospital hoje.

— Pedi para a médica do plantão anterior me fazer o favor de conversar com você.

Molho os meus lábios ressecados. Só então noto as

suas roupas, calça e blusa polo brancas.

— Por que não você?

Ele desvia a sua atenção para um casal que desce de uma moto estacionada a pouca distância de nós e senta em outra mesa da lanchonete.

O lugar tem mais três mesas ocupadas, em uma delas as garotas não param de olhar para o cara lindo que me acompanha.

— Acho que... só não consegui.

— Não entendo porque, imagino que como médico dá notícia ruim deve ser algo com uma frequência assustadoramente.

— Deus sabe o quanto.

— Então por quê?

— A neutralidade profissional é uma utopia Dyla.

Uma garota jovem se aproxima e anota os nossos pedidos depois que nos deu tempo para analisarmos o cardápio.

Noto como a sua face fica vermelha enquanto observa o Dr. Nyel, ela chupa os lábios, acho que sem ter noção do quanto está sendo ridícula porque ele sequer a olha.

— Eu quero cheeseburger com suco de laranja e acerola.

Digo.

— Pra mim baconburger com batata frita e coca cola.

Dr. Nyel pede sem desviar o olhar do meu.

— Logo trago.

Ela anota o que pedimos no bloquinho e nos olha uma última vez com certa curiosidade, assim como as demais clientes que o viram pacientemente caminhar comigo mesmo que os seus passos largos sejam muito maiores do que os meus lentos arrasta pés.

— Não entendi.

Reinicio o nosso diálogo interrompido. Ele respira

pela boca de modo nervoso. Aliás ele está extremamente nervoso.

— Você e sua família não são estranhos pra mim.

— Tem haver com você ser o médico que resgatou a minha mãe ou algo que tenha tido antes com a minha irmã?

Seu maxilar fica extremamente enrijecido. No ônibus tive o meu tempo de levar as coisas a um cenário diferente do que fiz ultimamente, ponderei sobre a possibilidade deste homem ter atravessado o caminho da minha irmã antes da tragédia que a acometeu, não é uma coisa corriqueira mas também não pode ser descartada. Pela a forma como me olha neste momento, bem foda-se vida de merda, acho que não fui longe com as minhas deduções.

— Ambos.

Fecho os olhos quando as minhas suspeitas são confirmadas.

— Você conheceu Bruna antes do acidente.

Não é uma pergunta. É a vez dele fechar os olhos brevemente.

— Conheço a sua irmã a muito tempo.

— Amigos?

Ele nega com a cabeça e eu perco o controle do ar.

— Namorados?

A mesma garota retorna com os nossos pedidos, olho para os lanches com um cheiro incrível, parecem deliciosos. Ele faz o mesmo, mas nenhum de nós toca nos lanches.

— Eu não iria tão longe.

— Então o quê?

— Relação sexual casual.

— Você quer dizer que fodiam sem compromisso.

Também não é uma pergunta, até porque está pra

além de subentendido.

— Isso.

— Pensei que fosse evangélico.

— Crentes também fazem sexo.

— Não desse jeito.

— Os afastados sim.

— Não é mais evangélico?

— Sou...

Ele passa a mão no cabelo.

— Mas estou num período rebelde.

— De onde se conhecem?

— Uma colega dela da faculdade é a ex de um primo meu.

Seco as mãos trêmulas no meu jeans.

— É por isso que a olha daquele jeito?

— De que jeito?

— Você a ama?

— Eu...

— Você ama a minha irmã Dr. Nyel ou ela não passou de uma foda de momento? Bem, pelo visto momentos.

Pergunto sem saber o quão a sua resposta pode me afetar.

— Não a amo Dyla, não se tratava disso.

Alívio e raiva me tomam.

— Por que estamos aqui?

— Eu não consegui permanecer longe de você como deveria.

— O quê você quer dizer com isso?

— Posso ter me apaixonado por você Dyla.

Ele aperta o cerco as nossas mãos entrelaçadas sobre a mesa, quero verdadeiramente remover a minha da dele porque por mais que pareça certo pelo visto não é, mas simplesmente não consigo.

Estou uma gelatina sob a forma humana, os meus nervos em frangalhos, o coração batendo tão descompensado que chega a causar dor.

Apaixonado por mim? Deus! O cara é direto, mas de um jeito muito intempestivo, não prepara a pessoa antes de jogar uma coisa como essa no ar, nem parece o profissional que recriminou o delegado exatamente por isso a um tempo atrás.

— Nossa, você é direto.

— Lido com a vida e a morte, sei dar valor a cada segundo do meu dia, meu trabalho me fez entender que o momento certo é o agora, porque o amanhã pode não existir.

— Por que apenas não me ofereceu uma carona?

Ele aperta a ponta do nariz num gesto nervoso.

— Você aceitaria a carona de um praticamente desconhecido?

— Nos conhecemos a seis meses, então sim, sei quem você é.

— Ninguém conhece realmente o outro nessa vida.

Digitalizo o seu rosto expressando sem palavras que concordo com o que disse, ele entende, é claro.

— Posso aceitar isso.

— Espero que sim.

— Como sabia onde eu estava?

— Segui o ônibus com o meu carro.

— Por quê?

— Sabia que você estava precisando de alguém contigo nesse momento.

— E esse alguém supôs ser você.

— Quero acreditar que sim.

— O quê você quer de mim Dr. Nyel?

— Por favor me chame de Nyel, e o que quero acho que está bem evidente.

Umedeço os lábios novamente, minha respiração é rasa e as vezes cortante.

— Não sou a minha irmã, somos completamente diferentes.

— Sei muito bem disso, assim como sei como isso tudo vai parecer a quem está de fora, mas não te conheci antes, não foi uma questão de escolha do que era certo, só um encontro cronologicamente fora do habitual e com alguém importante para uma das partes envolvidas.

— Não sou uma substituta à altura para a Bruna.

— Não é isso o que procuro.

— O quê procura?

— Por você, exatamente como é.

— Não vou suprir o seu sentimento conturbado por ela.

— Nunca tive esse tipo de sentimento que imagina por sua irmã.

— Como não?

— Era só sexo Dyla.

— A minha irmã não é assim.

— Você não conhecia bem a sua irmã se diz isso.

— Está chamando a minha irmã enferma e sem ter como se defender de puta?

— Eu não disse isso.

— Insinuou.

— Não, eu disse que sexo pra Bruna não era romantizado.

— Quanto tempo?

— Não sei dizer ao certo, quase dois anos, talvez?

— Vocês estavam fodendo a quase dois anos?

— Por aí.

— Como era entre vocês?

— Nos encontrávamos por aí ou um ligava para o outro para sugerir que rolasse.

— Simples assim?

— Pra quê complicar quando é só o sexo que importa?

— E o cara que ela estava como carona no dia do acidente?

Ele treme um pouco, sinto por nossas mãos entrelaçadas.

— Júlio, era meu amigo, nosso, melhor dizendo.

O mesmo que morreu, penso.

— Um amigo em comum que ela sabia que era afim dela.

Ele completa.

— Você sabia que ela estava com ele? Digo, no dia do acidente.

— Sabia que estavam voltando juntos da festa.

— Que festa?

— O celular dele começa a tocar insistentemente, parecia que ele iria ignorar ou recusar, mas como médico sei que não pode fazer isso, não na maioria das vezes, dessa forma fazendo uma careta acaba atendendo.

— Alô.

Alguém grita do outro lado da linha, ele leva as mãos ao rosto e xinga alguns nomes feios baixinho, algo pra si próprio.

Ele me olha com pesar, entristecido, meu coração dá

um pulo atlético no meu peito.

— Desculpe Dyla preciso ir.

Ele diz já se levantando.

— Não pode ficar mais um pouco?

Preciso saber sobre essa tal festa em que Bruna estava antes do acidente. Ele firma os punhos fechados nas laterais do seu corpo.

— Chegaram várias ambulâncias por conta de um acidente de ônibus na estrada, com feridos graves e meu tio está surtando.

Contra isso não há argumentos, dou-me por vencida ainda que chateada, mas não o culpo, não por isso, mas talvez pelo o que viria depois do que estava me contando, algo me diz que não estou equivocada sobre isso.

O vejo ir até o caixa da lanchonete para pagar por nossos lanches, quando retorna de pé na minha frente inclina-se e me beija nos lábios, é um encostar sutil, mas com um significado enormemente intenso.

— O quê foi isso?

— O meu modo de dizer que quero você pra mim e não vou desistir de nós porque no meu passado me envolvi com a sua irmã.

— Não sou como as outras garotas.

De cabeça baixa olho pro meu pé.

— Estou bem com isso.

— Tem certeza?

— A sua deficiência física não torna você quem é, não completamente, não a define Dyla, pode ser uma parte sua, mas não totaliza a pessoa que é. E eu me apaixonei por quem você é, na sua totalidade, por tudo que você é, sem exceção.

— Não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada, basta sentir.

— Eu sinto.

— Pra mim é o que importa.

— Seu tio é aquele médico bravo daquele dia em que discutiu com o delegado?

Seus narinas se dilatam.

— Odeio como aquele miserável do delegado baba por você.

Gargalho.

— Isso não existe.

— Infelizmente existe sim, o quero longe de você.

— Gosto dele.

Nos seus olhos enxergo faíscas, críspas em preocupação.

— Não desse jeito, ele apenas é bom pra mim.

— Ele é um delegado, não um missionário Dyla.

Ele joga a cabeça pra trás.

— Tio César é irmão do meu pai.

— O seu pai é médico também?

— Não, meu pai é engenheiro, a minha mãe é médica.

— O seu tio parece bem rigoroso.

— Não é mais do que o necessário, nem tanto quanto o meu pai, só o suficiente para demonstrar que é a autoridade ali.

— Ele é o diretor do hospital?

— Não, é o diretor clínico do pronto socorro.

— Como ficamos agora?

— Vamos terminar essa conversa o mais breve possível, ok?

— Ok.

— Aqui.

Ele retira uma quantia de dinheiro da carteira.

— Pra quê o dinheiro?

— Chame um táxi e vá segura pra casa.

— Não precisa.

Digo empurrando o dinheiro na sua mão.

— Não seja orgulhosa, aceite.

— Não estou sendo orgulhosa, é que você sabe, moro pertinho.

— Mas está sendo teimosa, sei onde mora.

Ele pisca sexy, estremeço porque lembro de como sabe onde moro, estava lá no socorro da minha mãe.

Ele ergue o meu queixo com o polegar, percebendo a minha reação.

— Não estou falando desse dia, mas de alguns outros que fiquei no carro na frente da sua casa tomando coragem pra bater na sua porta.

— Você fez isso?

— Eu fiz.

— Você parecia tão indiferente a mim.

— Você já deveria saber que as aparências enganam mocinha. Nunca estive indiferente desde o dia em que pus os meus olhos em você.

O celular dele começa a tocar novamente, então ele volta a inclinar o corpo e rouba mais um beijo, só que dessa vez é um de verdade ao qual retribuo.

— Segura.

Ele aponta para o dinheiro em sua mão que acabo

pegando porque algo me diz que ele não deixará que seja diferente.

— Você vai ficar bem?

Ele avalia o meu rosto.

— Vou fazer o meu melhor.

— Posso te ligar mais tarde?

— Claro que pode, grava o meu número no seu celular.

— Eu te ligo.

Franzo a testa, sei que isso acontece.

Ele sorri.

— Privilégios de acesso às informações de familiares dos pacientes.

— Isso não é crime, usar dessas informações para uso pessoal?

— Culpado.

Mais uma vez ele inclina-se e lá vamos nós pra outro beijo.

— Que tal me prender por esse delito um dia na sua cama?

Bato de punho fechado no tanquinho dele, dor não senti, mas acho que a minha mão nele teve um efeito mais quente do que eu pretendia, então num ato ousado passo as minhas mãos pela aquela região do seu corpo uma vez mais, posso sentir a pele por debaixo da camisa esquentar e os músculos enrijecerem.

— Dyla...

Sua voz vem rouca.

— Traz as cordas doutor que posso realizar a sua fantasia.

Ele fecha os olhos e rosna para o celular tocando.

— Tenho...

— Vá.

— Esteja preparada para a minha ligação.

— Conte com isso.

É tudo que digo além de o observar seguir até uma caminhonete preta, entrar e partir. Ainda não acredito no que acabou de acontecer, se for um sonho não quero despertar.

Analiso os nossos lanches intocados e faço sinal para a garota pedindo que embrulhe pra viagem.

Talvez mais tarde consiga comer algo, por agora perdi completamente a fome, ou talvez esteja com outro tipo de fome.



O que a gente faz agora?
Quando não há o que falar
Apaga a luz
Deixa somente a dos teus olhos
Pra me acender
Sonhos pelo céu da boca
Qual estrela deve ser você?
Na imensidão
Onde a paixão da gente mora
Num beijo seu, num sonho meu
Será que o nosso filme tem final feliz?
E aconteceu, você e eu
Ninguém sabe dizer como você diz
Apaga a luz
Deixa somente a dos teus olhos
O que a gente faz agora?

Marina Elali

VIGÉSIMO OITAVO CAPÍTULO

Quando cheguei em casa ao descer do táxi a primeira coisa que fiz foi acender as velas, a luz ainda estava cortada por alguns atrasos pendentes.

Tirei a minha roupa de rua e tomei um banho frio, claro, antes de comer o lanche e deitar um pouco no nosso sofá que ainda que

desconfortável tinha jeito de lar pra mim.

Acho que acabei cochilando mais do que deveria porque despertei com a coluna pedindo socorro pelos buracos do sofá.

Estava indo pro quarto quando o meu celular tocou, mesmo com as chamas das velas foi difícil encontrar o aparelho e quando isso aconteceu o treco silenciou.

Xinguei baixinho quando vi na tela um número desconhecido que supus ser do Nyel e bufei horrores quando lembrei que não tinha crédito para retornar a chamada.

Com os olhos lacrimejantes segurei o celular e voltei a sentar no sofá, porque a essa altura o meu sono vinha na contramão da cama.

Nem dez minutos passaram para o celular voltar a tocar nas minhas mãos.

— Alô.

Disse ansiosa.

— Você disse que me atenderia.

Sua voz grossa é sexy pra caramba.

— Eu atendi.

— De rebaba.

— Cochilei.

— Putz, te acordei?

— Não, já estava desperta.

— Estou com saudade.

— Acabamos de nos ver.

— Não mesmo, isso foi a horas.

— Hum entendi, você é do tipo chiclete.

— Pode ser que você tenha razão.

- Quem diria.
- Algum problema pra você se eu for do tipo grudento?
- Acho que sou do tipo carente.
- Você nunca me enganou.
- Algum problema pra você se eu for do tipo melosa?

Devolvi a pergunta nos meus termos.

- Na verdade estou agradecendo ao céu por isso, somos o par perfeito.

Engoli em seco, Deus, isso está mesmo acontecendo?

- Wow, calminha gostosão! Pisa no freio.

Falei pra fazer charme, uma garota tem que segurar as rédeas curtas.

- Calma, taí uma coisa que não posso prometer quando o assunto é conquistar você.

Acho que tenho coraçãozinhos nos olhos.

- Informação demais linda?
- Não é isso... é só uma questão de costume.
- Estou te sufocando antes de começarmos?
- Depende... onde você espera chegar com isso?
- Pensei em ficarmos juntinhos essa noite.

Meu corpo entrou em pane geral, a minha mão segura trêmula o celular.

- Nyel...
- Não precisa envolver sexo, sei que é cedo demais, só quero estar contigo.
- Sendo assim parece uma ótima ideia.
- Onde você está?
- Como assim? Eu te disse, vim pra casa.

— Você fica com a casa toda no escuro?

— Bem... tive problemas com a luz.

— Que problemas? A vizinhança tem luz... ah puta merda! É o que estou pensando?

Fecho os olhos e respiro fundo, meu rosto está em brasas.

— Contas atrasadas.

Silêncio.

— Você está ficando no escuro por que cortaram a energia elétrica da sua casa?

— Trocando em miúdos, é isso mesmo.

— Por que não me disse antes?

— Por que eu diria algo tão pessoal a um estranho?

— Se me lembro bem foi você quem disse que não éramos estranhos, que nos conhecíamos a seis meses.

— Como médico da minha mãe e irmã.

— Não acredito que está passando um aperto desse.

— Vai por mim, isso é bem comum para nós pobres.

— Nós pobres?

— Isso.

— O quê eu sou então?

— Classe A.

— Classe A?

— Como nota de boletim escolar.

— Hoje em dia os boletins têm suas notas em números e não em letras.

— Force a sua memória e irá me entender.

— Tudo bem espertinha, registrei o recado.

- Ei?
- Oi!
- Como sabe que a minha casa está no escuro?
- Lembra das minhas idas à frente da sua casa para tomar coragem de bater na sua porta?
- Sim, então já deveria ter acostumado com a escuridão, estou a dias assim.
- Eu vi a casa no escuro algumas vezes, mas achei que pra não ficar sozinha estava dormindo com algum familiar.
- Não tenho família além das duas pessoas que estão no hospital.
- Sinto muito baby.
- Mas... como sabe que estou no escuro agora? Supôs isso?
- Não, estou aqui do lado de fora, finalmente tomei coragem de bater na sua porta.
- Aqui... agora?
- Abra a porta pra mim querida.



Deixa eu dizer o que o amor me faz
Pra que esconder se eu te quero demais
Deixa eu fazer meu sonho real
O que eu penso em você já não é normal
E não me leve a mal se o amor chegou
Não depende de mim
E agora não dá mais, você me conquistou
A vida é assim
Eu abri meu coração
E você entrou aqui
Eu não pude dizer não
Nem percebi
E qual é a solução
Se você já está em mim
Quando me vi, te amei

Rouge

VIGÉSIMO NONO CAPÍTULO

Quando parti para o pequeno quintal para abrir a porta e receber a minha inesperada visita algo me dizia que estava desprotegendo o meu coração ao tocar naquela maçaneta, mas nunca fui boa intuitiva então com o ar falhando nos meus pulmões fiz assim mesmo.

Quando a porta foi escancarada me dirigi ao portão e lá estava o cara que tem mexido comigo desde o momento mais difícil da minha vida que foi o socorro a minha mãe que mais tarde se juntou a notícia

do desaparecimento e a internação da minha irmã por um acidente que até agora não me teve em completo entendimento.

Nyel não é um homem qualquer e de jeito nenhum iria passar despercebido por meus vizinhos até porque nunca recebi um homem como esse aqui em casa, a não ser no momento em que nos conhecemos, muito menos sem a presença da minha mãe.

Todavia lá está ele de pé encostado na sua caminhonete turbinada com uma expressão cansada de pós plantão, onde certamente preferiria uma cama e apagar, mas não foi evidentemente o que fez ao tomar a iniciativa de vir até a mim porque diz estar com saudade apesar de ter poucas horas que nos vimos.

Eu estaria mentindo se dissesse que por mim tudo bem, que me sinto honrada com o seu gesto, não que não seja de tudo verdade, mas as circunstâncias e o lugar me deixam um tanto quanto resabiada.

Esse cara pode ter qualquer mulher que queira, olha pra ele, tem o conjunto completo, beleza, inteligência e dinheiro, mas prefere vir atrás de uma garota manca, pobre e quase sem estudo, um médico e uma faxineira de shopping na mesma página é enredo de algum romance certamente ou se não for está prestes a virar.

Acontece que a muito tempo aprendi a lição, caras só se aproximam de mim pra zoar com a minha vida, jamais pra adicionar algo benéfico.

Passei por momentos como este o bastante para desistir de tentar, de sonhar com o amor, na verdade de sonhar com a maioria das coisas, porque preciso proteger o meu coração, ainda mais nesse momento em que está fragilizado com as únicas duas pessoas que tenho lutando contra a morte.

E tem algo mais, Nyel é um médico que acabou de desembarcar de um monstro de carro, o treco é sofisticado no modo bruto, um veículo de certo importado que deve custar caro pra caralho.

Se o carro dele é assim imagina a casa ou apartamento em que mora, senão estamos falando de mansão ou cobertura.

Em contrapartida temos a minha pobre casa alugada caindo aos pedaços, com morfo e goteiras pra tudo quanto é lado, marcas persistentes deixadas por antigos moradores, paredes descascando, vidros quebrados, pisos rachados, móveis pré-históricos em sua maioria com partes faltando ou desfazendo a olhos nem muito observadores.

Para piorar a situação ainda tem o constrangimento da luz ter sido cortada, então se o homem cansado desejar simplesmente terá que tomar banho frio num box pequeno demais para o seu corpo grande e musculoso, fora usar um sabonete barato que praticamente não tem perfume, sem falar que não posso lhe oferecer sequer uma água gelada porque a geladeira veio ao falecimento sem a energia elétrica, e se o cenário está terrível tem mais o fato de que não posso servir um café porque não tenho pó pra fazer e mesmo se tivesse o gás acabou pela manhã e não tive dinheiro para reabastecer.

O mais corriqueiro convite para sentar no sofá será um desastre porque cheira a suor nosso e de todos que já passaram por essa casa, fora os buracos, basta jogar a sua bunda nele e o seu corpo afunda num espaço fedido.

Tem a minha cama no entanto, sempre tem essa possibilidade, com um espaço mínimo porque é uma de solteiro, com um colchão rasgado com espuma escapando pelo lençol velho e desgastado com um travesseiro não muito diferente.

A minha mãe diz que as pessoas têm que gostar de você pelo o que é e tem a oferecer, palavras bonitas, mas a realidade é bem mais barra pesada de se enfrentar.

Encostado no carrão, uma perna sobre o tornozelo da outra, braços cruzados sobre o peito largo, cabelo desalinhado, cabeça inclinada sutilmente para o lado, dentes cravados no lábio inferior, olhar penetrante como se pudesse ler a minha mente, essa é a imagem que tenho dele neste exato momento.

E Deus me ajude, porque estou com a cabeça girando e com o corpo desfalecendo pelo descontrole das minhas pernas.

— Está pensando demais, trave o que quer que seja, qualquer

maldito medo, que a está levando a se afastar de mim.

Sorrio triste, porque é inevitável que isso aconteça, se não eu a vida fará isso eventualmente.

— Não, pare agora, esse pensamento não vai nos dar o que queremos um do outro, respire e me deixe fazer parte disso querida.

Sufoco um gemido frustrado.

— Apenas me convide pra entrar e me faça companhia Dyla, não vim esperando um hotel cinco estrelas nem nada do tipo, não me importo com nada que te preocupa sobre o estado dessa casa, não foi por nada disso que vim, foi por você.

— Como... sabe?

— Venha cá querida.

Ele abre os braços num convite que eu prontamente aceito, meu rosto acomoda-se no seu pescoço, o meu corpo junto ao seu, que me abraça forte.

— Eu apenas sei querida.



Ouvi tua voz
Quando eu não pude falar
E vencer qualquer distância
Pra te alcançar
Não vou partir
Mesmo quando eu me perder
Ser maior que o horizonte
Pensando em você
Pela verdade em mim
Que você enxergou
Por todas as vezes
Que você me mostrou
Que é hora de viver
Por todo sonho a realizar
Por todo amor em seus olhos encontrar
Por todo o errado que virou o certo
Por toda a força, ter você por perto
Não ser o fim
Em cada curva que chegar
Eu atravesssei desertos
Pra te ver passar

Liah Soares

TRIGÉSIMO CAPÍTULO

— O que vai ver lá dentro não é o seu habitat natural Dr. Nyel.

Disse a ele quando estávamos na porta a um passo de entrarmos.

— Dr. Nyel? Hum, só por isso merece umas palmadas nessa bunda linda.

O olho sob à luz vinda das velas.

— Você acha minha bunda linda?

— Eu te acho toda linda.

— Mesmo com a... deficiência?

— Não começa, pare por aí mesmo.

— Os seus amigos vão achar normal você ter um caso com uma garota como eu?

— Você fala como se fosse uma bizarrice em duas pernas.

— Não é o que sou de certa forma?

— Não pra mim.

— Não será dessa forma que as pessoas vão encarar o que quer que seja isso entre nós.

— Ninguém tem que meter o bedelho na nossa vida.

Desisto de continuar erguendo o muro que nos separa por quem somos, porque paro para pensar um pouco e decido pelo agora.

Como se já não nos bastassem as outras pessoas lá fora e seus preconceitos, trabalhando como operários na elevação de barreiras entre os casais que não se ajustam de acordo como a sociedade espera, aquela que lida como se fosse a dona da porra toda, afim de decidir com quem nos encaixamos.

— Bom... bem vindo ao meu mundo então, sente-se.

Embora o meu discurso mental ainda permaneço com um pé em falso e outro recuado para a situação à minha frente.

Ele guia-se pela claridade vinda das velas e senta-se no sofá velho, caindo no maior dos buracos do estofado.

— Caralho! Que merda é essa?

— Móvel de pobre.

— Parece que caí num buraco.

— É porque caiu.

Observo o seu grande corpo mover-se para o outro lado do sofá onde sabia que havia outro buraco menor, só que dessa vez com uma tábua dura que machuca a carne da bunda.

— Puta merda? Tem um pau na minha bunda?

Prendi o riso.

— Absolutamente correto doutor.

E mais uma vez o vi cair no buraco do outro lado.

— Se quiser tomar um banho o nosso serviço é a frio, água pra beber só na temperatura ambiente e torneiral, estamos em falta do cafezinho.

Mesmo estando parcialmente escuro o vi semicerrar os olhos.

— Sei o que está fazendo.

— Ah é... então o que é?

— Não vai dar certo, me mostrar o quão ruim é a sua condição de vida não vai me afastar de você.

Dou de ombros.

— Só estou te mostrando a minha realidade.

— A mesma que posso melhorar, amanhã vou pagar as contas atrasadas, todas de todos os tipos, também quero te tirar o mais breve possível desse lugar.

Vi vermelho.

— Está vendo aí Dr. Nyel, mal entrou na minha casa e já viu que não tem como permanecer aqui.

— Para de merda, só acho que merece viver num lugar

melhor, mas se quiser fico aqui com você, permanecer onde você esteja, isso é tudo.

- Não sou uma prostituta para pagar as minhas contas.
- Claro que não é, se fosse não estaria dizendo isso, só lhe pagaria pelo valor das horas de sexo. E pra abranger o seu conhecimento sobre mim, não pago por sexo. Simplesmente não preciso disso querida.
- Complete a frase... porque você tem uma tonelada de garotas na fila de espera pra foder com você.
- Pode até ser, mas não estou interessado. Só quero uma garota, e pra sua sorte ou azar, é você. Agora vou aceitar aquele banho frio que ofereceu, só me deixe pegar roupas limpas no meu carro.
- Falando no seu carro, essa casa não tem garagem, é um bairro perigoso, não sei se é seguro deixar o turbinado do lado de fora.
- Tenho seguro, fique tranquila quanto a isso. Vou pegar algumas coisas no carro e já volto.

Ele sacou o celular do bolso e caminhou com a lanterna de algum aplicativo deste ligada.

- Caralho maldito!!!
- O quê foi?
- Bati com o pé em algo, quando desviei bati com o joelho em outro lugar.
- Ainda bem que é médico.
- Sou médico querida, não sou imune a dor.

Eu também não... e sinto que vai doer muito o dia que isso entre a gente finalmente terminar, porque não sou tola a ponto de acreditar que um homem como esse nasceu pra ser meu.



Preciso não dormir
Até se consumir o tempo da gente
Preciso conduzir um tempo de te amar
Te amando devagar e urgentemente
Pretendo descobrir no último momento
Um tempo que refaz o que desfez
Que recolhe todo o sentimento
Que bota no corpo uma outra vez
Prometo te querer
Até o amor cair doente
Prefiro então partir a tempo de poder
A gente se desvencilhar da gente
Depois de te perder
Te encontro com certeza
Talvez no tempo da delicadeza
Onde não diremos nada
Nada aconteceu
Apenas seguirei
Como entrada
Ao lado teu

Nana Caymmi

TRIGÉSIMO PRIMEIRO CAPÍTULO

— Cacete que água fria!!!

— O inferno congelou, porra!!!

— Aí droga, meu ombro!!!

— Cortina idiota!!!

Da porta do banheiro fico ouvindo os xingamentos de Nyel lá de dentro, como eu disse, escuro, água fria, box pequeno.

— Querida, não consigo encontrar a toalha que deixou pra mim, aqui está escuro pra caralho.

Ele abre a porta dando de cara comigo bisbilhotando o seu banho e eu com ele nu e molhado trombando o seu corpo grande no meu.

— Coloquei no ferro que prende a cortina do box.

— Tarde demais, agora quero enxugar o meu corpo junto ao seu sequinho.

— Bem... devo avisar nem todas as partes do meu corpo estão sequinhas te vendo assim como veio ao mundo, acho compreensível, certo?

Em troca por minhas palavras audaciosas recebi um rosnado e o meu corpo foi levado bruscamente à parede do corredor com o dele me prensando com o seu peitoral quente pelo efeito do tesão, nem parecia que havia saído do banho frio.

O pau dele estava tão duro que cheguei a ofegar quando roçou em mim e muito mais vezes depois quando se firmou potente entre as minhas pernas, mesmo com o meu short do babydoll entre nós, parecia que iria furar o tecido que nos separava e entrar com tudo.

Sua boca tomou a minha com possessividade enquanto me instruía a rodear a sua cintura com as minhas pernas, precisei de ajuda por minha deficiência e essa veio sem esforços da parte dele.

Não deve ter ficado uma imagem bonita como nos filmes, a posição das minhas pernas não eram simétricas e sensuais em torno do corpo dele, mas dane-se, nunca pareceu tão certo estar com alguém, içada por um homem, devota a um corpo.

O beijo parecia vindo de uma fera faminta, os seus lábios grossos se apoderam dos meus, dentes e língua me excitam exigindo por mais, então eu fiz, retribui a sua selvageria.

Suas mãos buscaram as minhas comandando que estas o tocassem de forma maldosa e libertina.

Não teve um traço de timidez quando toquei no corpo dele, cada parte, cada centímetro de pele sendo explorada por meus dedos e unhas.

— Mais... dê-me mais querida.

Ele era o líder e exigia mais a cada toque.

— Oh mulher, você quer foder com a minha cabeça, porra!

Nyel não contava com a minha falta de calcinha quando rastejou a mão pra dentro do meu short e os seus dedos tocaram no meu clitóris.

— Molhada pra caralho, olha como os meus dedos escorregam, que cheiro você tem excitada querida, bom pra caralho.

Dedos habilidosos, feitos para darem prazer a uma mulher, senti um deles entrar em mim, mas não muito fundo, então parar, a minha cabeça estava jogada pra trás quando percebi o recuo da invasão.

— Que foi? Por que parou?

O ar quente da sua respiração penetrou na minha boca e um som rouco engasgado veio quando escorreguei por seu corpo e agarrei o seu pau, masturbando-o.

Nossa, que pau duro, longo e grosso, nunca tive nada perto disso a ponto de entrar em mim.

Dá pra sentir as veias pulsando entre os meus dedos, quanto mais eu aperto, mais tenho a resposta que preciso.

Acaricio as suas bolas com uma mão e masturbo o seu pau com a outra com ele me segurando numa posição estranha mas que não faz nenhum de nós recuar.

— Por favor querida, diminui, vou acabar gozando na sua mão e o mínimo que espero é que seja na sua boca.

— Quer que eu te chupe gostoso?

— Depende.

— Do quê?

— Você é virgem?

Em um segundo a nuvem do tesão se afasta da minha mente e mágoa a substitui. Sei que a dúvida dele está mais ligada a minha deficiência do que qualquer outra coisa.

— Não, nem perto disso.

Pensei que ouviria um som de alívio, mas o que veio foi um grunhido feroz.

— Não gostei disso, me mata saber que outro cara te teve.

— Outros.

Suas mãos foram para o meu cabelo puxando a minha cabeça pra trás para que pudesse se apoderar do meu pescoço com lambidas e mordidas até que foi descendo e abocanhou um dos meus seios com uma força absurda.

Sou tomada por dor e prazer, ele alterna de seio e grito com as suas mamadas que rivalizam com mordidas e lambidas, ele suga fazendo uma sucção poderosa sem deixar um momento sequer de brecha para o meu raciocínio trabalhar.

— Nunca mais outro cara te toca, não me faça fazer merda querida, não deixe isso acontecer, não gosto de saber que foi tocada antes, mas agora que é minha me mataria.

— Sua?

— Minha.

Sua boca, língua, dentes, mãos estão pra tudo quanto é lugar do meu corpo, ele aperta a minha pele tão forte que deixará manchas roxas.

- Onde é o seu quarto querida?
- Pensei que você tivesse dito que queria ficar comigo, apenas, nada de sexo.
- Mudei de ideia.



Não existiria som
Se não houvesse o silêncio
Não haveria luz
Se não fosse a escuridão
A vida é mesmo assim
Dia e noite, não e sim
Cada voz que canta o amor não diz
Tudo o que quer dizer
Tudo que cala fala
Mais alto ao coração
Silenciosamente eu te falo com paixão
Eu te amo calada
Como quem ouve uma sinfonia
De silêncios e de luz
Nós somos medo e desejo
Somos feitos de silêncio e som
Tem certas coisas que eu não sei dizer

Marina Elali

TRIGÉSIMO SEGUNDO CAPÍTULO

Suas palavras ecoam nos meus ouvidos, ele realmente parece gostar de mim, sente ciúmes dos poucos homens que se interessaram de alguma forma por mim e agora quer transar comigo.

Com todas as opções que alguém como ele com certeza tem por que eu? Pra outras mulheres como a minha irmã Bruna isso pode ser normal, mas pra mim parece demais.

Impossível não desconfiar que talvez seja algum tipo de aposta, quem sabe fetiche passageiro, tudo levando-o a me descartar no segundo seguinte que conseguir o quer, para depois rir da minha ingenuidade por acreditar que seus sentimentos fossem verdadeiros.

Todavia como das outras vezes que sofri essa humilhação, como posso me negar a viver esse fiapo de felicidade que me propõe, mesmo que só dure o seu tempo?

— Primeira porta à esquerda, alguns poucos passos e estamos no meu quarto.

— Quanto mais perto melhor.

Ele me espreme uma última vez contra a parede, seu corpo grande e bruto contra o meu.

Ainda que tenha tomado banho consigo sentir o cheiro do seu perfume caro misturado com o do meu sabonete barato.

Isso não pode dar certo, Deus me guie para juntar os meus cacos quando todo esse conto de fadas acabar.

Entretanto quantas garotas como eu chegaram a esse ponto em suas vidas? Quantas tiveram um homem como esse com tesão por seus corpos a ponto de gozarem a qualquer momento? Então o negócio é o seguinte, foda-se o amanhã.

Se a posição e a penumbra escondem o meu sorriso de satisfação, o meu gemido denuncia o quanto aprecio o seu tratamento bruto.

— É assim que você gosta?

— Sim, bem assim querido.

Respondo mordendo um dos seus ombros e arranhando o outro. Ele arranca comigo porta à dentro no cômodo escuro, a pouca claridade que vem da janela mal consegue contornar o nosso vulto.

Mata-me porém ter consciência de que todo esse sonho molhado vai ter sumido sem rastros quando eu acordar pela manhã.

Quer dizer, talvez perpetuem os rastros, mas apenas

pra um de nós, no caso serei a portadora dessas lembranças por resto da minha vida, não tenho qualquer dúvida quanto a isto.

Comigo aninhada em seus braços ele encontra a cama no canto, após tropeçar nos pisos rachados e quebrados pelo caminho.

Noto que analisa a situação, como quem arquiteta algo muito importante, como consegue não sei, mas comigo no colo e no escuro arrasta a cama pra longe da parede.

— O que você está fazendo?

— Siiihhh, quietinha que eu sei o que faço.

Então me coloca nela, mas não me deita suavemente como esperei, nada disso, sou posta de quatro sobre o colchão surrado com uma de suas mãos me segurando firmemente pelo cabelo.

Algo frustrante me vem, pela minha deficiência não vou aguentar ficar nessa posição por muito tempo, logo virão as câimbras e as dores.

Sinto um tapa forte no meu traseiro e logo outros surgem em seguida, ele aperta forte a minha carne e a esbofeteia depois.

— Isso é por não ter me esperado pra ser só minha.

Nyel marca a minha pele com a impressão de seus dedos me tomando como sua, enquanto firma meu corpo na posição que exige, cada apertão, tapas e agora mordida são possessivos.

— Aiii!!! Porra!!! Esse caralho dói!!!

Tento me debater mas ele me mantém no lugar.

— Porra é o que você vai ganhar no final nessa boquinha suja, se você não se comportar. Ou melhor querida, ao contrário, porque algo me diz que é uma putinha na cama que ama engolir porra.

— Ei! Vai com calma aí grandão! Você é intenso pra caralho cara.

Tento rastejar para fora da cama, mas ele não permite

que eu saia do lugar.

— Já te disse que você é minha.

— Nyel... aahhh...

Ele enfia a sua mão livre, a que não está fincada na minha cintura, por entre as minhas pernas me fazendo silenciar no meio da frase.

— Puta merda!

Primeiro esfrega os lábios da minha boceta através do tecido do shortinho, depois fecha a mão os apertando, moendo a carne com gosto, como um perverso.

— Nem pense em dizer que não está gostando, você está molhada de tesão.

Não controlo o meu corpo que responde fechando as coxas nas suas mãos, aumentando o atrito naquele lugar, ao mesmo tempo que requebro o quadril freneticamente quando percebo o seu rosto enfiado na minha bunda como um gato à procura da sua dona, sinto os seus dentes perfurando a minha pele e a língua molhando o tecido, o que me faz gemer de prazer e rebolar como uma puta sem vergonha.

— Eu... eu...

— Tá fazendo o quadrado pra mim safada, para o seu homem?

Estou num estado de tesão que faria qualquer coisa que ele me pedisse, mas mordo o lábio me recusando a responder, mesmo que minha cabeça involuntariamente acene com um sim.

— Responde!

Ele não me dá um novo aviso, em vez disso afasta o tecido só o suficiente para enfiar dois dedos na carne receptiva que se dilata para recebê-los e os prende logo em seguida, de uma forma enlouquecedora, nos pontos certos do meu prazer, num treinamento para ordenar o seu pau.

— Meus dedos deslizaram com tanta facilidade para dentro de você que chega a ser desconcertante.

Sinto os seus dedos apertarem as laterais do meu corpo e depois aos poucos descenderem o meu short.

Beijos são traçados no caminho e uma única e potente lambida quando abriu as bandas da minha bunda.

Seu corpo pesado me cobre quando monta em mim, seu pau faz um percurso reconhecendo onde pretende estocar.

— Não vou durar muito na primeira vez querida, tô fodido de tesão por você, vai ser bruto e forte com estocadas fundas e letais para a nossa sanidade, mas nunca será o suficiente entre nós, então nas próximas rodadas prometo tentar ser menos selvagem, saboreando cada pedaço desse seu corpo delicioso.

Sem aviso prévio seu pau já babando me invade. Viro o rosto fixando os nossos olhos.

— Não sei se sou o que espera.

— Chega dessa sua autopiedade, vou te levar a se dá valor, de um jeito ou de outro.

— É uma promessa?

— Não, é uma constatação do que virá.



Eu não sabia mais sonhar
Eu preferia só ficar
Sozinha nessa estrada
Eu esquecia quem sou eu
Eu refletia como o breu
Antes da sua chegada
Você me trouxe o porque
Me fez sorrir por merecer
Me deu seu horizonte
E a ponte pra acessar
O brilho desse sol em mim
E a coisa toda de ruim se foi
Acordo antes de você
Só pra ver o seu sorriso
Quando abre os olhos e me vê
Pronto, o dia já se iluminou
Razões pra ir em frente
Eu tenho aos milhões
E no café ao meio dia
Você prepara o que eu queria
Um beijo acompanhado de ontem
Do corpo que eu maltratei
De tanto te querer bem
Inacreditável, eu me sinto confortável ao lado seu
É que eu não sabia que a vida me traria
O que jamais me deu
A minha boca não consegue mais
Desgrudar da sua pele

Da sua saliência, dos teus saís
De tudo que emana aqui
Quando o amor a gente faz
E nunca é demais
Ah se eu pudesse descobrir
De onde vem o seu poder
Onde mora o seu mistério, o seu remédio
Prescrito para me absorver
Do mundo que ficou pra trás

Isabella Taviani

TRIGÉSIMO TERCEIRO CAPÍTULO

Abro os olhos sonolenta quando ouço o barulho da água corrente que vem do banheiro, Nyel está no banho.

A madrugada está sendo aos poucos absorvida por um novo dia que timidamente aflora entre a escuridão.

Sorrio quando lembro que ele levou um tombo quando procurava por suas coisas em busca de preservativos.

Seus palavrões possivelmente despertaram a vizinhança, mas não mais do que os meus gritos de prazer.

Na nossa primeira vez transamos sem preservativo, o que é um risco porque não uso anticoncepcional, embora nos garantirmos nunca termos feito sexo sem prevenção antes, existe sempre o risco de uma gravidez.

A verdade é que eu parecia mais preocupada com a possibilidade de engravidar do que ele, o que é bem estranho, os caras sempre têm suas pernas bambas com a possibilidade de engravidarem parceiras sexuais aleatórias, mas não este homem.

Como prometido Nyel me virou pelo avesso, nunca fui tão bem fodida, mal sinto as minhas pernas.

Acontece que o homem é uma máquina de foda e sua recuperação digna de um profissional de filme pornô.

Sorrio quando tenho o seu corpo roçando no meu de forma obscena até que praticamente senta no meu rosto com a mão movimentando o seu pau sugestivamente.

Nem mesmo se recuperou de uma gozada potente e já está com o pau na minha boca exigindo um boquete.

Só foi o tempo de um banho e lá vem o sujeito guloso, acho que se eu não tivesse tomado um banho rápido quando ele adormeceu por alguns minutos me devoraria toda melada de nossos líquidos misturados, ele não pareceu se importar durante as rodadas, mas chegou um momento em que os nossos corpos exalavam a sexo.

Ele começa a foder a minha boca com estocadas longas e lentas, sinto suas bolas batendo no meu queixo e pescoço.

Faz tempo que não faço um boquete e com certeza nunca em um pau desse tamanho.

Lembro-me das “instruções” que me deram no passado, para que transar com a aleijada não fosse um completo desperdício de tempo.

Faço o meu melhor, relaxando o maxilar e a garganta, passando a língua em volta e roçando os dentes na glândula sem machucar, babando tanto quanto possível pra facilitar que foda a minha boca.

— Com certeza de inocente você não tem nada Dyla... como chupa gostoso...hum assim... isso baby, mais fundo, mais molhado, baba no meu pau... hum... bem safada, do jeito que eu gosto.

Para me incentivar ou me enlouquecer Nyel inclina o corpo pra trás e começa a mexer os dedos no meu canal enquanto tritura prazerosamente o meu clítoris com o polegar. Ele me usa como já me usaram, mas me dá prazer como nunca me deram.

A sua experiência no sexo me deixa excitada e desconfortável, isso porque ele é muito bom no que faz, o que leva a outro

ponto, a quantidade de mulheres com quem já trepou, ciúme e insegurança circulam a minha garganta sufocando o meu sonho de termos mais do que noites como essa, mas tento absorver tudo e me deixar levar pelo agora. Pelo agora, somente o agora importa, digo a mim mesma como um mantra.

— Mas que delícia essa sua boceta, viciante pra caralho.

Ele tira sua mão de mim e posso ouvi-lo chupando seus dedos melados com o meu gosto neles, enquanto minha boceta me enlouquece se queixando do vazio em que foi deixada.

Sou retirada do colchão e novamente tenho os meus joelhos contra a espuma dura e a bunda voltada pra cima, no entanto volta a foder a minha boca, não a minha traseira como imaginei.

O homem gosta de me ter de quatro, não que pare por aí, porque me colocou em posições que nunca pensei conseguir me firmar.

Ocorre que ter uma garota de quatro parece ser uma das suas posições prediletas até mesmo na hora do boquete, o sujeito gosta de estocar, mais ainda desse jeito, o que apreciei muito, até agora.

Todavia a dor causada pela posição chegou ao ápice, vindo da virilha, se alastrando pela coxa, irradiando no joelho e finalmente alcançando o meu pé deficiente, que lateja entre câimbras e parece estar em brasa.

Lágrimas grossas e sorrateiras pela oportunidade de estarmos no escuro descem por minha face quando constato o quanto somos incompatíveis até mesmo na cama.

Nyel é um trepador feroz que exige o mesmo da sua parceira, coisa que a minha limitação pela doença me impede.

Senti ardência na pele e repuxadas dolorosas em muitas das posições, meus músculos reclamavam e meus nervos avisavam sobre a exaustão, mas me mantive forte, contudo não consigo mais permanecer na posição que ele parece ter tara em foder.

Meu rosto queima de vergonha pelo anúncio de cortar a onda do cara, não acho que outra que tenha fodido antes o tenha dito pra ir mais devagar.

Quando se tem um homem desse sobre você tudo o que vem a mente é para que te foda com força e bruto o suficiente para chegar perto do desfalecimento.

No entanto cá estou eu a um passo de pedir para que reduza a velocidade, desacelere a máquina de sexo.

Como vou poder me igualar as outras mulheres quando não consigo suportar uma maratona de sexo?

Ele não parece notar a minha angústia, porque o seu pau permanece entrando e saindo da minha boca.

Baba e pré gozo escorrem por meu queixo quando este remove o seu pau da minha boca.

Ele esfrega os dedos molhados do que limpa do meu dedo, aproveito a oportunidade para recuperar o fôlego e me apresso a impedir que seus dedos lambuzados tomem o lugar do seu pau na minha boca.

— Nyel, o meu corpo nessa posição está me matando de dor.

O sinto estremecer com as minhas palavras, ofego em constrangimento.

— Pela minha deficiência.

Esclareço, seguro o choro, mas não o suficiente.

— Eu te avisei que não sou como as garotas que você fode por aí, tenho limitações severas.

Engulo em seco, sufocando um eminente soluço.

— Desculpe, mas por favor preciso deitar.

Sinto mãos amáveis cercarem o meu corpo com preocupação e carinho.

— Por que você não me falou antes?

Tento me desvencilhar dele em vão, porque sou protegida por seu corpo cada vez mais que tento me afastar.

Nyel me toma nos seus braços e volta a me colocar

deitada de costas na cama, me cobrindo com o seu corpo.

— Achou o quê? Que não iria ter dificuldade em foder com uma deficiente? Novato no assunto, hein?

Debato de encontro ao seu aperto sobre o meu corpo.

— Eu não sabia que estava lhe infligindo dor com as minhas investidas, a questão são algumas posições ou a penetração?

Ele diz calmo e sem sinal de frustração ou irritação como no passado ocorreu com outros caras.

— Algumas posições, mas a de quatro mais de uma vez parece ter sido a pior.

— Não fazemos com você de quatro, sem problemas.

— Sem problemas? Todo homem tem essa tara por foder uma mulher de quatro e ficou bem evidente que não é diferente com você.

— Não vou negar...

Bufo.

— Como se fosse possível.

— Gosto pra caralho dessa posição...

Fungo no seu peito enquanto passo as pontas dos meus dedos nos seus músculos que se retraem quentes ao meu toque.

Seus corpo é uma obra de arte, mesmo tendo uma visão parcial por conta do escuro, posso sentir, até mesmo o seu suor é afrodisíaco.

— Mas infinitamente gosto mais de estar dentro de você, mais do que de qualquer outra que tenha passado na minha vida, a posição é só um detalhe do todo baby.

— Não posso tirar algo assim de você.

— Podemos diminuir o tempo em que permanece nessa e em outras posições ou fazer papai-mamãe, desde que seja

você em torno do meu pau tanto faz.

— Até quando?

— É só uma questão de conversarmos, você me deixa à par das suas limitações e pronto, seguimos daí em diante.

— Como acontece com todas que você fode, certo?

Digo amarga.

— Não estamos aqui pra falarmos das outras que passaram por minha vida, muito menos dos caras que assim fizeram na sua, mas sobre nós.

Fecho os olhos.

— Da próxima vez não vai ter mais momentos como este, você tem que dizer quando passo dos limites aceitáveis pelo o seu corpo.

Meu coração está descompensado.

— Nada de inibições, sem essa entre nós, seremos francos e diremos ao outro o que nos incomoda.

Suas mãos estão firmes no meu rosto.

— Estamos nos adaptando um ao outro, faz parte de todo relacionamento.

Ele seca as minhas lágrimas com os seus polegares.

— Sexo pra mim é prazer à dois, não estou aqui pra ter o meu em detrimento do seu, não sou um sádico, não curto essas merdas, aprecio sexo intenso mas normal, íntimo mas respeitando que existem barreiras, somos humanos e não bichos, por mais excitados que possamos estar não justifica esquecer que isso envolve muito mais do que prazer, envolve sentimentos.

— Não sirvo pra você...

Sua mão cobre a minha boca e sinto o ar quente da sua respiração no meu ouvido.

— Já te avisei que não vai me fazer desistir de você.



Eu me lembro sempre
Onde quer que eu vá
Só um pensamento
Em qualquer lugar
Só penso em você
Em querer te encontrar
Lembro daquele beijo que você me deu
E que até hoje está gravado em mim
Quando a noite vem
Fico louca pra dormir
Só pra ter você nos meus sonhos
Me falando coisas de amor
Sinto que me perco no tempo
Debaixo do meu cobertor
Eu faria tudo pra não te perder assim
Mas o dia vem e deixo você ir

Ivete Sagalo

TRIGÉSIMO QUARTO CAPÍTULO

Os dias passam velozes em torno de nós onde mal assimilamos a maioria dos acontecimentos, apenas vivemos o que conseguimos capturar.

A minha mãe permanece com o quadro instável, teve algumas recaídas, mas normatizou, depois voltou a declinar.

Já a Bruna passa por um momento de tirar as

esperanças de qualquer ser racional, o seu quadro é estável, mas mórbido.

A cada ligação do hospital o meu coração tem uma batida interrompida, ultimamente vivo a aguardar a temida notícia, seja por uma, ou por outra, ou até mesmo por ambas.

Não sou o tipo de pessoa positiva, talvez possa ser exatamente o oposto, mas sou alguém com muita fé, sei que parece uma combinação contraditória, mas é como a coisa desenrola-se diante do que me tornei depois de ser massacrada anos após anos pela vida.

Analiso o meu uniforme agora sujo de bolo de chocolate, pensado bem, chocolate com baba de moça, pensando ainda melhor na situação em que me encontro, o mesmo está sujo de chocolate, baba de moça e baba de bebê.

Sorrio para o bebê desdentado que leva as mãozinhas gorduchas ao meu cabelo numa abraço fofo e melequento.

Sutilmente faço uma careta para a mãe dele que jogou o pequeno ser no meu colo no instante em que o marido a presenteou com uma música que Elson canta para o casal apaixonado no seu sei lá quantos anos juntos.

— Bá... qué qué... bá...

— Hum, garotão? Mal sou íntima do português carinha, tenho um grau de estudo digamos estacionado por minha questão financeira, acha que entendo a língua dos bebês?

— Cô... cô....

— Bom, boa deixa, acho que entendi enfim, bela dica, você lambuzou a fralda de cocô, não foi?

Avalio os olhos escuros e o cabelo loirinho, o bunda fedida é muito lindinho mesmo, mas puta merda, está com a fralda pesada e com um cheiro muito ruim.

Observo ao redor e não avisto a sua desmiolada mãe, também a praça de alimentação está com lotação máxima, pra conseguir um lugar para sentar precisa esperar por algum tempo em que os que ocupam as cadeiras desprendam os traseiros delas.

— Ok, o que faço contigo?

— Uuu... na na na...

— Você fica bem como mamãe.

Dou um pulo quando ouço a voz grossa vindo das minhas costas, viro para dá de encontro com um Dr. Kleber pra lá de lindo no melhor estilo militar largadão.

— Delegado, quanto tempo.

Ele sorri e pega na mãozinha do bebê que o olha com desconfiança. Esse bebê é muito macho para não cair nos encantos do delegado.

Tem algo de muito sexy numa mão grande e calejada envolvendo a mãozinha de um bebê.

— Não sabia que você tinha filho.

Arregalo os olhos, a situação um tanto quanto desconfortável, troco o peso de uma perna para outra, a dor de ficar de pé com um bebê pesado no colo enraizada sob a minha pele a ponto me fazer querer sentar em uma dessas mesas até a mãe irresponsável tirar a criança dos meus braços.

— Nãoooooo, não é meu, é de uma cliente.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Está fazendo extra de babá?

— Não mesmo, apenas o carinha fralda suja foi arremessado no meu colo de um instante pra outro sem prévio aviso.

Dr. Kleber leva os dedos ao nariz e balança a cabeça.

— Ele tem um fedor desconcertante.

— Nem me fala.

Sem querer solto um gemido de dor, o delegado olha para os meus pés e para o bebê entendendo a situação.

Sem mais tira o bebê do meu colo e o entrega a um

outro homem parecido com ele só que com mais idade que veio ao seu encontro.

— Aqui pai, para recordar os velhos tempos.

A semelhança entre ambos é realmente impressionante. Os dois são morenos, quer dizer, os cabelos são escuros assim como os olhos, mas as peles são claras, tem um tiquinho de toque oriental nos traços dos seus olhos, mas para por aí, são altos e fortes.

— Então me dê netos, não um bebê cagado desconhecido.

O senhor sorri pra mim e joga a cabeça pra trás gargalhando alto, passa a mão no cabelo e me olha fixamente.

Nossa, não sou ligada a coroas, mas esse, senhor bom Deus, que sujeito de tirar o fôlego.

Sinto o meu rosto queimar quando percebo que pai e filho me analisam com um certo teor de cobiça.

Nossa! Dei-me estabilidade nas pernas e foco no pensamento. Que calor, caramba. Alguém desligou o ar condicionado desse lugar?

— Pai, essa é Dyla, uma... amiga.

— Prazer jovem, Wallace.

Lol! Que sorriso de descer calcinhas encharcadas, misericórdia. Ele tem covinhas nas bochechas. Como resistir a esse homem?

— O prazer é todo meu.

Quando a sua pele toca na minha sinto um arrepio, algo erótico passa rapidamente por minha mente.

Sr. Wallace percebe, sei que sim, talvez tenha sentido a mesma conexão.

Conexão? De onde veio isso? Balanço a cabeça para limpar essa ideia tola da minha mente.

Uma ruga profunda nasce entre as sobrancelhas do delegado que de supetão coloca-se entre o pai e eu.

— Devolva o bebê para a Dyla papai.

Ele olha o relógio no pulso.

— Temos que ir.

Quando vamos tirar o bebê do colo do Sr. Wallace, o carinha nega-se a cooperar.

— Sangue doce.

Sr. Wallace estala a língua e a passa pelos dentes superiores, depois morde seus lábios grossos.

Um suspiro fica preso na minha garganta, acompanho o movimento dos seus dentes prendendo o lábio inferior com malícia.

Desperto do transe com o arranhar de garganta do delegado que tem os punhos fechados nas laterais do corpo e uma carranca no rosto que me faz dá um passo pra trás.

— Acho que ele gostou de mim... talvez possa ficar mais um pouquinho por aqui, o quê acha Dyla?

Pareço um peixe tentando respirar fora da água, merda.

— É, pode...

Verifico um lugar vago para o sujeito sentar e não encontro nem uma banqueta sequer.

— Sem chances pai, já conseguimos encontrar o que viemos buscar.

O delegado acena com o queixo. Só então noto algumas sacolas de compras encostadas na parede ao lado.

— Gosto da música.

Sr. Wallace aponta para o pequeno palco onde Elson canta.

— E da companhia.

Aponta pra mim, quando me entrega um bebê pra lá

de resmungão. Acho que o meu rosto está em chamas igual ao do protagonista do filme motoqueiro fantasma.

Dr. Kleber parece bem desgostoso com as palavras do pai, eles se olham por alguns segundos, e vou dizer uma coisa, faíscas estão no ar, posso dizer que um bom diálogo saiu dessa encarada de um para o outro.

Sr. Wallace dá de ombros.

— Tá bom estraga prazeres, você venceu, vamos embora.

Sr. Wallace dá uma piscadinha, sem em nenhum momento desviar o seu interesse em mim.

— Melhor trocar a fralda do pacotinho loiro.

Ele aponta com o queixo para o ser pequenino que se remexe querendo ir pro chão, abro a boca para dizer que tem razão e que vou procurar a mãe do bebê quando passos apressados surgem em nosso encalço.

A mãe do bebê reaparece com o rosto corado e suada, parece fascinada com os homens ao meu lado. Quem a culpa afinal? Não por isso.

— Querida, obrigada pela ajuda.

Aceno um “tudo bem”, mas parecendo um “fazer o quê”, ela enrugando o nariz com o bebê já em seus braços.

— Magno... meu filho, essa fralda precisa ser trocada urgentemente.

Com essa deixa sai com o bebê nos braços, muito provavelmente para o fraldário do shopping, o seu marido se junta a mesma com uma grande bolsa infantil nos ombros.

— Querida, vou partir, mas volto para conversarmos melhor, agora preciso deixar o meu velho em casa.

— Velho? Quem você está chamando de velho filho cretino, eu?

Sr. Wallace aponta com o indicador para o próprio

peitoral largo.

— Posso ser chamado de velho Dyla? Acha que essa descrição condiz comigo? Olha bem pra mim, diga se não estou inteirão, dando um olé nos meus dois filhos.

Tento responder que... bem... o homem é tudo de bom, a idade parece ter apenas somado status aos seus ombros, porque está pra lá de conservado no formol, poucas marcas de expressão, cabelo levemente grisalho, porte atlético.

Entretanto mal consigo me despedir do homem porque o delegado o arrasta de qualquer jeito para longe de mim.

— Tchau Dyla, até mais.



Que tal abrir a porta do dia, dia
Entrar sem pedir licença
Sem parar pra pensar
Pensar em nada
Legal ficar sorrindo à toa, toa
Sorrir pra qualquer pessoa
Andar sem rumo na rua
Pra viver e pra ver
Não é preciso muito
Atenção, a lição
Está em cada gesto
Tá no mar, tá no ar
No brilho dos seus olhos
Eu não quero tudo de uma vez
Eu só tenho um simples desejo
Hoje eu só quero que o dia termine bem

Luciana Mello

TRIGÉSIMO QUINTO CAPÍTULO

Hoje não está um dia legal pra mim, estou com muitas dores no pé e com cólica menstrual.

O meu absorvente vazou e sujou a minha calça do uniforme, Alexandra não está aqui porque trocou o turno para resolver umas questões pessoais e agora me vejo perdida sem ter a quem recorrer.

Analiso as opções e todas me deixam com uma careta

no rosto, chamar Beto ou Elson? Nem pensar, o quê faço caramba?!

Sinto o sangue escorrer por minhas perdas, a calcinha suja, já troquei o improvisado absorvente de papel higiênico não sei quantas vezes e nada segura o fluxo.

Droga! Droga! Droga!

Bom, pelo menos agora tenho uma parcial certeza de que não estou grávida, afinal isso não conclui nada, mas é uma boa deixa.

Êêêêêê... rosno.

Passo as costas da mão na testa em desespero, que enrascada Dyla. Por que mesmo não comprei um pacote de absorventes de melhor qualidade?

Ah sim, vejamos, estava o dobro do preço? Claro que foi por isso, fodida de bolsos vazios.

Foi o pacote todo com oito absorventes em quatro horas de trabalho, o maldito "o barato sai caro".

Escuto um gemido angustiado em uma das separações do banheiro, alguém está lá sofrendo naquele cubículo fétido.

Aproximo do lugar e o choro se intensifica, ouço os seus soluços e desconcertada resolvo bater na porta.

— Oi, o que se passa aí?

— Caí fora!

— Como assim? Você parece precisar de ajuda.

— Não preciso.

— Deixe-me ajudá-la.

— Vá à merda!

— Muito maduro mocinha, seja lá quem você for.

— Não reconhece a minha voz?

— Hum, na verdade não.

— Depois sou eu a deficiente desse lugar.

— Bem... então temos algo em comum.

— A sua deficiência é lamentável garota, mas não leva as pessoas a chamá-la de burra.

— Que tipo de deficiência você tem? Aliás quem é você?

A porta abre e dou de cara com a Tamara, a ex do Elson que trabalha no McDonalds, seu rosto muito branco está avermelhado, seus olhos azuis perderam o brilho e o cabelo loiro gruda no rosto.

Seu aspecto pouco atraente de certo vem do seu sofrimento, mas também do suor e gordura de fritar batatas e carnes o dia todo.

Ela me encara com o queixo empinado me fichando de cima à baixo.

— Sofro de deficiência intelectual.

Sinto o meu rosto inclinar para o lado em questionamento.

— Que diabos é isso?

Ela rola os olhos e vai até a pia lavar as mãos.

— Segundo o meu gerente é sinônimo para retardo mental.

Pisco sem entender, a garota a minha frente parece o que a sociedade chama de... normal? Ela bufa e joga as mãos para cima.

— Cacete não me olhe assim.

— Assim como?

— Está me comparando a uma ameba, pare de me julgar.

Aponto para os meus pés deficientes.

— Acha que posso fazer julgamentos?

Ela senta-se no banquinho e leva a cabeça entre as pernas.

— Desculpe pelo meu mau humor.

— Quer desabafar?

- Do quê adiantaria?
- Tente, você pode se surpreender.
- Bancando a conselheira?
- Não, só repassando a minha experiência.
- Sobre?
- Antes eu era muito fechada, mas hoje consigo compartilhar com a minha melhor amiga...

Ela solta faíscas pelos olhos quando cito a Alexandra. Ah merda! Que mancada Dyla, isso é sério? Foda-se! É assim que pretende ajudar a garota? Falando da atual do seu ex?

- Então... acho que não dei o meu melhor. Podemos recomeçar?

Digo prendendo o cabelo num rabo de cavalo.

- Não suporto nem olhar pra cara daquela garota.

Mordo o lábio pensando como dá o próximo passo uma vez que estou pisando em ovos.

- Ela não é o tipo de pessoa que você pensa.
- Claro.
- Sei que Elson e Alexandra estão tendo um rolo, mas o cara estava solteiro afinal, o lance entre vocês já é passado e...
- A fofoca aqui rola solta, que caralho de lugar!
- Sei que deve doer ver o ex com outra mas...
- Mas o quê?
- Eu... eu...
- Alguma vez se viu numa situação como a minha, hein?
- Não, mas...
- Porque pelo o que estou vendo fez o dever de casa direitinho e sabe que fui abandonada por ele no altar.

- Alexandra tem uma história parecida.
- Ah que beleza... então posso trocar figurinhas com a filha da puta de como os homens são infiéis por natureza, certo?
- Não acho... não quis dizer...
- Oh não... espera...

Seus olhos estão dramaticamente arregalados.

- Ela está trepando com o meu ex, dito isto, foda-se, não vai rolar o nosso papinho de garotas. Que pena, estava contando com isso pra continuar vivendo, seguir em frente, você sabe.
- Pode ser comigo então... o tal papinho de garotas.
- Para você levar tudo pra ela, nem fodendo, saí da minha frente.



Me olha diferente
Me abraça e não sinto seu calor
Sozinha então me sinto
Seu jeito me ferindo o coração
Eu perdendo a razão
Você, bela página de um velho livro
Não vou mais te esquecer
Assim morre outra vez meu coração
Nessa estrada onde eu caminho só
E o céu que se abriu pra gente se amar
Ficou cinza e de repente se escondeu de nós
Onde a gente se perdeu queria tanto achar
E me lembrar, eu só queria te amar
Não, não vale a pena perder o amor, que pena
Não posso não, não consigo não
Quero a nossa vida, de volta
A alegria que soltou da minha mão

Laís Yasmin

TRIGÉSIMO SEXTO CAPÍTULO

— Não quer descer e conhecer os meus colegas de trabalho?

Pergunto quando Nyel para em frente a entrada do shopping para me deixar para o turno da manhã de sábado.

Ele passa as mãos pelo cabelo e avista a janela.

— Não vai dá linda, tenho um compromisso.

— Qual?

— Um profissional, vou representar a direção do hospital em um evento beneficente.

— Sempre que te convido para ir a algum lugar comigo você diz que tem um compromisso.

— Ei, pode parar com isso, pura consistência.

— Bom, então podemos ir ao cinema mais tarde, que tal?

Seu olhar foge do meu, fecho os olhos, mas continuo insistindo.

— Vai passar Velozes & Furiosos 9. Você gosta de filme de ação?

Seu semblante é inexpressível.

— Tenho um coquetel pra ir...

— Que horas?

— Por volta das vinte.

— Posso te acompanhar.

Seu olhar é apreensivo.

— Desculpe, o meu tio pediu que eu levasse a minha prima como acompanhante.

— Entendo.

Uma merda que entendo.

— Querida outros eventos surgirão e eu poderei te levar.

— Claro.

Inclino para dar um beijo de despedida nele, mas o sinto longe, afasto os nossos lábios e o vejo observando as pessoas fora do carro.

— Beijou-me de olhos abertos?

— O quê?

— Nyel se importa de me levar até à praça de alimentação?

Sua mão vai a nuca num gesto inquieto.

— Pode ser outro dia?

O analiso fixamente.

— Evidente, só depende de você.

Pego a minha bolsa e seguro a maçaneta da porta para sair de perto dele, mas sinto os seus dedos enlaçando o meu pulso.

— Espera...

Ele respira pesado.

— Pois não querido.

— Não fique chateada comigo, por favor.

Uma mensagem do Elson chega no meu celular pelo WhatsApp, Nyel faz sempre uma recarga de crédito para que eu possa me comunicar com ele.

"Aniversário surpresa da Alexandra amanhã, bolamos um bolo e refri para cantar o parabéns aqui na praça de alimentação, topa?"

"Lógico que sim."

"Então tá."

"A que horas?"

"Algo em torno das dezenove."

"De quem foi a ideia?"

"Minha, claro, ainda pergunta?"

"Que namorado top."

"Faço o possível."

"Elson?"

"Oi?"

"Você não desmentiu que são namorados."

"Pra mim é o que somos."

"E pra ela?"

"Nem toco no assunto."

"Por quê?"

"Tenho amor as minhas bolas."

"Kkkk, cara esperto."

"Sou fodão."

"Posso levar uma pessoa?"

"Se você está falando do seu namorado fantasma
fique à vontade."

"Ele não é meu namorado."

" Não mesmo, ele só é o cara que te come no
anonimato."

"Não quero discutir isso com você de novo."

"Sem problemas, vai em frente sendo o lanchinho da
madrugada do imbecil."

"Cuide da sua vida."

"Só não quero te ver sofrer, se isso acontecer a minha
garota irá sofrer porque são amigas, e Alexandra realmente se importa com
você."

"Sei o que somos uma para a outra."

"Traga o cara."

"Deixa pra lá."

"Não querida traga o sujeito."

"Vou tentar."

"Pelo menos o conheceremos de uma vez, estou
ansioso por isso."

"Calminha aí, vai assustá-lo."

"Nada perto do que farei se ele te machucar."

"Já disse que você fica sexy bancando o protetor?"

"Quando o traste te deixa na seca, diz algumas vezes, até pega no meu tanquinho, pensa que não noto o desejo estampado no seu rosto?"

"Vai sonhando."

"Poderia dizer ao seu dispor, mas sou fiel a minha garota."

— Com quem está teclando?

— Elson.

— O que o cara quer?

— Um convite.

— Que tipo de convite?

— Um encontro.

Nyel já está com a mão na maçaneta para sair do carro.

— Brincadeira bobo!

O seguro indo para o seu colo, o sinto estremecer e olhar para fora da janela.

— Fomos convidados para o aniversário surpresa da Alexandra amanhã à noite.

— Nós?

— Isso, sei que está de folga e...

— Troquei o plantão com o Cássio.

— Sério? Você não me disse nada.

— Esqueci.

— Não dá pra fugir um pouquinho?

— Você sabe que não, deixa pra próxima, baby.

- Quando vai me levar pra conhecer o seu pai? Pensei ter me dito que ele queria me conhecer.
- Ele quer, vamos planejar algo mais à frente, desce querida já está atrasada.

Desço do carro sem sentir o meu coração, ainda que saiba que ele permanece no meu peito, batendo apaixonadamente por ele.



Quem me dera ter
Força pra essa dor
Não arder mais
Mas como faço?
Longe de mim você está
E isso só me faz lembrar
Que nem tudo é fácil
Mas, se eu deixar pra lá
Vai escurecer
Dentro de mim
Esse sentimento
Não vou deixar pra lá
Vou fazer de tudo
Pra aceitar
Que você saiu daqui
E agora longe de mim
Você está
Deixa que o céu
Vai me contar
Como faz pra ser feliz
Eu não vou desistir
Nesse novo mar
Que você está
Que as ondas te entreguem
Num bom lugar
Onde você possa ser feliz
É o que eu quero
Pra você

Tive medo
Criei monstros
Acostumei achar
Mais que sentir
E esse medo
Tremeu em mim
Só não me mostre
Nem se esforce
Aquilo que te fez
Sair daqui
Porque vai doer
Em mim

Tiê

TRIGÉSIMO SÉTIMO CAPÍTULO

O sol queima a minha pele enquanto me arrasto até o hospital, é final de mês e estou sem dinheiro para a passagem, assim saí de casa mais cedo para chegar no horário da visita no CTI.

Sinto os meus músculos sendo esticados ao máximo que o meu corpo permite, uma dor se aloja nas minhas têmporas como se a minha cabeça fosse explodir a qualquer momento.

A minha perna teima em travar a cada passo e o meu pé arrasta no chão fervendo a ponto de fritar um ovo.

A dificuldade que sinto a cada avançar é torturante, suor escorre por meu rosto e costas, o meu cabelo parece como o de quem acabou de sair do banho, isso claro deixando de lado o fator odor natural da minha pele, já que não uso perfume porque não posso comprar um.

Chego ao hospital em cima do horário extremamente nervosa, esse constante sentimento de perda ainda vai acabar comigo.

O horário de visita do CTI é sempre tenso, muito choro, perdas e fé.

Famílias se aglomeram apoiando-se uns nos outros com orações e mensagens de cunho religioso.

Por fim já me acostumei a ser a única aqui por elas, talvez o fato do Nyel está aqui presente as acompanhando tenha me feito amadurecer quanto a essa questão.

Dois médicos intensivistas se revezam para nos passar informações e orientações sobre os nossos entes queridos aqui internados. Graças à Deus hoje Nyel é um deles.

Ser... bem... o que quer que sejamos um do outro... não sei como chamá-lo... me traz o conforto de ter sempre notícias.

Todavia engana-se quem acredita que eu tenha qualquer outro privilégio por foder com o médico que acompanha o caso delas. Muito pelo contrário, Nyel é extremamente ético quanto a isso.

Somos autorizados a entrar e assim fazemos seguindo a rotina de lavar às mãos.

Aproximo da minha mãe que emagreceu demais desde a sua internação, avalio a minha irmã e noto que o mesmo aconteceu com ela.

Percebo quando Nyel chega ao lado dos leitos delas e me analisa com preocupação, mas em nenhum momento passa para quem está ao nosso redor a impressão de que temos algo a mais do que familiar de paciente e médico.

Sua postura é fria, mais congelante do que o ar condicionado ambiente, ele sequer me olha uma segunda vez se percebe que estamos sendo observados.

Toco no seu braço e o sinto desvencilhar de forma discreta.

— O que foi?

— Aqui é o meu local de trabalho Dyla.

Diz quase rangendo os dentes.

— E por isso não posso te tocar?

- Só evite, por favor.
- Não estou te agarrando Nyel.
- Está me tocando inadequadamente.
- Somos...
- Nada assumido aos curiosos.

Ele digitaliza nervoso o ambiente.

- Nunca te cobre nada.
- Sei disso.

Seu corpo distancia cada vez mais do meu. Recuo sem saber o que fazer. Só fico lá ouvindo passar o quadro clínico decrescente da minha mãe e irmã como se fosse um estranho na minha vida e não aquele que aparece nas madrugadas para dormir comigo.

- Entendeu o que lhe disse?

Aceno.

- Se não posso repetir.

Levanto um braço e o paro.

- Entendi perfeitamente.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

- Elas podem dizer adeus a qualquer momento, senão uma, as duas.
- Dyla...
- Obrigada por seu profissionalismo ímpar Dr. Nyel, passar bem.

Seus olhos estão em pânico quando encontram os meus.

- Dyla...

Ele fecha os olhos.

- Desculpe-me só estou fazendo...

— O seu trabalho, eu sei.

Saio do CTI e encosto em busca de apoio na parede que leva ao corredor de acesso à saída.

Duas enfermeiras cochicham, mas não se importam com a minha presença.

— Então... você sabe da última fofoca circulante pelos corredores do hospital?

— Se é o anúncio do noivado do Dr. Nyel com a Dra. Ingrid já é notícia velha.

A minha vista fica embaçada e o meu coração descompensa no peito.

— Nada disso, eu soube que vão se casar porque ela está grávida.

Tremo tanto que tenho dificuldade de engolir a saliva que vem amarga a minha boca.

— Mentira!!!

— Depois verifica as fotos no grupo do WhatsApp da enfermagem.

— Fotos de que?

— Um coquetel que eles foram representando o chefinho do pronto socorro.

— Droga, preciso ver isso!

— Eles formam um casal lindo, precisa ver a cara de apaixonado dele nas fotos.

Já não consigo escutar mais nada, saio correndo pelo corredor estreito até que chego a portaria do hospital sem saber pra onde ir, divago na minha dor quando trombo num peitoral duro.

— Dyla?

— Sr. Wallace?

Reconheço o pai do Dr. Kleber que conheci no shopping.

— O que aconteceu?

— Por favor me tire daqui.

Sou acolhida em braços fortes enquanto caminhamos para o estacionamento, pra bem longe de onde as únicas pessoas que tenho estão aos poucos morrendo, pra bem longe do homem a quem entreguei o meu coração, aquele que o fez em pedaços.

Continua...



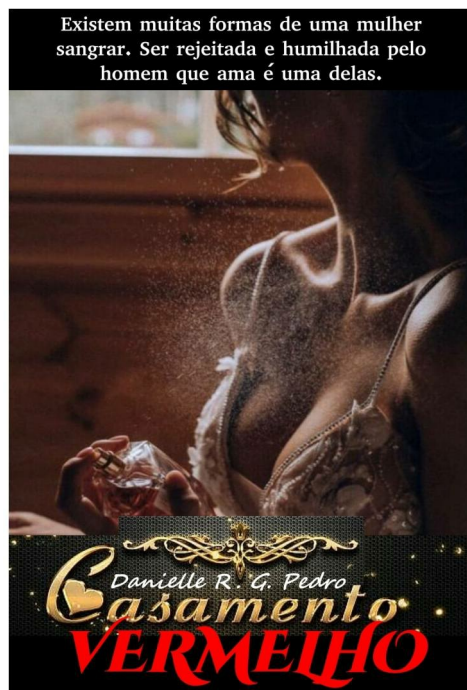
Vol. 2 de Perdas & Danos

Em que momento o amor pode transformar uma vida vazia?

Qual o preço à ser pago para não desistir desse amor?

Nyel Pessanha é um médico que levou um grande tombo da vida quando presenciou Dyla Marques, a mulher que amou no passado, voltar a sua vida como namorada do seu pai, a mesma que foi levado a abandonar sem olhar pra trás agora está de volta para tornar cada segundo do seu dia uma tortura ainda maior do que a dor que carrega por nunca tê-la esquecido.

Outras Obras:



Casamento Vermelho conta a história de um amor que começa no passado, na verdade na infância, e desenrola-se em um intenso triângulo amoroso no presente.

Chintel, o lindo, sexy e cobiçado postar, líder e vocalista da Eagle on the Ground, a banda de rock de maior sucesso no momento, vê-se completamente apaixonado pela designer de perfumes Heloá, uma mulher casada que é rejeitada e humilhada pelo marido Jacob, o piloto gato, gostoso e arrogante, com o maior número de vitórias nas pistas de stockcar, seu amor desde criança, que tem o seu coração nas mãos de Vivian, uma promoter de eventos, a qual teve que abandonar para casar-se obrigado pelo pai.

A luta por um amor não correspondido e o conectar de duas almas prometidas pelo destino. Uma história emocionante que mostra que o inesperado pode ser o que você sempre buscou para si.



“Naele estava tão ferida que não percebeu quando o amor chegou, porque tudo que via era a traição que sofreu”.

Um Dia Depois de Amanhã conta a história de um casal marcado por um desejo de vingança que nasceu de uma traição no passado.

Também fala de estupro, aborto, depressão na gravidez e Síndrome de Down.

Formada em Direito a 2 anos, Naele segue estudando para realizar o seu objetivo que é ingressar em um concurso público federal.

Assim inscreve-se em um curso preparatório para concursos junto com a melhor amiga Lucca.

É nesse curso que conhece o professor Kyler. A atração entre os dois é palpável tamanha a intensidade.

Acontece que Kyler, que já traz consigo um histórico de vida castigado pela negligência dos pais que o levou a uma cena de estupro quando criança, é um cara casado. E o que é pior, ele é casado com Laura, prima de Naele, a mesma que não fala desde que traiu a sua confiança

ao ter um caso com Josme, seu ex namorado.

É nessa armadilha do destino que Naele vê em Kyler a oportunidade perfeita para vingar-se da prima por sua traição no passado.

Um amor que nasceu de uma vingança pode manter-se vivo?



Vol. 1 de Legado Sombrio

O livro conta a história de duas almas que sobrevivem na escuridão, ele como um ser imortal, ela como uma humana, ambos nunca buscaram à luz, essa veio até eles quando o amor os encontrou.

Um amor que levou séculos para acontecer, mas que encontra no presente inimigos perigosos e um ex apaixonado, que trazem à tona o instinto protetor dele para com a mulher da sua vida.

Karina Barnes tem um passado que pensa ser desconhecido por Lucas Lewis, acontece que ela mesma não faz ideia do quanto desconhece sobre o seu próprio passado.

Agradecimentos:

Bom, em primeiro lugar sou extremamente grata à Deus pelo dom da escrita a mim concedido. Quem me conhece sabe como sou uma leitora voraz. Hoje poder ter outros tantos assíduos das linhas de um livro como eu lendo uma obra minha, sinceramente não tem preço.

E logicamente sou imensamente grata ao meu esposo e ao meu filho pelo apoio incondicional. Eu sei como posso ser enlouquecedora com o meu radar sempre pronto a captar ideias novas para futuros livros. Além claro, dos meus momentos fora do ar quando estou criando.

E como não poderia ser diferente, a minha indiscutível gratidão a minha mãe, que hoje tenho certeza que está junto à Deus cuidando e olhando por mim.

E finalmente à vocês leitores, da Amazon ou do wattpad, por acreditarem que entre tantas obras disponíveis hoje no mercado de ebooks, que valia a pena optar por uma das minhas obras. Espero ter retribuído a sua confiança.

Sobre a Autora:

Sou Brasileira, natural do Rio de Janeiro, descendente de italianos, casada e mãe. Assim como Bacharel na área de Ciências Humanas e Sociais.

Confesso ser uma leitora insaciável, assim como uma escritora incansável, e por fim, uma apaixonada por música. Essa combinação fica mais do que notória em meus livros.

Sou uma romântica assumida. Amante de romances eróticos, mas que também tenham uma pegada fofa na sua descrição.

As vezes acredito que é a leitora em mim que escreve em certos momentos, quando a autora dá passagem, para que em cada nova história encontre o que sempre quis ler em um livro, e evidentemente, isso faz com que nasçam novas obras a cada dia em minha mente.

O que posso dizer mais sobre mim?

Bem, tenho uma personalidade fácil e difícil, simbolizando uma balança, tudo depende do momento e da pessoa em questão.

A melhor forma de me descrever é que sou tão enigmática de compreender como o próprio amor, mas ainda assim sou fiel aos que conquistam o seu lugar no meu coração, talvez seja essa a explicação por ter os que importam sempre ao meu lado.

Divulgação:

Wattpad:
@DanielleRGPedro

Instagram:
r.g.pedro

Facebook:
Danielle R. G. Pedro

Grupo do Facebook:
Dê Asas a Sua Leitura
Ler Necessidade da Alma

Contato:
daniellergpedro@gmail.com